ANNO XXIV — N.° 5
Rio, 1 de Fevereiro de 1930
PREÇO: 1$000

preparado da CASA BAYER, famoso em todo o mundo.

Ella allivia as dores e restitue ao paciente o seu estado de saude normal.

En toda a parte os medicos receitam-n'a, porque ella é, além de efficaz, absolutamente inoffensiva.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

O SABIO DOUTOR PYTHAGORAS

O muito illustre e não menos sabio professor Pythagoras Malheiros de Albuquerque, doutor em sciencias mathematicas e socio correspondente das academias de Sing-sim, Pel-ho, Hores-ford, Putrinoserum, etc., etc., etc., meditava profundamente sobre os novos methodos e theorias da "verdadeira mathematica, até então desconhecida, e que elle iria revelar ao mundo ignorante.

Tanto o absorviam as complicações numericas, que não percebeu no ar insolente do cobrador de passagens, que lhe reclamava, pela quarta ou quinta vez, os duzentos réis do bilhete.

Não que elle fosse um dos frequentes distrahidos, quasi sempre distrahidas — que não vêem o cobrador, toda a vez que tomam um bond...

Não! O sabio e douto professor Pythagoras Malheiros de Albuquerque prezava, acima de tudo, a sua reputação de "mestre em sciencias mathematicas" e de homem honesto.

A verdade é que soffria de uma distracção profunda, incuravel, que o mergulhava frequentemente num abysmo sem limites.

Contavam-se casos veridicos de incriveis distracções do velho e sabido mestre.

Muitas vezes, havia elle sahido á rua com o cabide no braço, deixando a bengala dependurada na parede, ou com os oculos no bolso e a caixa dos ditos presa ao nariz.

Seus inimigos, não achando brécha por onde ferir esse Rolando dos numeros, inventavam distracções incriveis que attribuiam ao rival famoso. Chegaram ao extremo de dizer que, em plena rua, ao levar o lenço ao nariz, o dr. Pythagoras havia deixado o lenço no rosto, guardando no bolso trazeiro o muito respeitavel apendice nasal...

Pura calumnia, obra vil de detractores soezes.

Era muito distrahido o insupeitavel doutor, mas não attingira ainda a esses lamentaveis extremos de distracção.

Por certo que um dia, ao preparar-se para uma solenne conferencia, inadvertidamente raspou a sua veneravel cabelleira branca, deixando intacta a barba que pretendia abaixo...

Aconteceu-lhe isto, mas uma só vez, por simples acaso. Podia ter acontecido a qualquer outro...

Naquelle dia, o professor estava profundamente preoccupado. Viera até São Sebastião, deixando a pacata villa onde floresciam os seus formosos logarithmos e a não menos bella raiz cubica, somente para attender ao honroso convite da Imperial Academia de Sciencias Mathematicas.

Não fôra a perspectiva ansiosa de um triumpho espectaculoso que o levára á capital: — queria unicamente "restaurar a verdade dos factos", provar aos seus collegas que toda a mathematica actual não é mais que um punhado de contrasensos. Imporia ao mundo commercial e scientifico a nova sciencia dos algarismos, apoiada em bases solidas, inatacavel e sensata.

Desejava mostrar a esses professores da capital que no interior havia um homem capaz de resolver e discutir os mais bellos e supercomplicados problemas de mathematica...

E, pensando nas assombrosas consequencias provocadas pelo lançamento da sua nova escola scientifica, positiva e infallivel, seguia o sabio doutor, sem ao menos olhar para a cidade nova que substituira a velha capital onde elle havia iniciado seus passos na sublime sciencia dos numeros.

"Faça o favor, cavalheiro", disse o cobrador. "Preciso virar os bancos. O bond vae voltar."

O professor Pythagoras Malheiros de Albuquerque levantou-se, confuso. Lançou um olhar espantado ao casario pobre do arrabalde, aonde o levára a sua incuravel e profunda distracção.

Havia passado ha muito tempo pela Imperial Academia, etc., etc. Resolveu tomar um auto, e partiu para o templo dos algarismos.

Chegou.

Desceu do auto.

Esqueceu-se do pagamento, mas o homem do taxi fel-o voltar á realidade...

Ia precisamente transpôr os humbraes poeirentos da Imperial Academia de S. M. (abreviação do nome Sciencias Mathematicas), quando sentiu uma forte pancada nas costas, e a voz estridente de um velho, que lhe gritava aos ouvidos:

"Como vae o senhor Romeu Horacio Pery de Alencar? Sempre pensando nos seus livros? Estupendo o seu ultimo romance! Meus parabens, caro Romeu!"

O illustre doutor em sciencias mathematicas parou, aturdido e suffocado.

Conhecia aquelle homem. Era um velho amigo dos tempos distantes de Academia. E o sabio repetiu baixinho: "Estupendo o seu ultimo romance!"

O COMMENTARIO

Por toda a parte a ladroeira campeia. Por toda a parte o delirio do luxo e o egoismo do prazer levam os homens a procurar obter o dinheiro que lhes dê a satisfação dos gosos materiaes seja como fôr. E' um triste symptoma da epoca triste que atravessamos e que será chamada pela historia *o* Após-Guerra. *Estão destravados os instinctos e as concupiscencias, de maneira que é difficil pôr cobro ás matilhas humanas que se atiram famintas e sequiosas aos vicios mais modernos e palpitantes.*

A consequencia disso é o augmento dos crimes nos grandes centros e as explosões dos escandalos financeiros, commerciaes e administrativos. Não é só no Brasil que elles a cada passo vêm a furo. Não. Os jornaes noticiam a sua descoberta nos Estados Unidos, na Allemanha, na França e até na conceituadissima Inglaterra.

Terrivel signal dos tempos. Já é tempo dos guias de povos pensarem na therapeutica a ser applicada á sociedade. Ella acha-se bastante doente e carecida de alguns medicos energicos á maneira de Benito Mussolini...

"Que! Então elle escrevera um romance?"

E aquelle homem dissera-lhe: "Como vae o senhor Romeu Horacio Pery de Alencar..."

Abriu muito os olhos de myope, e bateu na testa, como que para afastar uma idéa absurda. Depois, corando intensamente, abraçou com alegria o antigo collega.

Dirigiram-se ao café proximo. Conversaram recordando factos, contando o que haviam feito na vida.

E, quasi ao despedir-se, o illustre professor, em rapidas palavras, descreveu ao companheiro o enredo de um romance que estava terminando.

Um velho professor de mathematicas, muito sabio, que ia á capital

O CONTO BRASILEIRO

(Continuação)

fazer uma conferencia, e punha por terra toda a sciencia dos algarismos, revolucionando o mundo, e provando o absurdo do nosso systema numerico. Havia uma descripção completa da mudança operada na vida social de todos os povos, e do ruidoso triumpho das novas verdades.

"Era um professor muito distrahido, mas um homem", concluiu, sorrindo.

Sahiram juntos do café, e o senhor R. H. P. de Alencar, depois de agradecer a agradavel companhia, tomou um auto-omnibus que o levasse á estação.

E, aos solavancos do carro, seguiu pensando na estranha distracção que se apoderára delle, a ponto de fazel-o viver um personagem de seu ultimo romance.

Sorriu desalentado, jurando comsigo mesmo nunca mais deixar-se invadir pela abstracção completa que o havia dominado.

E pensou, batendo na cabeça: "Qual! Isto já não funcciona bem. Estou ficando velho e..."

Não poude concluir.

Foi assaltado por uma chuva de ferozes golpes, vibrados com energia por uma velha que estava a seu lado.

O professor, ao pensar na decadencia do proprio cerebro, havia dado um violento soco na cabeça da megéra...

GIL MOREL

Uma viagem pittoresca

* * *

De PIERRE LOTI

A'S quatro horas, quando terminei o meu quarto, todos os botes da margem haviam partido.

Para ir hoje a terra, vou alugar uma das pirogas indigenas que vieram até cá, para transportar coco. Piroga longa, fina, talhada em flecha, "leve", (como se diz em marinha a proposito das embarcações que um sôpro de vento basta para virar ou levar longe) e já cheia d'agua.

Terei de fazer tres milhas dentro della, com remos especiaes, contra as ondas frisadas. Vae durar mais de uma hora.

— Tanto peor! Embarco e me installo. — Eu sou justamente da largura da pequena piroga. Posso occupal-a.

Partimos com grandes gritos, e os salpicos dagua me molha todo. Mas, ao fim de cem metros, os remadores parecem reflectir e param. Ahi está! Elles me acceitam como passageiro, alegremente; mas antes de ir longe, resolvem saber quanto desejo pagar...

Quando prometti de dar uma "roupie", — ou talvez mais, si elles andassem depressa, elles se enthusiasmam: abrigam-me sob um grande para-sol agasalham-me. Procuram, mesmo, distrair-me com algumas canções.

O indiano que está encarregado de cantal-as, acocorado deante de mim, bem perto, bem perto, chega a tolher-me os movimentos.

Estamos ambos sentados dentro dagua, no fundo da propria embarcação, tocando-nos os joelhos. Os nossos olhos estão mais baixos que as ondas azues, que dançam em redor. Circulamos no meio dellas — na sua intimidade, si assim se póde dizer — vendo, ás mais das vezes, por baixo dellas, como si estivessemos deitados sobre a agua, como nadadores.

Dir-se-á que se dissolveu anil dentro da massa liquida, tão azues ellas são.

Algumas vezes, passam nuvens grandes, que vem ao nosso encontro como si fossem montanhas de lapis, escondendo, aos nossos olhos, a bella linha verde que se vê longe — a India...

* * *

As canções do indiano são longas, sempre repetidas, em estribilhos; os remadores fendem a agua e lhe acompanham o rythmo.

Elle canta para mim como sabe e como póde. Grita perto do meu rosto, abrindo bem a bocca, mostrando, até lá dentro, a sua dentadura branca e perfeita.

Sinto o seu halito, que tem qualquer coisa de semelhante ao almiscar das serpentes.

Em certas passagens, não é mais um canto: é uma especie de urro, por impulsos rapidos, durante o qual os seus dentes se chocam depressa, como si o cantador tremesse.

Nesse momento, elle adquire um ar selvagem e, apezar da sua belleza, parece um verdadeiro simio...

* * *

Em logar de entrar no pequeno rio, como é de costume, nós aportamos, deante da cidade dos pescadores, no amplo caes da praia immensa.

Deixo que elles façam a manobra uma vez que nada tenho com ella.

Vamos agora mais depressa, impellidos por violentas remadas, emquanto as ondas azues se encrespam e o sol causticante nos queima a cabeça e as mãos.

* * *

... O caes immenso! A praia!

Elles saltam para dentro d'agua os meus indianos, deixando escapar gritos vibrantes; atiram a piroga para o lado dos coraes, que alli se vêem; estendem-me o braço onde me amparo, e salto para terra, dentro de uma onda imprevista, que me molha todo e me veste de espumas.

Miserias Femininas

Disse-se da mulher que ella é " a eterna mortificada ". Mas as funcções organicas não são penosas, dolorosas, senão quando se não defende o proprio organismo contra tudo quanto possa debilital-o. Enfraquecida, anémica, uma mulher não suportará senão a trôco de mil soffrimentos as pequenas miserias physiologicas, as quaes ella poderá tolerar sem nenhuma aprehensão, fazendo uso do

QUINIUM LABARRAQUE

Approvado pela Academia de Medicina de Paris

poderoso tonico cuja acção é soberana em todos os casos de depressão physica, fatiga, anemia, formação difficil, cephalalgia, nevropathia, febres nervosas. Tomado antes ou depois das refeições na dóse d'um copo de licôr, este maravilhoso elixir preparado com vinho velho de Malaga levanta rapidamente as forças, excita as secreções gastricas, produz em todo o organismo uma verdadeira regeneração.

A venda : Em todas as boas Pharmacias

Por atacado : Maison FRERE, 19, rue Jacob, Paris (6e)

O DESTINO

DE JOSÉ M. BRAÑA

DEODATO LUPIN se consideraria o homem mais feliz de quantos passeiam sua petulancia pela superficie terrestre, si dois males indesejaveis não o perseguissem: um catarro chronico e um tio rico e muito avaro, que não pensava em morrer. Mas, embora se houvesse habituado a seu terrivel catarro, não succedia o mesmo em relação a seu tio, do qual se recordava a toda hora do dia.

— Ah, que precioso auto! Si me morresse o Generoso... (Imaginem que chamar-se Generoso semelhante avaro!) Pois si me morresse o tio, eu poderia comprar um igualzinho, e immediatamente.

Ou então:

— Ah, que mulher encantadora! Com dinheiro, como me seria facil conquistal-a. Si me morresse o tio!...

Ou ainda:

— Como se deve comer bem neste restaurante! E' verdade que cobram caro, mas... Si me morresse o tio!...

E pela manhã, quando a criada da pensão lhe batia á porta, com os dedos, gritando-lhe: "Levante-se, senhor Lupin, que já é tarde!" — e elle não tinha outro remedio sinão pular da cama e vestir-se ás carreiras para não chegar tarde ao emprego, repetia a eterna canção:

— Si meu tio morresse, eu não teria que passar por estes apuros. Por que não morrerá meu tio?

Mas seu tio continuava sempre tão gordo, tão cheio de saúde, e cada vez com menos vontade de morrer.

Um dia, ao atravessar Deodato Lupin uma rua, foi atropelado por um automovel. E taes ferimentos recebeu, que ficou entre a vida e a morte. Passou dois mezes no leito. Quando se levantou, sentiu um odio mortal pelos terriveis vehiculos.

— Ah! Eu não hei de viajar nunca mais em um desses trastes. Que Deus me fulmine si eu não cumprir minha palavra.

* * *

Enamorou-se pouco depois de uma encantadora joven. Apesar de ter-lhe jurado ella amal-o até a morte, essa joven encantadora, unica nos annaes do amor, troçou delle como de um menino. E fugiu com um corredor olympico no mesmo dia do casamento, levando todas as suas economias. E então disse Deodato Lupin, num juramento a Deus:

— Que o diabo me leve si eu voltar a commetter a tolice de lançar meus olhos numa mulher!

Mais tarde, de tanto comer o que lhe preparava a dona da pensão, contrahiu uma enfermidade do estomago, e soffreu durante muito tempo, até que os medicos não quizeram mais continuar a tratal-o por terem esgottado todos os recursos da sciencia. E o pobre Deodato nunca mais poude olhar para as listas apetitosas dos grandes restaurantes. Viveu desde então a caldos limpos e chás com leite.

Esses contratempos não vieram sós. Um bello dia, atacou-o o rheumatismo, que não mais o abandonou. Outro bello dia, se lhe enfermaram os olhos, e elle não teve outro remedio sinão usar oculos de côr, vendo-se privado até do innocente prazer da leitura, de que tanto gostava. Ainda outro bello dia, em consequencia de uma explosão, ficou surdo como uma porta. Isso por pouco não o enlouqueceu. Chegou, emfim, a um estado lamentavel.

Foi então que occorreu o inesperado. Deodato Lupin recebeu um telegramma, que dizia:

"Parabens! Seu tio Generoso acaba de passar desta a melhor vida. Como era de esperar, instituiu seu herdeiro universal. Seus bens sobem a dez mil contos. Mas lhe impõe uma condição para herdal-o: que, a partir do momento em que receba a herança, deve você levar vida de rei".

DEMIR-KAIA (lenda oriental)

ALEXANDRE KYPRIM

O vento serenou. Talvez nos vissemos na contingencia de passar a noite no mar: separavam-nos da costa mais de trinta kilometros.

Nosso barco, de dois páos, se balançava negligentemente sobre a agua. As velas molhadas pendiam como trapos.

Uma neve branca nos cercava por todos os lados. Não se viam as estrellas, nem o céo, nem o mar, nem a noite. Não accendemos as luzes.

Seid-Abil, o velho patrão do barco, sujo e descalço, nos contou, com voz descansada e grave, uma antiga historia, na qual acreditei profundamente, porque a noite era tão estranhamente silenciosa, porque em torno de nós dormia o mar invisivel, porque sobre nossas cabeças se accumulavam nuvens brancas.

* * *

CHAMAVAM-NO Demir-Kaia, que significa *Pedra de Ferro*, e assim o chamavam porque elle não conhecia a piedade, nem a vergonha, nem o medo.

Era chefe de uma partida que percorria os arredores de Stamboul, a Tessalia, a Macedonia montanhosa, os ferteis prados da Bulgaria. Havia morto com suas proprias mãos, entre homens, mulheres e crianças, noventa e nove seres humanos.

Mas, uma vez, foi, com seu bando, cercado nas montanhas por uma nutrida tropa do sultão, cujos dias prolongue Allah. Durante tres dias inteiros lutou desesperadamente contra os soldados, como um lobo contra uma malta de cães. Na manhã do quarto dia, conseguiu atravessar as linhas inimigas e escapar assim do perigo. Parte do bando pereceu no combate, e os bandidos restantes foram enforcados na praça Redonda de Stamboul.

Ferido, ensanguentado, se deitou Demir-Kaia em uma caverna, onde o acolheram uns pastores. E, de repente, á meia noite, lhe appareceu um anjo com uma espada flammigera na mão. Demir-Kaia reconheceu nelle Asrail, o mensageiro da morte, e lhe disse:

— Faça-se a vontade de Allah! Estou disposto.

Mas o anjo lhe respondeu:

— Não, Demir-Kaia, tua hora ainda não chegou. Escuta a vontade de Deus: quando te levantares de se leito, desenterra teus thesouros occultos e vende-os. Depois te dirigirás para o éste e andarás até a encruzilhada dos sete caminhos. Alli construirás uma casa com vastos aposentos bem ventilados, com amplos divans, com fontes de agua pura e limpida. Terás promptas comida, bebida e tabaco aromatico para os viajantes cansados. Concederás a quantos passem por tua porta e entrarem em tua casa... lhes servirás como o ultimo dos escravos. Tua casa será sua casa, teu ouro, seu ouro, teu trabalho seu repouso. E si cumprires ao pé da letra estas determinações, chegará um dia em que Allah esquecerá teus crimes e te perdoará.

sangue de tuas victimas innocentes.

Mas Demir-Kaia perguntou:

— E como poderei saber que Allah perdoou meus crimes?

E o anjo respondeu:

— Apanha da fogueira que se está apagando junto a ti uma lenha meio queimada e coberta de cinza. Planta-a e rega-a. Quando a madeira morta se revestir de vida e começar a florescer, será signal de que a hora do perdão soou para ti.

Passaram-se vinte annos. Por todo o paiz do sultão se falava com admiração no albergue situado na encruzilhada dos sete caminhos, entre Dchidda e Smyrna. Os mendigos sahiam delle sempre com a bolsa cheia de dinheiro; os famintos, alimentados; os que soffriam cansaço, repousados; curados, os enfermos. Durante vinte annos, vinte longos annos, Demir-Kaia, todas as manhãs, havia olhado a lenha queimada, plantada por elle no pateo, mas sempre a encontrava negra, secca e morta. Os olhos de aguia de Demir-Kaia se haviam ido apagando, seu corpo fornido, encurvando-se, seus cabellos, tornando-se brancos como as azas de um anjo.

Mas, eis que, uma manhã, ouviu elle o galope de um cavallo e correu ao caminho. Montado em um cavallo coberto de espuma, marchava veloz um viajante. Demir-Kaia se lançou para elle, segurou a brida e lhe rogou:

— Meu irmão, entra em minha casa! Refrigera teu rosto com a agua limpida de minhas fontes, come, bebe e fuma um cachimbo de meu perfumado tabaco.

Mas o outro gritou, furioso:

— Deixa-me, velho! Sáe daqui!

E cuspiu na cara de Demir-Kaia, e lhe vibrou na cabeça uma forte chicotada, e continuou galopando.

O sangue orgulhoso do velho bandido se removeu nas veias de Demir-Kaia, que apanhou uma pesada pedra e a atirou á cabeça do cavalleiro. Este titubeou e cahiu do cavallo.

Horrorizado do que havia feito, Demir-Kaia correu para o ferido e lhe disse tristemente:

— Meu irmão, matei-te!

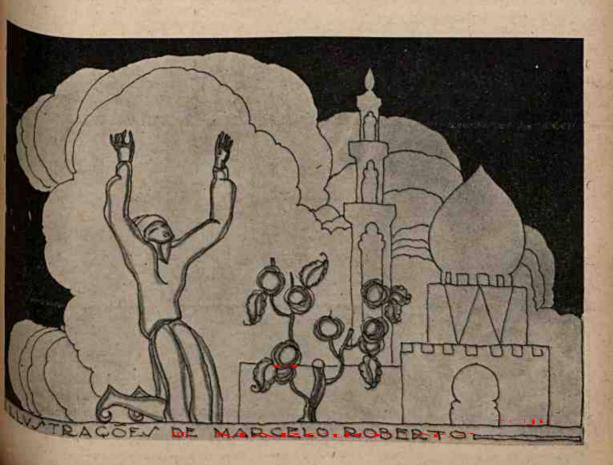
E o moribundo respondeu:

— Não foste tu quem me matou; foi a mão vingadora de Allah. Escuta. O pachá de nossa região é um homem injusto e cruel. Meus amigos organizaram contra elle uma conspiração. Mas, tentado por uma rica recompensa, resolvi trahil-os. E eis que, quando corria a denunciar meus amigos, fui detido pela pedra que me lançaste. E' a vontade de Deus. Quem me matou foi elle.

Cheio de dôr, tornou Demir-Kaia a sua casa. A escada de virtude e de arrependimento por onde elle se elevava com tanta paciencia, havia vinte annos, desmoronára de repente sob seus pés.

Desesperado, olhou a lenha negra e secca que costumava olhar todos os dias. E de repente — oh, milagre! — a viu cobrir-se de botões verdes, de folhas e de flores fragrantes.

Demir-Kaia cahiu de joelhos e começou a chorar de alegria. Comprehendera que o grande Allah misericordioso, em sua sabedoria infinita, lhe havia perdoado a morte de noventa e nove innocentes como premio pela morte de um só traidor.

M. C.

O CANDIDATO

De PEDRO THIBAUT

Em uma sessão memoravel e pesada, que assignalava o fim da legislatura, o Parlamento acabava de aprovar a concessão, ás mulheres, do direito do voto.

A nova lei começaria a vigorar desde as proximas eleições, fixadas para alguns mezes depois.

Tendo apparecido nos jornaes essa informação, verdadeiramente sensacional, Americo Sambucetti, tenor de ópera, se collocou deante do espelho da vitrine de um estabelecimento commercial, e contemplou sua figura. Elle já a conhecia, e a julgava agradabilissima. Mas áquella noite lhe pareceu admiravel.

— Dentro de tres mezes serei deputado!...

E uma voz longinqua lhe dizia, com dulcissimo accento:

— Vejo-te occupando uma cadeira de bancada!...

Um mez depois, grandes tiras de papel *gris-perle*, verde amante e azul terno annunciavam ao povo a candidatura legislativa de

AMERICO SAMBUCETTI

Tenor

O povo achou muita graça naquillo. Uma nuvem de *affiches* faziam estes commentarios:

Qual é seu programma? O tenor se diverte. De onde sáe esse rouxinol?

Americo Sambucetti respondia:

Meu programma?... Pela mulher! Pelo amor! Pela arte. Sempre novo.

Nova hilaridade de seus adversarios e nova cruzada de papel multicôr. Queriam appelar para o bom senso dos eleitores. Estavam persuadidos de que aquelle *histrião* não podia triumphar, pois não tinha representação nem autoridade politica. Afinal, o convidavam a expôr seu programma em um *meeting* inimigo.

O candidato Sambucetti não recusou o convite.

No scenario se installou deliberadamente, em um fundo vermelho puro, para procurar o contraste.

Successivamente, os candidatos *sérios*, como pequenas *marionettes*, passaram pela tribuna, expondo suas theorias.

O auditorio, composto em sua maior parte de mulheres, não manifestou sinão uma cortez indifferença: esperava Sambucetti.

Este, afinal, se levantou, e disse:

— Senhoras, cavalheiros, eleitores, inimigos politicos: *Carmen*. Segundo acto. Romanza de Don José...

Foi uma apotheose. O tenor conquistava os corações a cada nota, e se enchia de admiradoras.

Em vão o presidente agitava a campainha para serenar o estrondo. Os inimigos rugiam, exasperados. Mais de duzentos lenços perfumados haviam voado pela sala, para cahir rendidamente aos pés do cantor, como um enxame de flores voadoras cheias de amorosa emoção.

Ao terminar seu ultimo trino, Americo annunciou, com uma fleugma desconcertante:

— Meu retrato será distribuido á sahida.

Em vista desse exito retumbante, seus inimigos redobraram os insultos e as calumnias e accusavam-no de viver á custa de uma velha sexagenaria, de ser um homem doente, etc.

Sambucetti respondia:

— *Amanhã, durante a votação, o candidato Americo Sambucetti percorrerá os comicios cantando as melhores romanzas das operas de seu repertorio.*

E foi eleito por uma assombrosa maioria.

PREÇOS DAS ASSIGNATURAS:
No Rio e nos Estados
Anno .... 48$000
Semestre ..... 25$000
Venda avulsa
em todo o Brasil, 1$000.
As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON-FON
REVISTA SEMANAL ILLUSTRADA
Director: SERGIO SILVA
Redactor-chefe: Gustavo Barroso — Thesoureiro: Cyro Machado
Direcção, Redacção e Officinas:
62, Rua Republica do Perú, 62
(Antiga Assembléa)
Telephones: Director: 2-0377. — Administração: 2-4136
Caixa Postal 97
RIO DE JANEIRO

Toda a correspondencia deve ser dirigida á EMPREZA FON-FON e SELECTA S. A.
Representante em São Paulo: Empresa Americana de Publicidade Lta. Praça do Patriarcha, 8 - sob. Caixa correio 1431.
Repr. na Europa: Davignon, Bourdet & C. 9, Rua Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

O Phantasma, a Bruxa e o Moinho

De José Santugini

NO campo. De charco proximo chega o mo-
notono coaxar das rãs, e de longe, tra-
zido pelo ar morno e suave da noite, o
ladrar de um cão.

No primeiro plano, sentado a uma arvore, está
a cabeça inclinada e o corpo dobrado, está o
Phantasma. E' branco, altissimo, delgado e tran-
sparente. Quando caminha, o faz devagar, ar-
rastando as cadeias que pendem de sua cintura.
Tem uma voz fraca e melancolica, frequente-
mente cortada por accessos de tosse. E' um
phantasma triste e enfermo.

Começa a acção ao chegar a Bruxa, figura in-
significante e tremula, velada por um manto
pardo.

O Phantasma e a Bruxa falam.

O Phantasma. — Quem és tu? Não te causo
terror?

A Bruxa. — Não. Por que?

O Phantasma. — Porque... porque sou um
phantasma!

A Bruxa. — Eu já o imaginava e me alegro.
Sou uma bruxa.

O Phantasma (fingindo um sorriso). — Que!
Estás pilheriando. As bruxas não existem nem
existiram nunca.

A Bruxa. — Nem os phantasmas.

O Phantasma. — Os phantasmas sim. Eu sou
um delles. Olha-me e te convencerás.

A Bruxa. — Estou te olhando.

O Phantasma. — E não te convences?

A Bruxa. — Não me convenço, não.

O Phantasma. — Que vês?

A Bruxa. — Vejo que estás disfarçado de
phantasma. Nada mais.

O Phantasma. — Disfarçado! Mas, não notas que meu corpo é transparente e que a luzinha que arde sobre mim não é produzida por combustivel, mas é a luz do espirito?

A Bruxa. — Sim.

O Phantasma. — E que minhas mãos são de esqueleto, e que minha cabeça é uma caveira descarnada?

A Bruxa. — Sim.

O Phantasma. — Então...

A Bruxa. — Então... Felicito-te por tua admiravel caracterização. Todos te confundirão com um phantasma.

O Phantasma. — Está bem! Não discutamos! Poderia convencer-te de minha ultratumbica personalidade realizando um movimento impossivel para qualquer homem, mas não quero. Sou um phantasma sem orgulho.

A Bruxa. — Eu tambem sou uma bruxa sem orgulho.

O Phantasma. — Uma bruxa! Uma bruxa!... Pretendes convencer-me de que és uma bruxa?

A Bruxa. — Não, não pretendo nada. Tambem um pouco que fizesse, poderia convencer-te disso. Mas não sinto desejo algum de maravilhar-te.

O Phantasma. — Fazes bem. (*Tosse.*)

A Bruxa. — Estou farta do assombro das [...]as.

O Phantasma. — A mim me occorre o mesmo. Principio, sim. A principio, gozava com o terror que minha presença produzia nos humanos, e os perseguia, chegando, em certas occasiões, até nos arredores do povoado pr[...] para mostrar-me a elles com o mais terrivel aspecto. Mas me cansei de atormental-os. Era crueldade estupida. E não mais caminhei à noite pela estrada nem mais me occultei atrás das arvores que a margeiam para surprehender a passagem dos homens e conseguir um effeito. Tambem deixei de gritar de um modo tão terrivel que até as aves fugiam pre[...]... Cessou meu odio, e me refugiei, noite e dia, nestas ruinas que, noutros tempos, cubriram minha envoltura physica.

A Bruxa. — Tu viveste aqui? Como te chamas?

O Phantasma. — Não sei, não me recordo. Muito tempo!... A's vezes, penso que nunca fui phantasma e que a lembrança da outra vida é falsa. Si eu estivesse dormindo, julgaria que era um sonho. Tudo é tão differente!... Esta arvore, eu a vi quando era menino. Seccará breve. E' velha. E quando seccar, nada, absolutamente nada me poderá recordar, ao tacto ou á minha vida de homem.

A Bruxa. — Não te afflijas. Eu em teu logar, [...] a arvore.

O PHANTASMA, A BRUXA E O MOINHO

(Continuação)

. . .

O Phantasma. — Talvez tenhas razão. E' ridiculo este empenho meu em procurar o que já não existe. (*Levanta-se, e as cadeias que pendem de sua cintura chocam sonoramente. A Bruxa fica cada vez menor junto delle. Sob o pequeno manto pardo brilham um instante os olhos femininos*). E' ridiculo, não é verdade? Um phantasma triste!... Não ris?

A Bruxa. — Não.

O Phantasma. — Pois eu, sim. Rio de mim mesmo. Um phantasma triste e enfermo! Um phantasma que se dobra porque o peso das cadeias é superior a suas forças, e que tosse continuamente e que se sente morrer!... (*Uma pequena pausa*). Oh! Morrer! Tu não pensaste nunca na morte?

A Bruxa. — Sim. Muitas vezes. (*Suspira, e suas mãos apertam o peito angustiado*). *E o* desejo de fugir das terras, das cidades e dos homens, não o sentiste nunca?

O Phantasma. — Outr'ora, sim. Outr'ora, quiz ir-me, abandonar estes logares onde transcorreram os annos de minha vida. Mas sempre um *fica para amanhã* atrazava o proposito. Até que um dia...

A Bruxa. — Continúa.

O Phantasma. — Esperei a noite, e, sem pensar mais, comecei a andar. Pouco a pouco, á medida que meus pés me afastavam destas paragens, eu ia sentindo que meu espirito se perturbava, que o caminho se tornava mais arido e que minhas cadeias pareciam centuplicar seu peso. Ao chegar ao limite do povoado, detive-me no alto de uma colina. A claridade lunar branquejava as ruinas deste moinho, que era como um ossario immenso. E, de repente, notei que aquillo era uma loucura. Regressei, contente de ter-me vencido a mim mesmo. E desde então nunca me accommetteu o desejo de partir. Meus pés já fazem parte desta terra, á qual se fincam tão profundamente como essas arvores cuja ramagem vi florescer tantas vezes.

A Bruxa. — Eu não sou daqui. Meu paiz é muito differente deste. Eramos muitas irmãs. Tinhamos a tez pallida e só nos distinguiamos umas das outras pela côr de nossos cabellos. Eramos muitas irmãs. Quando chegava a primavera, nos cobriamos com nossas toucas de linho, e cantavamos velhas canções aprendidas dos labios de nossa mãe, canções de amor que já esqueci.

O Phantasma. — Eu permaneci sempre sentado junto ao velho moinho, vendo como, por uma cruel ironia, a farinha que toldava o ar tornava cinzento meu cabello de menino, em quanto que meus companheiros de infancia ampliavam o horizonte com suas correrias pelos campos. Eu fui sempre um ser triste. Em minha vida de homem só conheci a solidão e a tragedia e em minha vida de phantasma uma unica vez vi proxima a alegria. Faz noventa ou cem annos. Eu era como sou agora. Uma noite, chegou até este moinho uma menina...

A Bruxa. — Uma menina?

O Phantasma. — Uma menina, sim. Ainda me parece estar vendo-a e ainda me recordo perfeitamente de seu rosto, sympathico e feio, encantador em sua ingenuidade. Ella entrou no moinho, e eu o phantasma terrivel, tive que esconder-me para não assustal-a. Quando penetrou na habitação em que me havia refugiado, me occultei dentro de uma velha arca. Não sei o tempo que ali permaneci.

A Bruxa. — E não voltou?

O Phantasma. — Sim, voltou varias vezes. E sempre tive que esconder-me para não intimidal-a com minha presença. Ella era tão pequenina!... Mas, um dia, a ouvi chorar. Em meio do moinho solitario, o pranto da menina era como o cantico de um passaro na noite. Sem me aperceber do que fazia, abandonei meu esconderijo, com intenção de consolal-a. Mas, quando ella me divisou, quando ella contemplou meus dedos esqueléticos e minha cabeça descarnada fugiu torpemente gritando...
Não mais tornei a vêl-a.

(*Cala-se o Phantasma. A lua chegou, subindo pelos ramos dos cyprestes e pelas torres do cemiterio. A escuridão diminúe. As azas do velho moinho — braços mutilados — gyram lentamente, acariciando a noite*).

A Bruxa. — Adeus!

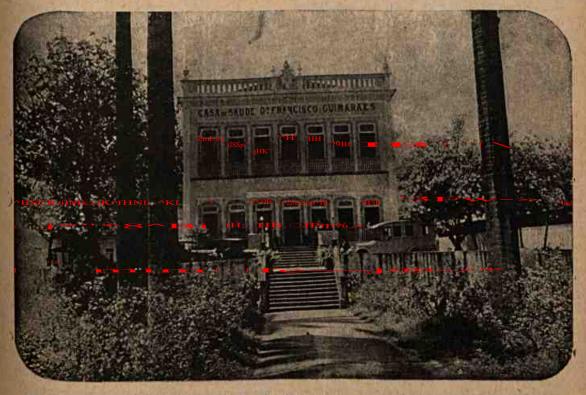
O Phantasma. — Já vaes.

A Bruxa. — Sim. E' tarde, e esta noite me aventurei muito longe.

O Phantasma. — Não temas. Estes contornos são tranquillos. Ninguem te incommodará.

A Bruxa (*Recolhe as pontas de seu manto e se dirige para o Phantasma*). — Talvez nos tornemos a ver.

O Phantasma. — Eu te esperarei todas as noites, todas...

(*Occulta-se a lua atraz de uma nuvem. Uma rajada de ar balança as copas das arvores. A Bruxa desapparece. O Phantasma, já só, caminha por entre as minas. De quando em quando um accesso de tosse o obriga a deter-se. Escuta-se o ruido de um carro que conduz para a cidade dois madrugadores. Ouvem-se suas vozes. O Phantasma desapparece no moinho. E a porta, ao fechar-se, arranca aos gonzos um lamento de outro mundo*).

FELICIDADE INESPERADA

DE FREDERICO BOUTET

LIVRY, nos dias de sua juventude já longinqua, havia sido rico, mas, por sua culpa e dos outros, deixára de o ser. No emtanto, continuára sendo homem de mundo, e, para conservar a apparencia, apesar da ridicula renda que lhe restava, apenas sufficiente para não morrer de fome, sabia impôr-se a toda sorte de privações.

Habitava um aposento, apenas mobiliado, mas em uma casa elegante, cujo porteiro, bem industriado, tinha ordem de dizer que Livry havia sahido, si alguem perguntasse por elle. Sua alimentação se reduzia ao estrictamente necessario e era preparada por elle mesmo, fazendo em um fogareiro de kerosene sôpas abundantes, que lhe duravam para tres ou quatro refeições. Uma vez por mez era visto jantando em um restaurante chic. Seus trajes, pouco numerosos, eram objecto da mais ardente solicitude por sua parte. Privava-se de fumo, de calefacção e até de luz. Mas, si o tempo era máo, podia permittir-se o luxo de tomar um auto para fazer qualquer visita que lhe interessasse.

Assim Livry, apesar dos annos que chegavam e da carestia da vida, defendia com uma luta encarniçada sua posição e seu prestigio na sociedade.

Soavam quatro horas da tarde, quando Livry se apresentou em casa da senhora Fonthonne, que reabria seus salões depois de uma ausencia de varias semanas. Ao entrar no palacete da avenida Henri Martin, experimentou a intima alegria que sempre lhe causava o luxo, e quando o criado o conduziu até o salão onde Clara se achava só, o dominou essa emoção, doce e cruel ao mesmo tempo, que sentia, havia tantos annos, toda vez que a via.

Clara, sempre formosa, com seu rosto sem rugas e seus cabellos loiros, que deixava coquetemente pratear, estava sentada em uma *bergère* e acolheu Livry com seu habitual e affectuoso sorriso. Livry sentou-se não muito longe della.

Falaram. A senhora Fonthonne, de sua filha recem-casada e cujo marido a levava para as colonias. Depois, se queixou de suas amigas, que, a despeito de seu convite, a tinham deixado só, e agradeceu a Livry o ter vindo fazer-lhe companhia.

Este a olhava, respondendo apenas com monosyllabos. De repente, disse:

— Sabe que hoje faz vinte e cinco annos que nos conhecemos?

Achando inutil a recordação de uma data tão longinqua, Clara franziu as sobrancelhas, mas em seguida riu gostosamente, dizendo:

— Que memoria terrivel! Está bem certo da data?

— Certissimo. Era a 6 de setembro, no castello da condessa de Aurail: acabava você de ficar noiva de Fonthonne, e elle m'a apresentou.

— Elle gostava muito de você, que foi nosso melhor amigo. E depois da morte de meu pobre marido, continuou sendo-o meu.

Fez uma pausa, e acrescentou:

— Vinte e cinco annos!... As bodas de prata da nossa amizade.

Livry tinha os olhos baixos. Depois olhou Clara, e disse com voz um pouco tremula:

— E você sabe que ha vinte e cinco annos que a quero.

— Sim, sei-o — respondeu a viuva, sorrindo. — Sempre você mo disse. Lembre-se: eu o havia autorizado a isso com a condição de que suas declarações estivessem em verso... Você respondeu que isso era muito difficil e que eu queria troçar, mas depois acceitou e liamos as poesias em voz alta... Mas, que occorre?... Por que adopta esse ar tragico?

— Porque me recordo do que soffri: porque foi você a unica mulher a quem amei no mundo. Estive na imminencia de matar-me, juro-o!... E você o sabia!... Mas fingia não ver nisso sinão um jogo, e eu não me atrevia a falar mais claramente com receio de que você me afastasse de seu lado.

— O que eu sabia era que estava casada com um homem excellente, que era seu amigo. Morrendo elle, restava-me minha filha a educar, e, alem disso, tive sempre horror a certas mentiras, a certas duplicidades... Mas, por que me diz você hoje tudo isso?

— Não o sei — contestou Livry, sinceramente. — Talvez porque era necessario que um dia ou outro lho dissesse. Esse amor occupou tanto espaço em minha vida, que quiz, antes de morrer, saber si você o havia comprehendido. E como é uma cousa já tão longinqua, não receio que a offendam minhas palavras

Clara olhou-o de frente. E disse-lhe:

— Livry, você não diz a verdade. Falou hoje porque minha filha já está casada e sabe que antes nunca me decidiria a casar de novo. Esperava suas palavras e por isso me encontrou só... Já não sou uma mulher joven e não queria continuar envelhecendo só. Você é meu amigo mais antigo e mais querido. Conheço seu caracter e a profundeza de seus sentimentos, por isso que durante vinte e cinco annos permaneceu fiel a seu amor sem esperança... Sei que os ultimos annos

de minha vida seriam muito felizes a seu lado. E extendeu-lhe a mão, sorrindo.

Livry não respondeu immediatamente: estava commovido. Nunca lhe occorrêra pedir a Clara sua mão, convencidissimo de que ella se negaria. A alegria que experimentava era tão immensa, que julgou perder o sentido, pois amava a Clara apaixonadamente como no primeiro dia.

Mas depois seu rosto se ensombreceu, recordando sua pobreza tão bem dissimulada, aquella comedia de elegancia, que representava com tanto trabalho e que era necessario confessar.

E, atropeladamente, falou:

— Escute, Clara — balbuciou. — Antes de tudo,... devo... quero dizer-lhe que minha situação não é o que parece. Ha muito tempo estou arruinado... Sou um homem pobre...

— Sei-o — interrompeu Clara, carinhosamente.

Livry fez um gesto de assombro, mas depois ajuntou, com amargo sorriso:

— Não, não o sabe. Ser pobre, para você, é viver sem luxo, sem grandes gastos, modestamente... Mas eu... eu... Minha situação é peor, muito peor...

Clara poz-lhe, affectuosamente, a mão no braço.

— Sei-o, meu amigo: repito-o que o sei. E' muito difficil occultar sua vida, e todo o mundo está ao corretne da sua... Conheço suas crueis privações, sua luta diaria para conservar sua linha... E' horrivel, mas, quanta coragem demonstra!... Meu carinho o fará esquecer tudo.

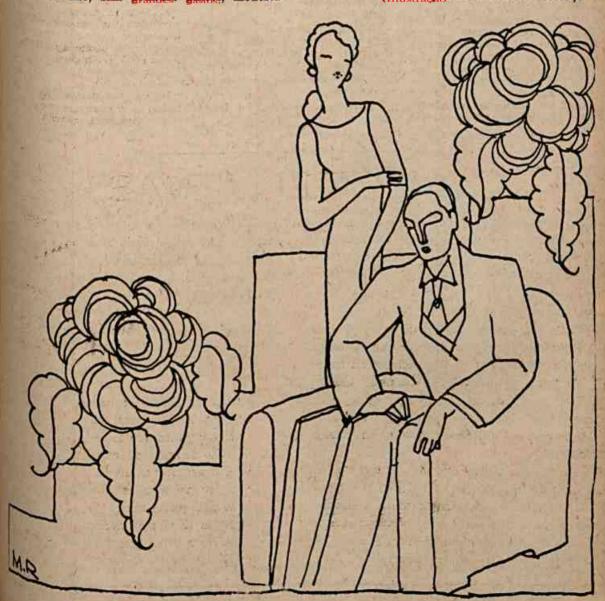
— Então sabem?... Estão ao corrente de minha vida? — murmurou Livry.

Permaneceu immovel, afogando-se de confusão. Pensava na gente trocista, espiando as phases de sua miseria, assistindo, sem ser enganado, á sua comedia ridicula para aslvar um illusorio prestigio...

E uma ardente vergonha o torturava, envenenando sua felicidade inesperada, o dia mais feliz de sua vida

(*Illustração de Marcelo Roberto*).

Monarcha Magnanimo

De HORMINO LYRA

O general reformado José Joaquim de Andrade Neves Meirelles, quando tenente do Primeiro Regimento de Cavallaria, hoje Dragões da Independencia, muitas vezes servira como commandante do piquete que escoltava o carro de sua magestade, Dom Pedro II.

O imperador, delicadissimo no trato, não era, comtudo, muito communicativo. Conversava pouco com as pessôas que, por dever do officio, de perto privavam com elle.

Tinha o habito de sahir quasi todos os dias depois do almoço, afim de visitar as repartições publicas civis, os quarteis, as fortalezas, os navios de guerra, as escolas; e só posteriormente, ao achar-se dentro do carro, dizia ao cocheiro aonde ia.

Depois do jantar tudo se passava de modo diverso. O imperador e a imperatriz gostavam de frequentar os theatros, mas o official de Estado, que os acompanhava, era quasi sempre quem informava o theatro aonde deviam ir, escolhendo as melhores peças a serem representadas.

Uma vez, o tenente Andrade Neves Meirelles previne ao emprezario da companhia lyrica, cuja estréa se daria no theatro Dom Pedro II, que sua magestade estaria presente á primeira representação.

Depois do jantar, pelas escadarias de marmore do Paço Imperial, hoje Estação Central e alta administração da Repartição Geral dos Telegraphos, desce o imperador de braço dado com Dona Thereza Christina. Aguarda-os em baixo o tenente referido. Faz este a continencia do estylo ao monarcha e beija-lhe a mão da augusta Espôsa.

Pergunta-lhe então o soberano:

— Qual o theatro?

— Hoje vamos ao Pedro segundo, responde-lhe o Andrade Neves Meirelles.

— Ao Pedro segundo..., repete o imperador, a sorrir bondosamente.

Lembra-se o official de haver supprimido o "Dom" e rectifica-

— Sim, majestade: ao Dom Pedro segundo!

Entram no landó, e o landó parte.

...

Sua magestade tinha o habito de se acordar cedo; madrugava [illegible]

De uma feita, o tenente Andrade de Neves Meirelles está de serviço no Paço e ás quatro horas da madrugada tem a lembrança de subir ao modesto observatorio que ali existia, afim de observar o [illegible] Biela que apparecia no azul do infinito em 1882. Estava ajustando o telescopio, quando ouve [illegible] pigarro. Volta-se para um lado e dá com o senhor Dom Pedro II, áquella hora já vestido de sobrecasaca preta, collarinho, plastron, [illegible] como, aliás era habito seu, [illegible] sempre quando havia probabilidade de se encontrar em palacio com pessoa estranha.

Gentilmente o official sauda sua magestade e levanta-se em seguida.

— Fique, diz-lhe o imperador. [illegible] já tenho visto muitas vezes [illegible]

E passa a examinar outro instrumento das suas observações astronomicas.

Demora-se o tenente alguns minutos mais e, em seguida:

— Dá licença?

— Pois não.

Retira-se o Andrade Neves Meirelles; e a observar o cometa fica o monarcha magnanimo.

CARADURAS

HA muita gente caradura por este mundo de Christo. O caradura lisonjêa-nos a vaidade, exaltando tudo que nos é caro, para no fim nos pedir alguma coisa.

Eu sei me livrar dos caraduras, mas, ás vezes, não os conheço bem.

Penso que são serviçaes, que estão dispostos a fazer qualquer sacrificio por minha pessôa, quando não passam de uns refinados filantes.

No principio deste anno, encontrei, na Avenida Central, um amigo que não via ha muito tempo.

— Sabes? — disse-me elle — vou almoçar comtigo.

— Pois não. Agora mesmo vou tomar o bonde afim de ir para casa.

Minha mulher estava substituindo a cozinheira, que havia ido a um *pic-nic* e, por essa razão, não queria commensal de fóra á mesa.

Recebeu-nos ella de cara amarrada.

Não obstante isso, o tal meu amigo almoçou comnosco e foi-se deixando ficar.

Jantou e foi se deixando ficar.

Ceiou e foi se deixando ficar.

Pediu cama p'ra dormir e foi se deixando ficar.

A cama arreou com o seu peso, e elle... foi se deixando ficar.

• • •

Em má hora, certo moço,
Convidei p'ra meu almoço;
Pois se deixando ficar,
Eil-o na mesa a jantar.
E como estava de veia
Filou-me depois a ceia.
E não queria sahir!
Pediu cama p'ra dormir...
A cama velha arreou
E elle, *firme*, ficou!

LEOPOLDO D. AMARAL

O dono do Rio

De Armando Silvestre

O chefe Ubamba, cercado pelo mais selecto dos habitantes da aldeia. lhes dirigiu um breve e suggestivo discurso recordando as terriveis façanhas que o *dono do rio* havia realizado. Era necessario pôr ponto final áquelle reinado de terror que ameaçava a tranquillidade da aldeia, obrigando os habitantes a empregar toda a sua astucia para chegar a Guaro Niyro, defendendose dos crocodilos.

— Naquelle dia, tres mulheres, julgando o rio deserto, se haviam aproximado das margens, afim de encher grandes cabaças, e o monstro, surgindo da agua como por encanto e com a velocidade do raio, cahiu sobre as tres indigenas, levando uma dellas.

Aquillo durava havia já um mez, e, embora Ubamba fosse um mathematico de primeira ordem, não conseguia contar as victimas, que superavam os dedos das mãos e dos pés.

Toda a cidade devia servir de alimento áquelle monstro insaciavel?

Aquillo não podia continuar assim, embora não fosse mais que pela honra da tribu, e Ubamba havia offerecido um premio que qualquer dos guerreiros da aldeia seria capaz de, por causa delle, afrontar todos os perigos.

Em poucas palavras manifestou sua idéa: sua filha, a graciosa Eroma, seria a esposa do vencedor.

Um murmurio correu entre os jovens guerreiros ankoni, mas nenhum se adeantou, tão grande era o terror que lhes inspirava o *dono do rio*.

Durante alguns minutos reinou um profundo silencio. Depois, uma voz se elevou dentre as filas dos guerreiros:

— Ubamba, irei eu! Si eu te trouxer os olhos do *dono do rio*, tu me darás Eroma como esposa?

Taes palavras haviam sido pronunciadas por um joven guerreiro, de corpo esbelto, bem proporcionado, e que não se parecia com nenhum dos homens que o rodeavam. Com effeito, não pertencia á tribu dos *ankoni*, mas á dos *bongos*, que vivem mais ao noroeste da Africa Oriental ingleza. Entretanto, havia alguns mezes se estabelêra na aldeia, em virtude de um forte ataque de febre que soffrêra, e durante o qual a bella Eroma o tratára com abnegação.

Ao ouvir, aquellas palavras, Ubamba enrugou o sobrecenho, porque preferiria que o primeiro que se offerecesse fosse um guerreiro de sua tribu. Mas, depois, serenando-se, respondeu:

— Edanho: si me trouxéres os olhos do monstro, Eroma será tua, mas têm que acompanhar-te varias pessoas para que attestem que, realmente, déste morte ao *dono do rio*.

— Pois bem — approvou o joven.

E, voltando-se para os silenciosos guerreiros, perguntou:

— Quem quer acompanhar-me?

— Eu! — exclamou um gigante, com um gesto que queria ser um sorriso. — Irei com alguns meus companheiros, e afastaremos os crocodilos emquanto tu matares o *dono do rio*.

— Pois bem — repetiu Edanho.

E depois de haver trocado um longo olhar com Eroma, se dirigiu a sua choça, afim de preparar as armas.

Akatka, o gigante, surprehendeu aquelle olhar, e, aproximando-se do chefe, perguntou:

— Ubamba, permittes-me que leve commigo tres amigos fieis?

— Vae, e que todos vigiem o valoroso guerreiro — respondeu Ubamba, piscando um olho.

Edanho, Akatka e os tres guerreiros, armados com azagaias e facões deixaram a aldeia ao amanhecer, dirigindo-se para o Guaro Niyro.

Não tardaram em descobrir, em uma pequena enseada, dois crocodilos cochilando. Mas nenhum delles era o *dono do rio*, porque este era muito maior, e além disso, tinha o lombo coberto por uma vegetação de mus-

Os cinco indigenas deixaram os crocodilos em paz, e se afastaram, mas não haviam avançado muito, quando Edanho gritou:

— *O dono do rio!*

E, sem esperar, poz o facão entre os dentes e se atirou á agua.

Os quatro *ankonis* o viram nadar perseguindo o saurio. Al- depois, a uma ordem de Akatka, deixaram o *bongo*, ar- jar-se como pudesse, e se afastaram.

O gigante dirigiu-se, com para onde elle e seus companheiros haviam visto os crocodilos. Encontraram um, guerreiro disse a seus homens

— Este é o que me fará ganhar Eroma e a vós um es- deiro a cada um.

Chegaram a um metro sáurio sem que este se mo- se, e depois, levantando as azagayas, as deixaram cahir com todas as suas forças sobre o crocodilo, que morreu dentro de poucos instantes.

Nas convulsões da agonia, o animal quebrou a *azagaya* de Akatka. Depois este arrancou os olhos do crocodilo, e os en- fiou em um cipó.

— Agora Eroma é minha — disse, recolhendo a *azagaya* quebrada. — Voltemos á aldeia.

A noticia do tragico fim do corajoso *bongo* desesperou Eroma, mas alegrou Ubamba, que ouviu com attenção a narrativa de Akatka, que affirmava ter sustentado uma terrivel luta com o monstro.

Mas não poude continuar, porque uma vez gritou:

— Akatka está mentindo!

E um homem avançou entre os guerreiros. Era Edanho. A- nha a perna esquerda guentada.

Vista geral de uma parte do interior da Joalheria Adamo.

A reabertura da importante casa de Joalheiros Adamo de Umberto Adamo & Cia. á rua do Ouvidor 128, foi o maior acontecimento do dia 22 do corrente, cercando-se do maior brilhantismo com a presença da mais selecta assistencia do nosso mundo chic e elegante, representantes da imprensa, alto commercio e grande numero de amigos.

A Joalheria Adamo, fundada ha 35 annos, merecendo sempre a confiança do nosso publico, na acquisição de seus valiosos stocks de joias, objectos artisticos e fantasias para presentes; mantendo inalteravel sua norma de conducta no moderno e intelligente modo de commerciar, de accôrdo com a evolução do nosso meio, honrar a nossa capital.

Com a esforçada e fecunda administração dos Srs. Umberto Adamo e Eugenio Adamo, com auxilio dos seus dignos filhos Armando Adamo e Francisco Adamo, e bem assim do Sr. Adolpho Adamo, este importante estabelecimento actualmente faz parte de um dos patrimonios da nossa cidade. Fazemos sinceros votos pela continua prosperidade da Joalheria Adamo.

Essa inesperada apparição encheu de assombro Ubamba e todos quantos tinham ouvido a impressionante narrativa de Akatka.

Mas o gigante reagiu, e, avançando para Edanho, lhe disse:

— De que modo conseguiste salvar-te?

— Apesar de vossa traição, — respondeu o *bongo*.

E, atirando aos pés de Ubamba dois olhos enormes, ajuntou:

— São estes os olhos do *dono do rio*.

— Impossivel! — respondeu Ubamba. — Porque aqui já estão os olhos do *dono do rio*, arrancados por Akatka, após uma terrivel luta.

O DONO DO RIO

(CONCLUSÃO)

— E' mentira delle! — exclamou Edanho. — Depois de ter-me abandonado, matou, com o auxilio de seus companheiros, um crocodilo qualquer, deixando-me sozinho deante do *dono do rio*.

— Tu é que estás mentindo! — exclamou Akatka, furioso, atirando-se contra elle.

Então Ubamba interveiu, afastando os dois rivaes, e disse:

— Si é verdade o que affirmas, Edanho, mostra-nos as provas.

— Vinde commigo e vos mostrarei o animal que Akatka matou.

Pouco depois, guiados pelo *bongo*, o chefe Ubamba, Akatka e uma escolta de honra se dirigiram ao rio, detendo-se em uma parte da margem onde estavam os dois crocodilos. Um delles era enorme, monstruoso. O outro era o que fôra morto por Akatka, e tinha ainda cravado o pedaço de *azagaya*.

Akatka, ao ver descoberto seu embuste, sacou do facão e ia com elle ferir Edanho no peito, quando, a um signal de Ubamba, dois guerreiros se precipitaram sobre o gigante e atravessando-o com seus facões, atiraram depois seu corpo no rio.

— Já está castigado, traidor — disse Ubamba.

Concurso Sabonete EUCALOL

(MENÇÃO HONROSA)

Si tens a pelle feia
Pelo grande ardor do sól,
Não te entristeças, sereia,
Usa o sabão EUCALOL.

Maria Luiza Dutra.

Banco Credito Real de Minas. — Carangola — Minas.

FRIO CALOR
ISOLAMENTO DO FRIO
ISOLAMENTO DO CALOR

Lucifer e o Automovel

LUCIFER estava aborrecido de ver sempre as mesmas almas em seu reino, e essa monotonia o punha de pessimo humor. No mundo, os homens se haviam cansado de peccar, e por isso se dedicavam agora a fazer o bem em toda fórma, augmentando assim a interminavel fila dos que esperavam sua vez para entrar no paraiso.

Os pequenos demonios que se occupavam em tentar os humanos se encontravam inactivos havia muito tempo, e não sabendo que fazer, dormiam aboletados uns sobre os outros. As galerias e os salões estavam desertos. As pedras do pateo, que dava accesso ás ante-salas do inferno, se achavam cobertas de [illegible], os gonzos da grande porta de entrada haviam enferrujado, e da celebre sentença gravada sobre o portal *Vós que aqui entraes perdei toda a esperança*, apenas se distinguiam algumas letras, pois o encarregado de sua limpesa e retoque não se dava ao trabalho de fazel-o, sabendo que ninguem havia de lêl-a.

Lucifer esgottára todos os recursos para fazer com que os homens cahissem em peccado. Não era possivel continuar assim, pois o fogo do inferno se consumia inutilmente. Satanaz passeiava nervoso, visivelmente preoccupado, a cabeça baixa, a fronte franzida...

Depois de muito meditar, chamou um de seus mais leaes servidores e lhe disse:

— Vae á terra para observar detidamente o coração dos homens. Bem sabes que em seu fundo dorme uma serpente. E' necessario que a despertes. Do resto occuparei eu. Podes ir immediatamente. Não ha tempo a perder, porque cada minuto que transcorre nos resta uma alma para nossas profundezas.

Assim falando, soprou sobre seu servidor, transformando-o em um elegante joven.

E partiu o mensageiro. Ao chegar á terra se occupou em crear novas necessidades para a vida moderna, augmentou as occupações e deu uma [illegible]tivel febre de velocidade no menor tempo possivel. Durante esses dias Lucifer, em sua officina, trabalhava sem descanso. O resultado foi assombroso. Havia construido uma machina magnifica, que assombraria por suas fórmas e proporções precisas, reproduziria tantas vezes quantas fossem ... tão. Trabalho lhe havia custado fazer cousa ... Terminada, mas o diabo nunca peccou por preguiça. Sahiu com sua obra, se dirigiu com ella ao mundo, deixando seu reino fazendo um ruido infernal, deixando atraz de sua passagem um cheiro nauseabundo e uma fumaça terrivel.

Installou-se em uma populosa cidade, onde os homens eram muito activos e lutavam com empenho para ganhar o pão. Abriu um luxuoso estabelecimento, illuminou-o profusamente e o adornou com gosto. Ali, com seu ajudante, começou a vender automoveis a preços bem razoaveis.

Choviam os pedidos e os modelos variavam segundo o gosto de cada comprador. As pessoas agrupavam ás portas do estabelecimento, temendo chegar tarde para adquirir uma dessas machinas

De

Maria Celina Neyra de Lola

Puzeram-se a andar com ellas pelas ruas, avenidas e passeio da moda.

Conseguido seu proposito, deixou Satanaz seu ajudante na terra, encarregado de divulgar o segredo da construcção, e se foi para os infernos satisfeito com o feliz resultado de sua empresa.

Enormes fabricas se abriram em todos os paizes civilizados do mundo, e os homens, diabolicamente inspirados, superaram e aperfeiçoaram o mechanismo do automovel e enriqueceram seus detalhes de commodidade e luxo. O mundo viu-se novamente perturbado e intranquillo. O orgulho se apoderou dos que possuiam ricos autos, forrados de finas pelles. Os donos dos humildes e pequenos coches, que ao andar pareciam latas, se viam desdenhavam e sentiam uma inveja mortal pelos primeiros. As *voiturettes* eram theatro de aventuras galantes, que faziam Lucifer estalar de riso. Os ladrões se valiam dos autos para escapar com o producto de seus roubos, e os criminosos, aproveitando a velocidade dos carros, fugiam velozes para longe do local do crime. As discussões que se originavam quando dois automoveis se chocavam faziam as delicias de Satanaz, pois as palavras que se trocavam não eram simplesmente pilheria e offendiam com sua grosseria. Os meninos abandonaram os tricyclos e tambores, as meninas as bonecas e cazinhas de latão, para substituil-as por brinquedos mechanicos de elevados preços, desenhados com formas de automoveis, que os estimulavam no desejo de sobrepujar em riqueza os seus amiguinhos. Finalmente, as mulheres deixaram de embalar o berço e os misteres proprios de seu sexo, para manejar autos e passar bôa parte do dia vagando pelas ruas. Esposo e esposa se divorciavam pela ambição desmedida das que não se contentavam em sahir em modestos bondes. Os homens faziam negocios deshonestos com o fim de adquirir dinheiro sufficiente para comprar os carros cujo valor era muito mais elevado que nas primeiras tentadoras vendas do demonio. Muitos se entregavam ao jogo, julgando assim augmentar sua fortuna, e depois, desesperados, chegavam a suicidar-se vendo destruidas suas esperanças. Poucos foram os que souberam utilizar os autos com bons fins, visitando pobres e enfermos...

Foi assim que reinaram de novo, no mundo, a cólera, o orgulho, a inveja, a mentira, a injuria, a desmedida ambição, o roubo, o crime, os vicios e o suicidio. E a serpente despertou, depois de ter estado adormecida durante longo tempo.

As salas do inferno viram-se de novo concorridas e animadas. Os *jazz* tocavam sem descanso, os diabos desarticulavam nas contorsões do *charleston*, e a affluencia de almas era tanta, que foi necessario collocar á entrada do reino de Lucifer um cartaz cobrindo a sentença dantesca com estas palavras: "Não ha mais localidades."

E, apesar de tudo, ao contemplar os novos modelos de automoveis do anno 1930, relampagueando-nos os olhos de inveja, exclamamos: "Que maravilha!..."

30 - 7 = ?

Faça a conta!

São em numero de 7 por mez os dias que uma Senhora perde em seu bem-estar quando soffre de irregularidades. Cada dia de soffrimento é dia perdido, é dia que não conta para a alegria de viver.

Assim, "A Saude da Mulher" que combate e evita os Incommodos e as Enfermidades Uterinas, assegura o accrescimo de 7 dias por mez na existencia de uma Senhora.

Faça a conta de quantos annos de vida representa para uma Senhora o uso permanente do grande remedio.

KOHOUT

SAUDE DA MULHER

Joaquim Fragoso

A SAUDE DA MULHER

ANNO XXIV

FON FON

NUMERO 5

SERGIO SILVA, Director.

Rio de Janeiro, 1 de Fevereiro de 1930

OS jornaes divulgaram, ha alguns dias, os resultados das observações da famosa vidente, madame Fraya, sobre o que reserva ao mundo o anno de 1930. Essas conclusões não são nada animadoras; são, mesmo, inquietadoras para a França, particularmente, e para o mundo em geral.

Entre as coisas tristes e dolorosas que a pythoniza franceza enumera, está o desapparecimento do amor, que será vencido pelas paixões physicas, pela violencia e pelos [illegible] passionaes".

Vaticinada e, mesmo, preconizada por poetas e philosophos, que viam as coisas e os sentimentos mais bellos da vida através da neblina do pessimismo dominante no seu tempo, a morte do amor acaba de ser agora annunciada de modo doloroso e tragico por madame Fraya.

Assim, o ultimo deus, a ultima sobrevivencia do paganismo, que ainda despertava e fazia vibrar na alma da humanidade o rythmo saudoso e quente da volupia sentimental e millenaria — que é o encanto e a delicia mesma do amor — breve, muito breve, já não espalhará sobre a face da terra o velho e suave perfume de peccado e mysticismo do fructo prohibido, conforme a lei de Deus e a propria idealidade do coração humano. Desapparece, a pouco e pouco, a essencia de divindade que o sôpro de Deus imprimiu, um dia, ao limo, ao barro em que elle moldou um ser á sua imagem e semelhança. O homem animaliza-se cada vez mais. E, á sombra da mesma arvore do Bem e do Mal, é ainda Eva — a eterna tentadora — quem realiza a obra impiedosa da sua animalização, despindo-o, a pouco e pouco, dos mais nobres e mais puros sentimentos por que se revelava a expressão de divindade do seu ser, fecundada no mysterio de seu coração — sacrario sempre aberto ao culto de sua idealidade e de sua fé nas duas ultimas illusões que ainda lhe tornavam suave e leve o fardo da vida — a Crença e o Amor.

A Eva paradisiaca da folha de parra, fazendo-o peccar, despertou em seu coração os sentimentos que, até bem pouco, fizeram do homem o cavalleiro andante da idealidade e do amor, que ella lhe inspirara. Depois, com o tempo, Eva, que tinha orgulho de sua feminilidade, orgulho de ser mulher, orgulho de ser amada, de ser o culto da maior adoração que já houve sobre a terra peccadora, se foi despindo de todo o encanto mystico com que o homem a velou, para se transformar na *Femme Nue*, na *Mulher Núa* dos tempos modernos, numa constante attitude de revolta contra a sua propria sexualidade. E desencantou-se o anjo rebelde ante os olhos entristecidos do homem, que já não tinha uma illusão, na terra, com que elevar para o mysterio do céo azul e impassivel sua alma de crente, sua fé em Deus, que o amor, um dia, lhe revelara. Porque Deus é o amor. E uma terra de onde o amor vae ser banido é uma terra que Deus esqueceu...

A mulher, que fez nascer o amor, illuminando as sombras da alma estonteada e solitaria do primeiro homem, e enchendo de encanto, de deslumbramento e de festa, todos os recantos da terra onde se confundissem, por um momento, ou por uma vida, os rythmos de dois corações, os anseios de duas almas, matando-o, agora, leviana e inconscientemente, destróe a maior obra de idealidade até hoje realizada pelo seu companheiro — a da sua propria glorificação, a do culto que elle ergueu em honra do "eterno feminino".

Mas, será que, de facto, o amor-sentimento vae desapparecer para dar logar ao amor simples attracção sexual, ao amor... animal?

E' o que diz e affirma a pythoniza franceza e é o que dá a entender a obra de desfeminização que a mulher vem realizando na scena tragicomica da vida, desertando o ambiente de idealidade em que sempre viveu, para adaptar-se ao grosseiro materialismo das coisas.

O ponto roseo do i do verbo *aimer* vae desapparecer de todos os labios que pedem beijos. E o homem e a mulher,

Ivres d'amour, les narines ouvertes,

vão fazer sua vida amorosa como o casal de gatos que está, agora mesmo, em cima do telhado, a perturbar o fecho desta chronica.

Um delicioso amor de felinos, o amor que ahi vem...

Os romanticos, os sentimentaes — esses que *lloran porque el amor es muerto*...

ELCIAS

Realizou-se sabbado ultimo, nos salões do Centro Paulista, a tradicional «Festa da Seringa», promovida pelos doutorandos de 1929 da Assistencia Municipal, e que teve o esplendor e a belleza de sempre.

FILIGRANAS

Não é de Brillat-Savarin e do grande seculo que data a arte de bem comer. Ella vem da antigui dade. Os festins da Grecia e de Roma demonstram isso. E ainda mais: a arte de celebrar a bôa mesa é da mesma idade. Arches trato de Syracusa escreveu um poema epico sobre a gastronomia. Foi tão famoso que cada grande autor daquelle tempo que o ouvio lhe deu um titulo. Chrysippo chamou-o *A Gastronomia*; Lynceu e Callimaco, *A Hedypathia*; Clearco, *A Deipnologia*; e outros, *A Opsopéa*. Atheneu celebra os seus versos no *Banquete dos sabios*.

FILIGRANAS

O restaurante em que geralmente almoço é frequentado por muitos politicos, jornalistas, homens de letras e de sociedade. E quasi sempre presencio nelle uma scena curiosa. Chega á porta [illegible] camarada conhecidissimo da [illegible] roda e examina o salão, mesa [illegible] mesa. Desde que avista um conhe[illegible] cido, approxima-se, comprimen[illegible] começa a conversar e demora [illegible] ser convidado pelo outro para al[illegible] moçar. Então, senta-se, escolhe [illegible] bom e do melhor. Farta-se. Faz[illegible] lembrar o que, já na Grecia clas[illegible] sica, dizia Anthiphane: "Tem olhos de lynce para descobrir onde [illegible] come..."

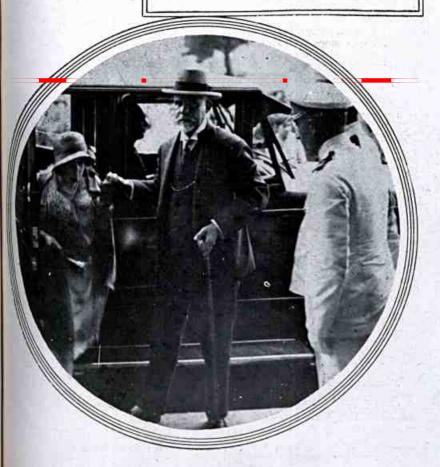
Grupo de senhoras e senhoritas que deram realce á «Festa da Seringa», sabbado ultimo, realizada no Centro Paulista.

S. ex. o sr. presidente da Republica subiu, sabbado ultimo, para Petropolis, acompanhado de madame Washington Luis. O trem especial em que viajou o chefe da Nação partiu pouco antes das 15 horas da estação Barão de Mauá, onde foi feita a s. ex. vibrante e expressiva manifestação popular. Estão nesta pagina dois flagrantes do embarque do dr. Washington Luis, que passará na cidade serrana o seu ultimo verão presidencial.

FILIGRANAS

Theophilo, autor grego, recommendava aos seus leitores que não imitassem Philoxenes, o qual era um glutão impudente, que desejava ter um pescoço de cegonha para gozar mais tempo os alimentos que deglutia. Seria melhor — accrescenta — que desejasse ser boi, cavallo, camello ou elephante, pois, si o prazer cresce com o tamanho physico, esses animaes devem ter maior e mais forte...

Quantas pessôas não conhecemos que, si isso fôsse certo, tudo fariam para se transformarem dum momento para outro em megatherios e dinosaurios?

RECONCILIAÇÃO

PARA JORGE DE LIMA

Natureza!
Vim fazer a paz comtigo,
ouvindo a voz do vento
e a cantiga das aguas,
e ouvindo
com esse acompanhamento,
na pauta das noites estrelladas
o teu poema sideral.

Vim ver as tuas manhãs,
quando a barra do nascente
é uma cortina de fogo;
vim ver os teus occasos,
longos e evocativos,
quando do peito da gente,
na aza leve da saudade,
fogem os sonhos captivos.

Vim refugiar-me no teu seio,
escutar as tuas vozes,
amar a tua solidão.
Colher fructos, andar a esmo,
como o homem primitivo,
ingenuo e são.

Vim para assistir á tua festa
de lindo ritual e pagã alegria:
Vesper officiando na floresta
as nupcias da noite com o dia.

Vim para o chrisma das aguas
das tuas cachoeiras.
(Têm espuma tambem as minhas maguas...)
Vim pedir-te a Confirmação
do meu velho baptismo pantheista;
resar comtigo uma oração:
— o officio das flores e dos fructos,
das folhas verdes, dos dourados pollens,
da inconsciencia beatifica dos brutos!

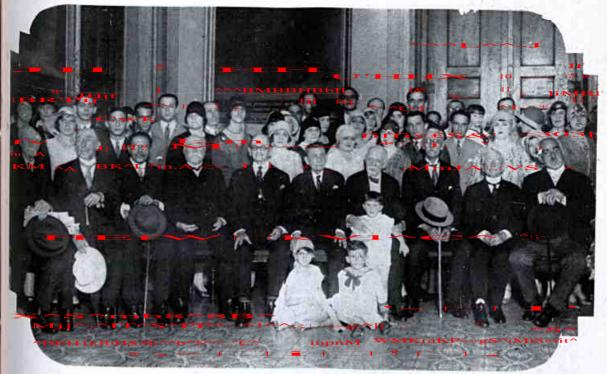
Vim para o banho lustral
dos teus ares;
para a contemplação dos teus montes e serras...
Vim para ver a tua paizagem,
a aquarella vegetal das tuas terras,
a heliogravura dos teus rios,
a ronda bohemia de aves amorosas,
que andam aos pares,
felizes e vadios.

Vim para ver
como alguns insectos,
de amor radiante,
nascem apenas
para amar um instante
e morrer!

Vim para me commover comtigo
do alto das tuas montanhas
com grinaldas de nuvens;
e assistir, como um pastor antigo,
á volta ao redil dos teus rebanhos.

Vim para esquecer a Cidade
E as suas promessas tão fallazes...
Vim para o teu Amor e o teu Perdão.
— Felicidade, ou Infelicidade,
Vim para a nossa reconciliação!

Fazenda da Cachoeira. — Natal de 1929.

ROVINA CAVALCANTI

Os medicos formados em 1879 pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro commemoraram, sexta-feira penultima, o seu jubileu profissional, mandando celebrar, por tão grato motivo, uma solemne missa votiva na egreja de S. Francisco de Paula.

...MORANAS

O meu amigo olhou ... a luz a transpa- ... do velho Borgo- ... de sangue que ... o seu copo de crystal. Depois, aqueceu-o entre as mãos fechadas em concha. E respirou devagarinho o seu cheiro delicioso.

Falou:

— Lembro-me que houve um vinho famoso na Grecia, chamado *apyro*, cantado em prosa e verso pelos antigos — porque tinha um odor de flôres sylvestres...

— E?

— E os gregos não conhecêram os Borgonhas envelhecidos nas pipas, no fundo das adegas e que cr.am com os annos este perfume subtil de mulher...

O dr. Joaquim Eulalio, que é uma das figuras brilhantes do nosso corpo consular, foi homenageado no ultimo sabbado pelos seus collegas actualmente no Rio, os quaes, festejando a nomeação daquelle alto funccionario do Ministerio das Relações Exteriores para dirigir o Departamento dos Serviços Economicos e Commerciaes do Itamaraty, lhe offereceram um almoço, realizado no Palace Hotel. Interpretando o sentimento dos manifestantes falou, offerecendo o almoço, o consul Ildefonso Falcão, que é tambem nosso illustre collega de imprensa.

Faiianças

Dentro do crepusculo

Domingo...

Ah, os domingos, numa grande metropole! Como é monotono um domingo nesta terra carioca!

Para quebrar a insipidez da tarde, um amigo me levou a passear de barco pela Guanabara soberba.

O barco a vela corria á flor d'agua, emquanto o vento nos fustigava as faces.

Elle ia ao leme. Eu meditava á prôa, olhando a cinta azul das montanhas, o céo diaphano e a cidade linda que fugia.

O meu amigo me pergunta:

— Por que não escreves a historia desse passeio?

Respondi:

— Porque um passeio desses não se descreve. São feitos apenas para o encanto da alma e dos olhos.

Ficamos silenciosos. Mesmo porque o momento era de extase. Empolgava os sentidos, e de tal modo tudo aquillo nos maravilhava, que uma palavra só seria profanar o deslumbramento mystico da hora...

Sim, porque, lentamente, o crepusculo descia por traz da esmeralda dos morros. O céo passava por todas as gradações da luz, numa apotheose de côres, á Zuloaga ou á Robiquet. Esfumando-se no escuro da marinha, os morros longinquos, pouco a pouco, se apagavam, desmaiavam, se vestiam de uma nevoa lilaz e côr de cinza. De um lado da bahia, o colorido da cidade: era o Rio. Do outro lado, era Nictheroy. O perfil dos paquetes, das naves de guerra, dos barcos, das pequenas embarcações, sobretudo das barcaças, punha uma nota de poesia melancolica naquella murmurante da bahia. Luzes começavam a brilhar. Daqui a pouco, sobre o espelho liquido do mar, myriades de reflexos dourados se espelhavam, tremiam e multiplicavam-se, num balanço rythmado.

Oh, a tristeza indefinivel da hora! Quem saberia descrever a magia de um crepusculo de verão caindo sobre a Guanabara soberba!

Lembrei-me de Pierre Loti, cuja penna descreveu os crepusculos de Veneza e a bahia de Constantinopla!

Pudesse eu reproduzir, com o mesmo vigor de côres, de expressões e imagens, aquelle sonho das *Mil e uma noites* de uma clara tarde estival!

Uma «pose» photographica ou uma attitude elegante?...

Os meus olhos seguiam agora o vôo dolente e sereno de um bando de gaivotas. Fugindo do occidente para o oriente, as aves do mar mergulhavam nas sombras espessas do crepusculo.

Eu estava assim como num extasi. O meu amigo, já apreensivo para o caes, me perguntou:

— Em que pensas?

— Não penso. Acompanho o vôo lento das gaivotas. Ellas são a imagem das coisas lindas que amei: fogem do presente, que é a luz de ouro, para o passado triste que é aquella sombra da noite... A noite que se desfolha como uma flor de velludo...

Melancolia

Amanheci hoje com uma profunda amargura a invadir-me a alma. Com o decorrer do dia a invasão foi completa.

E' horrivel um dia assim. Ainda hontem, sabbado, fui victima de um desastre, que me deixou com os nervos abalados. O domingo passou com a monotonia dos domingos cacêtes... A segunda-feira me veio surprehender neste estado de alma indescriptivel, em que a gente não sabe o que deseja.

Conhecem esse estado de alma?

Creio que só os temperamentos lyricos é que poderão conhecel-o. Francis Jammes sentiu-o muito bem, quando escreveu no seu poema "De l'Angelus de l'Aube à l'Angelus du Soir": "Mon Dieu, vous m'avez appelé parmi les hommes. Me voici. Je souffre et j'aime".

Talvez essas palavras definissem muito bem o meu estado de espirito: soffro e amo.

Mas não é por amar que padeço que esta immensa amargura me invade: — é porque não amo.

A gente vae amando pela vida. Vae assim como quem palmilha uma estrada longa, que atravessa terras diversas e distantes. Quanta coisa esquisita a gente vê! Quanta paisagem estranha! Quanta physionomia bizarra!

Por fim, nós nos convencemos de que tudo é falso, insincero, irreal. Tudo aquillo é fugitivo e inconstante. Então, dentro da propria diversidade das coisas, dos habitos, das physionomias, a gente começa a sentir o tedio de tudo.

E' assim no amor.

Quando a gente se convence de que elle é uma mentira, nós já soffremos mais pela [illegible] amor, que pela decepção do amor. [illegible] fica.

... Eu hoje estou assim. Um estado de nervos. Entediado... Uma alma cheia de amargura... Um desalento profundo... [illegible] tremendo da vida...

E, si, ás vezes, um sorriso me passa pelos labios, é assim como essas rosas que vivem "l'espace d'un matin", sobre o marmore frio de um jazigo...

Cruzes para tanta melancolia!

Carta de um sentimental

Sem duvida, minha doce pequena dos olhos côr de bronze, has de suppor que o meu silencio indica indifferença por ti. Nunca!

As palavras se fizeram, mais para esconder o nosso pensamento, do que para exprimil-o.

Quantas vezes, a palavra que nos brota dos labios é — "eu amo!" E no fundo da mente o pensamento é — "não amo!"

Não! Não creias nas palavras... Não creias no que uma carta te possa contar de um coração...

Talvez o meu silencio — silencio que tem tantas causas, tantas razões que o justifiquem — seja mais expressivo do que tudo quanto eu te pudesse dizer.

Quando a noite cae, eu me ausento da cidade para ver o crepusculo cahir sobre os bairros tristes e os suburbios ingenuos, onde os morros são mais verdes e o sol-poente parece mais vermelho — parece uma tulipa côr de sangue, que desabrocha na tarde de ouro do occaso, e se fecha depois numa agonia que dura pouco...

Vês? Quantas palavras inuteis? O melhor que sinto, nessas horas, ainda tu não sabes. Vou para os ermos da cidade, porque lá estou mais perto da natureza rustica, simples, innocente, onde ha vôos de pombas bravas e estradas poentas, — erguendo a sua poeira aos lampejos do sol.

E depois eu me ponho a pensar em ti... Vejo as montanhas que eu hei de atravessar, na fuga de um comboio ululante... Vejo a casinha meiga, na encosta do monte... Vejo os rebanhos innocentes, que tu amas... Vejo tambem aquelle caminho estreito que me recorda os versos hespanhoes...

Voy caminito de tu corazón,
dulce refugio que en mi noche vi...

Oh! crê no meu silencio, que é um longo silencio de amor — Teu Y...

Ella parece dizer: «Por favor, não me photographe!»

Bom humor

Tenho um amigo que é capitalista. Homem de negocios, possue, no emtanto, requintado bom gosto, de modo que o seu gabinete de trabalho é um pequeno museu. Nelle se agglomeram mil e uma pequenas coisas de arte.

E o meu amigo faz questão de que se perceba esse seu bom gosto denunciado nas minimas coisas que o rodêam.

Realiza assim o conceito de Houssaye, que dizia: "Uma pessôa dá a impressão de si e do seu caracter pelos objectos, bons ou máos, que o rodêam".

E assim o meu amigo capitalista.

Um creado, um antigo servo, que encanece no seu serviço, e a quem o meu herõe dispensa toda consideração, é quem zela pelos objectos de arte do seu gabinete. E elle é quem ali entra para a devida limpeza do aposento.

Ha dias, o creado (elle se chama Terencio) foi fazer a limpeza do gabinete. Acontece que Terencio estava de mau humor, devido a uma observação que o amo lhe fizera.

Mal entrou no gabinete, tropeçou num capacho e caiu. Depois, entrou a espanar os objectos e moveis de modo tão desastrado que foi logo atirando uma *Diana* de marmore ao chão e quebrou uma faiança rara, do seculo XVIII.

O capitalista ficou revoltado. O creado se desculpou como póde.

Dias depois, o empregado estava de mau humor, novamente.

O patrão chamou-o:

— Terencio!

— Prompto!

— Olhe, você de hoje em deante só effectuará a limpeza deste gabinete quando estiver contente, feliz, com o maior bom humor. Com essa cara, você não me entra aqui. Percebe?

— Sim, senhor. Farei o que me ordena.

E deu meia volta para tratar de outra coisa.

* * *

Recordando a historia de Terencio, considero como é elle feliz em relação a nós outros, que vivemos da penna.

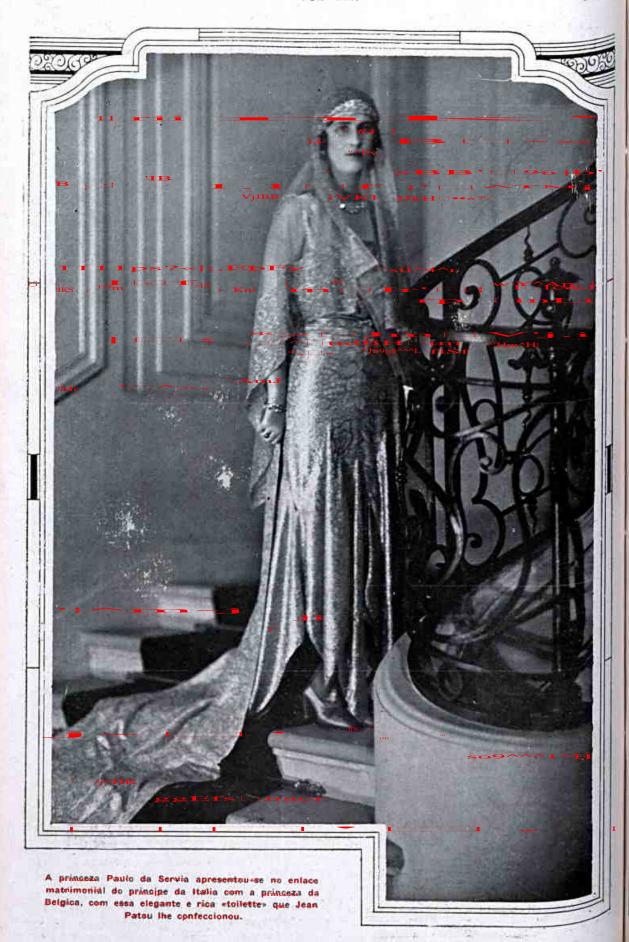
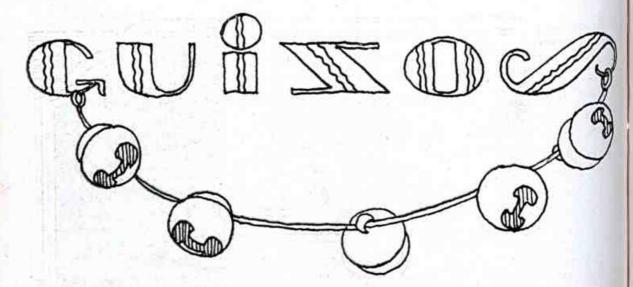
Os jornalistas não gosam da regalia que esse creado de quarto desfructa, na casa do capitalista.

Temos que escrever.

O publico não deve saber si estamos de bom ou mau humor; si temos ou não temos assumpto; si o nosso espirito está attribulado por uma preoccupação material da vida, de modo que se sinta inhibido de conceber uma idéa bella e amavel... Não! O nosso dever é escrever!

Que bom si o secretario nos dissesse: "Seu Fulano, você só escreve quando estiver de bom humor!"

A princeza Paulo da Servia apresentou-se no enlace matrimonial do principe da Italia com a princeza da Belgica, com essa elegante e rica «toilette» que Jean Patou lhe confeccionou.

Ao casamento da princeza Maria José, da Belgica, com o principe Humberto, da Italia, a princeza d'Orléans compareceu com esse lindo vestido de Jean Patou.

GUIZOS...

Eu os trago na alma.

A minha vida guizalhante ha de passar, mas o ruido della ha de perdurar, por algum tempo, como uma saudade leve, em outras almas gemeas da minha.

A musica dos guizos não traduz apenas a melancolia de Pierrot, o sorriso facetado de Colombina, o estouvamento de Arlequim e a gargalhada metalica de Satan.

A musica dos guizos é typica e indecifravel, enthusiasma e traz desalentos, ironiza os homens e as coisas...

Nos guizos ha um pouco de tudo.

Assim tambem nos guizos da minha alma...

MULHERES

PORTUGAL offereceu-nos uma estatistica muito curiosa.

Lá existem mais mulheres do que homens.

O sexo galante está em maioria impressionante, e as autoridades têm pouca esperança de corrigir o mal...

Tenho uma tristeza immensa de andar quasi sempre em desaccordo com as autoridades; porem, que fazer?!

Neste caso, como em muitos outros, não penso como as autoridades.

Ao invés de corrigir o que estas julgam um mal, eu trataria de conservar este grande bem.

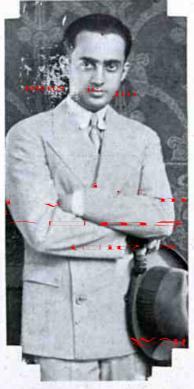
Mulheres em profusão, mulheres a granel, só podem alegrar a vida.

Portugal, com o excesso de mulheres, será uma terra linda de amores, uma terra cantante de alegria, um pedaço do Paraiso.

Para que servem, afinal, os homens?!...

Cá pelas nossas bandas, a coisa é outra: ha falta de mulheres, sobram os homens.

E disto resulta o que se vê: um paiz de população melancolica, neurasthenizada, pelo excesso de homens.

Ah! quem me déra o mal de Portugal!...

O sr. Mozart Firmeza não é um nome ainda divulgado entre nós. Residindo em Fortaleza, não mantendo intercambio com os intellectuaes do Rio, com actuação na imprensa, é claro que não encontrará ensejo, como muitos outros escriptores dos Estados, de se fazer conhecido e festejado na capital da Republica. Mas é uma pena. Pois o sr. Mozart Firmeza é um escriptor que reúne excellentes qualidades. Disso é uma prova o seu ultimo trabalho — «Meteóros» — poema modernista, onde o autor se revela um poeta de inspiração larga e ousada.

CIVILIZAÇÃO

GOYAZ está definitivamente emparelhado entre os Estados civilizados deste immenso paiz.

Deixou de ser o torrão dos [illegible], para ser a terra dos [illegible].

Por lá, os negocios do coração, os casos de honra, já não são lavados com sangue, porque a concepção material da vida moderna inventou medidas outras que resolvem perfeitamente, de maneira efficaz, taes contendas.

Goyaz civilizou-se...

Querem a prova?!

Um primo gostou de uma prima, o que é a coisa mais natural do mundo, e pediu-a em casamento.

Tudo correu bem até o dia do matrimonio promettido. Mas, na hora dos esponsaes, a noiva experimentou a dolorosa decepção de esperar em vão, no cartorio, pelo futuro marido.

Afinal, soube-se que o primo tinha resolvido dar o dito por não dito e... adeus, casório!

Que fez então a familia da noiva ludibriada?!

Coisa simples, gesto de gente blasé, que sabe o que vale a vida...

Nada de tiros, nem de facadas, nada de tragédias ensopadas em sangue.

A noiva compareceu em juizo e reclamou as despesas feitas com o enxoval, dinheiro gasto em pura perda...

Mirem-se os desmiolados e as hystericas neste altissimo exemplo.

Si o facto não tivesse occorrido em Goyaz, eu seria capaz de jurar que o mesmo trazia rotulo da Allemanha...

Não ha como a gente adoptar processos praticos, para civilizar-se...

MARIOS

As Barcaças Pernambucanas

JOSÉ MARIANO FILHO

MARIO SETTE é uma das cerebrações mais luminosas e fecundas do norte. Seu nome, bem cedo ainda, ultrapassou as fronteiras de sua terra natal — Pernambuco — projectando-se de modo brilhante no scenario das letras patrias, onde elle, como romancista e como chronista, logo se affirmava o magnifico escriptor que é. Senhora de Engenho, O Vigia da Casa Grande (premiado pela Academia Brasileira de Letras), A filha de D. Sinhá, O palanquin dourado, [illegible], etc., são obras desse espirito primoroso, que ora se encontra nesta capital e que, ha poucos dias, honrou FON-FON e seus collegas que aqui trabalham com uma visita gentilissima. Foi nas paginas desta revista que Mario Sette publicou os seus primeiros trabalhos, já ha longos annos. Assim, foi dobradamente grato o prazer que elle nos proporcionou, visitando-nos, e distinguindo-nos com uma admiravel pagina de sua lavra, que elle escreveu especialmente para FON-FON.

O barco senhoril das barcaças da minha terra...

Quem as veja encostadinhas aos cáes da cidade ou aos armazens de Santo Amaro, descarregando rumas de abacaxis cheirosos de Goyanna e panacuns de mangas de Itamaracá, não fica sabendo metade da belleza que ellas mostram lá fóra, no alto mar, quando o rumo feito... Ali, no ancoradouro, de velas enroladas, umas com os mastros hirtos, de onde escorrem os cordames, outras de mastros descansando ao longo do convez, parecem cochilar. O mestre, de chapéo de carnaúba derrubado para os olhos móde o sol não o cegar, estirado perto da borda da chimba... Outro tripulante, magro e amulatado, anda na faina de repintar a embarcação... Um terceiro, sentado na pôpa, de pernas para fóra, sacode a linha com a isca ao rio e fica esperando a fisgada do peixe...

Homens de torsos nús, suarentos, uns atraz dos mais, vão e vão sahindo, por uma prancha, ora de mãos livres, ora curvando a espinha ao peso dos saccos de assucar que vieram do engenho de Iguarassú.

Em roda, a cidade se movimenta numa trepidação de modernismo e progresso: — as pontes são riscadas pelos electricos e pelos automoveis, os rebocadores, puxando as alvarengas, cortam o Capiberibe; as lanchas correm, apitando; uma yole passa suavemente na graciosidade rythmica dos remos.

Somente as barcaças repousam...

Mas, vem a hora de reiniciar a jornada maritima. Tiram a prancha. Ergue-se a ancora. O mestre dá ordens, observa o vento, espia o céo. Desenrolam-se as velas... O homem do leme gruda-se ao posto... Todos trabalham... E na mansidão dos gestos, apanhando a viração, o velame se enfuna, a quilha navalha as aguas, ganha-se a barra, ganha-se o mar alto...

No ladrilho verde e arrepiado do mar do nordeste, as barcaças vogam.

Costumam sahir ao entardecer, quasi sempre muitas de uma só vez, e vão navegando de conserva... Ora, em fila, ora de par em par... Umas de dois mastros, outras de tres... Umas de vellas branquissimas, outras de velas encardidas...

Si pegam vento de feição, marcham ligeiras, ligeiras, de seguimento certo, contornando a lindeza das praias, á vista das collinas mysticas de Olinda ou dos coqueiraes marulhantes de Boa Viagem.

As aguas bochecham na cortadeira das prôas... Que importa?... O vento empurra... E na maciez das tardes de verão pernambucano, a brisa attenuando o calor, maciez de luz como si o sol, cahindo, fosse guardando a paizagem numa camorça para o dia seguinte, as barcaças seguem seu caminho, na airosidade de porte que só se vendo para julgal-a!

Mario Sette.

Uma bóia sangra no alto — gotta de sangue que se formou talvez das lagrimas de alguem que partia...

As barcaças passam.

Si, porém, o vento é contrario, a faina é outra. Bordejam. Vêm de rumo á praia, vêm feitas, a prôa enristada para a areia... Parece que encalharão... Avançam... Uma bojuda, de tres velas, de bordas cinzentas e quilha bem vermelha. Lê-se-lhe o nome: *Nossa Senhora da Janga*. Atraz uma outra, mais esguia, carregadinha, de bojo azul listrada e velame entufado... *Flôr de Maria Farinha*.

Estão quasi na praia. Um tripulante, junto ao mastro, se debruça, estimando a distancia. O mestre, na prôa, encara a terra... O do leme, encarapitado, enrija o braço para a manobra. A barcaça corre... De subito, uma ordem, um repellão, as velas murcham, agitam-se, bambaleiam, resôam, e, a uma meia volta rapida, se enfunam novamente. Agora, quem olha a praia é a pôpa. O rapaz do leme volve o rosto e ri-se para os que estão tomando banho...

E as barcaças lá se vão outra vez para o mar alto...

Todas assim. Velozes, cortadoras de aguas, garbosas, vão e vêm... vêm e vão... Cruzam-se, avizinham-se, afastam-se... Modestas, diligentes, senhoris... Formigas do mar que vivem a conduzir humildemente as riquezas da terra... Os saccos de assucar..., as rumas dos abacaxis..., os panacuns das mangas...

Quando anoitece, ellas ainda são, naquelle mundão do mar, umas luzezinhas que balançam e que caminham. E, si ha lua, lua cheia de Pernambuco, que não se imita em parte alguma, as barcaças navegam no rastro do luar, docemente, docemente, com um violão lá dentro a tocar...

MARIO SETTE.

O mestre dá ordens...

MINHA ALMA

NOTAS LITERARIAS

Nosso antigo companheiro Adrien Delpech, illustre escriptor, que acaba de publicar seu novo romance, em francez, «L'Idole». Livro de qualidades viris de fundo e forma, está sendo um verdadeiro successo de livraria. A obra do consagrado autor de «Petropolis», impressa sob os bons auspicios do Fryer Brésilien, possue altas qualidades de ficção e de arte, que a tornam um dos mais interessantes romances ultimamente apparecidos. «L'Idole» mostra scenas brasileiras admiravelmente observadas e descriptas com o encanto da linguagem suave e elegante de Racine.

Ary Pavão, escriptor moderno e ousado, perfeitamente integrado no tumulto do seculo. Vê os homens e as coisas de accordo com o seu estado de alma e de nervos. Dahi, focalizal-os, quando os conhece, com os adjectivos de uma sympathia occasional; e outras, com uma satyra injustificavel, quando os não conhece. O ultimo dos seus livros é «Fuzarca». Uma collecção de epigrammas, de «charges» em verso e prosa agil. Mas, como elle mesmo declara no seu prefacio, — «o titulo não é lá muito proprio para tratar de assumptos graves»...

Heitor Pereira, autor dos livros «Lições civicas» e «Anthologia de autores brasileiros», vem de publicar um valioso estudo sobre pedagogia, que denominou «A escola activa», e que revela uma intelligencia dotada de grande cultura.

Minha alma está murada deante de ti.

Mas eu sei que teus olhos atravessam esses muros. Mas eu sei que a vês como de verdade ella é, lá dentro: a prisioneira inquieta como um tigre na jaula.

Minha alma está tranquilla deante de ti.

Mas eu sei que tu sentes a vasta tempestade que rola no seu intimo, os trovões que ribombam, os relampagos que incendeiam as trevas, o ulular das aguas escachoantes, o uivo da ventania.

Minha alma está sorrindo deante de ti.

Mas eu sei que tu vês no silencio das noites mal dormidas, como uma chuva abundante e silenciosa, as lagrimas que correm incessantemente, lavando as rugas cavadas pela meditação.

Minha alma está luminosa deante de ti.

Mas eu sei que tu já adivinhaste a espessura das suas trevas interiores, toda essa escuridão infinita que a envolve nas suas ondas frias e silenciosas como as asas dum morcego.

Minha alma está erecta deante de ti.

Mas eu sei que tu conheces o esforço que isso representa e quanto os pesados fardos do destino a têm curvado para a terra com [illegible] e impiedosa [illegible].

Minha alma está impavida deante de ti.

Mas eu sei que tu não [illegible] ganas e conheces quantos pavores a allucinam, como se [illegible] ante os receios que a assaltam [illegible] de que forma a agitam todos os medos guardados nas dobras da noite.

Minha alma está de joelhos deante de ti.

E tu estás certa de que isso é verdade.

Nomeado para substituir o saudoso monsenhor Fernando Rangel de Mello no commissariado da Veneravel e Archiepiscopal Ordem 3.ª de Nossa Senhora do Monte do Carmo, tomou posse de seu alto cargo, na tarde de sabbado, s. ex. revma. d. Mamede da Silva Leite, bispo titular de Sebaste. Presidiu á cerimonia, que se realizou na egreja do Carmo, o bispo d. Antonio Augusto de Assis. A photographia acima fixa um aspecto dessa solennidade.

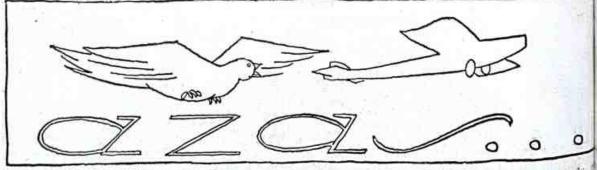
...IGRANAS

...mente, tudo se ... americanos, do-... ...ando por serem ... do dinheiro do ... A um pae yankee ...ribue este conselho ...:

...ke money, ho-... if you can, but ma-... money!

... o dinheiro, ho-...mente si puderes, ... o dinheiro!

...anto, o conselho ... velho do ... de Braga, o que ... em vez de ser ...ano, é profunda-...mano. Encontra-... Verso de Theo-... Krego: "E' ne-... aconselhar em ... que cada um se ... como puder."

Os cirurgiões dentistas diplomados em 1924 pela Faculdade de Medicina da Universidade do Rio de Janeiro, commemoraram, sabbado ultimo, no Club dos Bandeirantes, o primeiro lustro de exercicio profissional nesta cidade. São elles: Adaucto de Assis, Chryso Fontes, Seabra Júnior, Alberto Regis da Silva Neves, Newton Custodio Nunes, Luciano Ludgero da Costa, Álvaro Lorena Martins e Paulo Portugal, reunidos juntamente com o paranympho, prof. Hildebrando Braga. Durante o agape, que transcorreu cordial, foram rememorados factos da vida profissional de cada um, trocando brindes ao «champagne» os drs. Adaucto de Assis, Chryso Fontes e Hildebrando Braga, os quaes não esqueceram outros companheiros de turma, ausentes do Rio, e saudaram a memoria do fallecido prof. Chapot Prevost.

MINHA TERRA, MINHA SAUDADE...

HA dias em que a gente, buscando-se a si proprio, por mais que focalize e tente objectivar e colher seu eu, em plena revelação de sua illuminação interior, tem a dolorosa impressão de que nunca conseguirá esse proposito. Commigo assim teem sido sempre negativas todas as tentativas, negativos todos os resultados. Só a sombra, a sombra de mim proprio, a projectar-se e reflectir-se, esbatida e indecisa, deante da objectiva da retina angustiada de meus olhos...

E, no emtanto, não me sinto triste, hoje, que olho para dentro de mim a procurar vislumbrar o raio de sol da illuminação interior que parece trazer numa festa de deslumbramento todo o meu ser inquieto e vagabundo.

Um sorriso bom e amigo brinca-me nos labios e, na paz serena e acolhedora da planicie verde de meus olhos verdes, a quietude das coisas casa-se á harmonia indefinivel de todo o meu ser.

Longe, lá, longe, os olhos de minha alma demoram, longamente, numa caricia de saudade, sobre um recorte de praia: dunas, muitas dunas, muito alvas, muito suaves; mais acima, coqueiraes que farfalham a alegria verde de suas copas; cajueiraes em flor, cheirando a collo virgem de bodas, e, em baixo, o esp[illegible] casto do mar bravio e verde beijar a orla do vestido de noi[illegible] de minha terra.

Minha terra!...

Não era a luz de mim proprio que se derramava em meu [illegible] enchendo-o de deslumbramento: era um raio de teu sol e uma caricia do mar verde que marca o rythmo agitado ou sereno de tua vida, minha terra, que chega até mim na uncção de saudade e de recolhimento que enche de harmonia e de paz todo o meu ser.

Mareja-se a planicie verde e quieta de meus olhos, que piscam, como se o teu mar, minha terra, todo o teu mar, tudo é verde, tivesse vindo rolar, em ondas de caricia, [illegible] quietude de minhas pupillas. [illegible] tambem rola, rola, neste momento, o mar sereno de minha saudade das tuas praias bravas [illegible] da minha serra a sorrir entre violetas e amores-perfeitos, do teu sertão, coroado de flores, a se estender como um [illegible] amoroso de mãe, que não [illegible] mais fim...

Os amigos do dr. Francisco Guimarães, director da casa de saude que tem o seu nome, vão render-lhe uma carinhosa homenagem, no proximo dia 3 do corrente, por motivo da passagem do seu anniversario natalicio. Cirurgião notável, pelos milagres que o seu bisturi tem operado, o dr. Francisco Guimarães é uma prestigiosa e acatada figura em nossos meios medicos e sociaes. Muitos têm sido os casos difficeis, em que o illustre cirurgião poude comprovar a sua pericia profissional e a sua dedicação á causa dos que soffrem. Como homem de sociedade, s. s. desfructa de geraes sympathias, no largo circulo das suas relações. Por tudo isso é que a homenagem dos seus amigos se justifica plenamente. Para essa homenagem, que consta de um almoço, existe uma lista, que tem recebido innumeras adhesões.

Formado pela nossa Faculdade de Medicina, o dr. Joaquim M. de Castro Marçal acaba de defender, brilhantemente, a sua these de doutoramento: «Da determinação do symbolo de Lorenzen (ph) no sangue da gestante e da puerpera».

O dr. Waldemar Cerdeira Bordal[illegible], um dos médicos da turma do anno passado da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, onde fez um curso brilhante, tendo sido a sua these approvada com distincção.

Didi Caillet no dia de sua partida para o Paraná, sua terra natal. Didi está acompanhada de madame Caillet e de varios amigos que foram ao seu embarque.

SONHO

"Sim, meu amor"...

E o grande poeta, no seu gesto de alçar-se, não conseguia elevar sua estatura, [illegible] com talento gigante, ás alturas infinitas do Sentimento e á grandeza miraculosa da Arte.

"Sim, meu amor"...

Uma phrase simples, pequenina e, entretanto, tão grande na simplicidade, que soava só para mim, num segredo delicado, que o grande poeta pequenino murmurasse aos meus ouvidos...

"Sim, meu amor"...

[illegible] que eu sou aquella a quem tu falavas com tanta ternura e eu te respondo com meu coração: "Sim, meu amor"... Ensina-me a sonhar, assim como tu sonhas, embalado na rêde de oiro e luz da Poesia. Esquecerei que não és o gigante maravilhoso que, entanto, é o teu bello espirito.

Sonharemos juntos, divinizados num mesmo ideal, irmanados num mesmo sentimento: Arte e Amor. Eis as duas forças mais suaves que impellem todos os corações aos sonhos e ás lutas.

Sonho!

Como é bom ser divina! Sonhar! Sempre sonhar!...

Eu nunca mais despertarei do meu sonho lindo!

Hei de morrer sonhando, hei de morrer sorrindo...

"Sim, meu amor"...

Festejando a sua data natalicia, a senhorita Durvalina Helena de Sá, filha do casal Corrêa de Sá, reuniu em sua residencia, sabbado á noite, as amiguinhas que constituem o circulo de suas relações.

Foi uma cerimonia religiosa de grande imponencia a bençam das espadas, realizada domingo, na egreja de Santo Ignacio, em Botafogo, dos aspirantes catholicos da turma de 1929 da Escola Militar do Realengo. Promovida pela União Catholica do Exercito, essa solennidade teve a presença das altas autoridades militares e civis, das familias dos jovens officiaes e de muitas outras pessoas de representação. Os srs. ministros da Guerra e da Marinha compareceram pessoalmente á bençam das espadas dos novos aspirantes.

Balcão Florido

ROSAS DE TODO ANNO

La lune! il n'y en a pas.
Le printemps! ce n'est pas le prin-
[temps
Des jours anciens.
C'est moi seul
Qui n'ai pas changé.

Leio essa linda *tanka* japoneza e fito, inquieto e triste, o quarto minguante de lua que, como uma foice illuminada, brilha, lá, alto, no céo azul e infinito.

Aquelle pedaço de lua, tão só e tão abandonado, num céo de onde as estrellas parece haverem desertado, como é differente da lua que eu conheci outrora, uma lua tão grande, tão redonda, tão alegre, em cujo campo mysterioso meus olhos de creança viam S. Jorge, montado no seu corcel, a fazer a ronda divina do espaço.

E, como a lua, que eu me habituara a ver e a amar com meus olhos de creança, emquanto vóvózinha, a meu lado, sempre sorridente, me contava a sua historia lendaria, tudo o mais, — a natureza e o céo — tudo o mais mudou para mim. Outro, bem outro é o mundo em que vivo, hoje. Um mundo triste. Um mundo por onde se derrama toda a nostalgia de meus olhos.

E eu não mudei. Minha alma, meu coração — todo o meu ser vive ainda do passado, do meu pequenino e illuminado mundo de creança, em que tudo e todas as coisas tinham uma expressão propria, uma significação particular.

Mas, sinto, tudo mudou ao redor de mim...

REPUXO DE PETALAS

— Como estás linda, hoje! Linda! Linda!

— Eu, linda, hoje?

— Sim...

— Por que? Nunca me fizeste um elogio tão enthusiastico! E só, hoje, somente hoje tiveste olhos de encantamento para a minha pobre e modesta belleza!

— Não; enganas-te. Ha muito que elles viviam cheios de ti, sob a fascinação de teu deslumbramento... Mas...

— Mas...

— Nunca te vi assim, nunca me appareceste assim...

— Mas, assim como? Como é que

Mlles. Helena Dale e Marina Vinelli, duas galantes figurinhas da sociedade carioca.

te appareci? Que impressão te dei, meu amigo?

— Nem sei bem explicar. Antes de te ver, tinha os olhos presos ao deslumbramento desta manhã azul, que derramava em meu ser carioca fluidica e envolvente de sua festa de luz. Depois, deixando a janella, estendi-me naquelle divan, e fiquei numa attitude de recolhimento a pensar em todas as coisas bellas da vida...

Todo um mundo de fadas e de sortilegios vibrava, palpitava dentro de mim...

— Fascinação, encantamento...

— Não. Não. E' que tu te approximavas para surgir, assim, de repente, ante meus olhos, como uma estranha floração humana da primavera, tão linda, tão linda!...

— Escuta: durante muito tempo passei a teu lado, deante de teus olhos indifferentes, que não fitavam bem os meus olhos, que não comprehendiam...

— Meu amor, meu amor, cala-te, não digas mais nada senão num...

— Num beijo, sim, neste beijo que tem o calor de todas as felicidades...

— E o perfume de todas as primaveras...

De ANDRÉ R[illegible]

JARDIM ALHEIO

ROSES D'HIVER

Dans ce vase en grès bleu losangé
[d'un treillage,
Des roses émergeant d'un étrange
[feuillage
Semblent vivre et pourtant ont fini
[de mourir...
Roses d'hiver, dans l'ombre on les
[a fait fleurir;

Elles n'ont pas connu, dolentes pri-
[sonnières,
L'innombrable baiser des brises
[printanières,
La caresse dorée et souple du
[soleil;
Elles n'ont pas ouvert leur cœur
d'un brusque éveil,

Un cœur pressé d'éclore et vé-
[a pétale,
Ardent à rayonner dans l'aurore
[natale.
Un faux printemps de serre, à for-
[ce de tiédeur,
A nutri lentement ce bouquet sans
[odeur

Qui vient mettre en mes yeux
[obscurs, parmi les choses,
Non pas des roses, mais des fantô-
[mes de roses...

HELL[illegible]

FILIGRANAS...

O elevador do hotel levava-me a um dos ultimos andares. Cheio de gente. Uns falavam o inglês nasalado dos americanos. Outros se exprimiam em francês. Outros, em inglês. Alguns em idiomas que eu não conhecia. Pensei num autor classico que diz ser a Roma do seu tempo o resumo do universo por nella se encontrarem gentes de todos os cantos da terra. Qual é actualmente a grande cidade moderna que não é um resumo igual? E esse cosmopolitismo vae despersonalizando as raças e misturando os povos. Um dia elle acabará com as patrias.

Será um bem? Será um mal?

EMOÇÃO...

O auto corria, celere, deixando atrás de si um rasto de fumaça e um cheiro acre de borracha com benzina. Dentro, viajava um gordo millionario, dyspeptico e "blasé", com os dedos pejados de brilhantes e os dentes tauxiados de ouro... Fon-fon-fon...

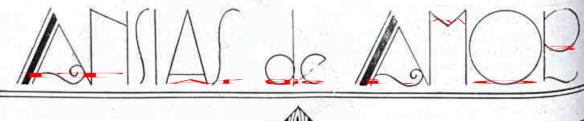
E o auto corria cada vez mais desabaladamente... Um operario, que se dirigia para a fabrica em que trabalhava, atravessando a rua, viu um nickel de cem réis no chão. Abaixou-se para apanhal-o. A auto vinha celere... O chauffeur debreou. Tac! Mas era tarde. O auto havia cortado a perna do operario.

Veiu a policia. Disse que a culpa fôra delle. O millionario fez parar o auto. Desceu. Disseram que elle ia dar um cheque ao ferido. Mas o millionario, apertando a mão do operario, disse, apenas: — "Muito obrigado! O senhor me proporcionou uma excellente emoção..."

R. Magalhães Junior.

O dr. Nelson Timoco, formado ha apenas dois annos pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, é já um nome de destaque no seio da nossa classe medica, pelo seu preparo scientifico, pela sua capacidade de trabalho e pela sua fidalguia de trato. Medico de varios hospitaes do Rio de Janeiro e uma das figuras mais illustres do corpo clinico do Sanatorio Guanabara, o dr. Nelson Timoco goza de grande estima entre os seus collegas e amigos.

* * *

O dr. Murillo Fontes, medico do Posto de Assistencia do Meyer, que apparece ao lado do dr. Pego do Amorim e entre doutorandos de medicina, é um joven cirurgião cujos serviços naquelle estabelecimento, e em outros hospitaes, o têm collocado ao lado dos profissionaes de maior merecimento entre nós. O dr. Murillo Fontes é o director da revista «Medicina Brasileira».

Dá-me o que ha de sublime em teu amor...
Tu não me deste tudo
O que elle guarda
E esconde
Em seus mais intimos refolhos,
Para a victoria de meu canto
E meus desejos...

Dá-me o que ha de sublime
Em teus labios sensuaes...
Dá-me toda
Essa perfidia louca
Que anda aggressiva
Fulgindo e rodopiando
Em teus olhos negros e grandes...

Dá-me como um rude castigo
A cicuta cruel, a cicuta assassina,
Que ha em tua bocca,
Em tua lingua
E em teus dentes brancos de volupia...

Dá-me sem receio
O veneno mortal e redemptor
Que ha em tua bocca vermelha
E em teu corpo sensual...
Sangra-me sem piedade
O coração apaixonado
Por tua carne cheirosa
E teu collo moreno...

Dá-me esse perfume bom
Que eu quero e não acho,
E que só ha nas languidas caricias
De teus dedos esguios e fidalgos...
Perfume que embriaga e enlouquece,
E que só ha em teus cabellos
E em tudo que é teu...

Sangra-me sem piedade
O coração apaixonado,
Que eu quero morrer em tuas mãos
Apunhalado por teus beijos...
Quero morrer abençoando
E maldizendo
Tudo que ha de sublime
Em teu amor...

A gentil senhorita Mercedes da Cunha Salgado, filha do casal Antonio Dutra Salgado, contrahiu nupcias com o sr. José M. Capistrano, do nosso alto commercio. O enlace realizou-se na penultima quarta-feira, nesta capital, e delle estampamos aqui dois detalhes photographicos, nos quaes apparecem os noivos e seus parentes, bem como os respectivos padrinhos, que foram o casal Duarte Esteves de Almeida e o sr. e sra. Antonio Dutra Salgado.

[illegible] DO MEU AMOR

Ha quanto tempo não te via? Parece-me que ha um século!... Tu, entretanto, demonstras que qualquer tempo que me ausenta de ti... é um minuto.

Que me importa o teu abandono? Trago-te sempre commigo, dentro do coração... Não te abandono eu, não te abandona o meu amor...

Recebeu-te, triumphal, despotico no seu triumpho, o jardim, meu rival... Já quasi a meio, teu vulto esguio voltou-se e, então, puzeste os grandes olhos tristes sobre os meus.

Um instante... e desappareceste no pavilhão muito branco, emquanto minha alma ajoelhada pedia a Jesus que te guiasse.

Bemdito sejas tu, que me maltratas e consolas!...

Bemdito seja Deus, que me permitte ver-te, mesmo frio e indifferente!...

Oh! Não creias nunca nas palavras de odio que, por vezes, envenenam meu pensamento escripto, esses farrapos de séca da minha alma! Não! Não creias! Ess[illegible] odio [illegible] é mais que um desespero immenso, calcado longo tempo no silencio de claustro do meu coração...

Em verdade, é sim, em verdade te juro: — Amo-te. Amo-te exclusivamente, absolutamente, conscientemente, infinitamente! Tu és o Céo da minha vida, a alegria, o enlevo, a admiração, a ternura, a luz, a alma da minha alma!... o meu eterno e único amor...

Não me queres... mas eu te quero!

Não me procuras... mas te procuro eu!

Não me amas... mas, meu amor, amo-te eu, por nós dois...

Que importa que não faças tudo quanto minha alma deseja?

Amo-te como és, estranho, incomprehensivel, admiravel!

Amo-te, com os teus caprichos e os teus silêncios...

Quem sabe si não estou querendo um Impossível?...

Quem sabe lá o segredo lindo da tua vida?...

Meu amor... eu já sou muito feliz porque te amo!...

BARONEZA DE BRANCCION

A senhorita Nair Osorio Teixeira, da sociedade de Fortaleza, e o sr. Alfredo Carreira Filho, cujo enlace se realizou ha pouco no Ceará, onde residem os noivos.

FILIGRANAS

A perder de vista estendia-se a planicie verde. Sob o sol ardente, pesadamente deitadas, as vaccas, malhadas de branco e negro, e de amarello e branco, ruminavam. E aqui, alli, perto dos altos montões de capim foiçado, os braços das carroças se alevantavam para o céo.

Domingo. Não se avistava ninguem. Um sino badalava ao longe. E um ventinho fresco agitava ao canto da unica casa que se avistava a folhagem dos grandes eucalyptos.

Tranquillidade. Este seria o titulo que um pintor teria de dar si pintasse o quadro que meus olhos viam. Ah! si meu espirito fôsse como essa paisagem...

FUTILIDADES

O comprimento das saias. Esse assumpto é a grande preoccupação do momento.

Quasi tão grande como a successão presidencial.

Já se não diz que as saias tendem a encompridar. Ellas já são compridas.

Direi feliz ou infelizmente?

Não sei. «Ça depend»...

Para a moderna, bem moderna, para a futil bem futil, tudo o que é moda é bonito.

E as saias compridas estão outra vez em moda.

Porém, mesmo banida, a saia curta não se pode queixar.

Teve o seu reinado, um reinado longo, cheio de encantos e de revelações...

E teve um privilegio que as verdadeiras rainhas de sangue azul nunca tiveram: apesar de ter reinado muito tempo, conservou-se a garota dos primeiros dias. Não envelheceu.

E nem que as caudas severas triumphem em toda linha, e ainda que voltem as saias balão, as mangas presunto e outras cousas antiquadas, o vestidinho curto ficará sempre na memoria dos namorados e das melindrosas de... pernas bem feitas.

E mesmo daqui a 20 ou 30 annos, os namorados de hoje, então chefes de familia, dirão, numa hora de ternura, ás suas velhas companheiras: «Você não se lembra, Xini, daquelle vestido azul, muito curto, que você usava, quando nos encontrávamos no cinema? Como lhe ficava bem!»

A tradicional procissão de São Sebastião realizou-se domingo á tarde, tendo sahido da Cathedral Metropolitana ás 16 horas daquelle dia. Como sempre acontece, a alma catholica da nossa população, numa tocante demonstração de fé, rendeu ao padroeiro da cidade as homenagens da sua veneração, prestando o mais piedoso culto ao glorioso martyr.

E o solteirão, que não casára justamente porque ella mostrava demais os joelhos, evocará, no silencio do seu «home» deserto, aquellas «jarettes» elegantissimas sob a malha de seda 52 e terá saudades, oh! tantas saudades do tempo em que se indignava com a audacia da sua namorada que tanto as mostrava porque não sabia por que motivo escondel-as...

A saia curta!

Quantas creaturas estão contentes de vel-a sumir-se entre as brumas do passado que foi hontem, os maridos egoistas, os noivos ciumentos, as senhoras muito gordas e as mocinhas marca «palito»!

Porque a éra do vestido exiguo foi tambem a éra das revelações, e ha tantas revelações desastradas!

Tambem ficarão contentes os medicos sem clinica, pois, segundo estatisticas inglezas, o uso das saias curtas, exigindo meias finas e dessous muito leves, afastou muitas molestias e trouxe ás suas portadoras a saúde, que é o melhor bem da vida.

Foi por isso que eu, moderna e futil, não recebo de cara alegre a innovação dos costureiros de Paris.

E' possivel que a esthetica feminina leve vantagem com as saias longas. haverá talvez mais elegancia e distincção e tornar-se-ão menos figuras grotescas, mas tambem diminuirão as creaturas bem parecidas e com o seu desapparecimento decahirá o esplendor da raça, da qual nos começamos apenas a orgulhar...

Demais, no seculo em que os sports triumpham, em que o «jazz» enterra de uma vez as arias tuberculosas do velho theatro, emfim, dentro da actividade espantosa dos nossos dias, nada ha menos esthetico que a doença, e a saúde continúa a ser mais que nunca, o primeiro paragrapho do codigo da belleza.

Chim-Ly.

SABEDORIA

Ler os escriptos sábios apenas para lhes admirar o estylo, é como não dar importancia sinão á côr e ao perfume das plantas medicinaes, desprezando-lhes e desconhecendo-lhes as virtudes.

Plutarco

Tres imponentes aspectos da grande procissão do padroeiro da cidade, que domingo á tarde percorreu as principaes ruas do centro urbano.

O NATAL DA NOVIÇA

DILKE DE BARBOSA RODRIGUES

ESTA pagina da joven escriptora Dilke de Barbosa Rodrigues deixou, como muitas outras, de sahir em nosso numero de Natal. Publicando-a agora, julgamos que ella ainda desperte o mesmo interesse dos nossos leitores.

DOZE horas badalavam a meia-noite no claustral do vetusto convento das freiras brancas.

Como o alveo véo dessas monjas, alçava ao céo a lua plena, numa diaphaneidade religiosa.

Eram as gottas da neve translúcida que cahia feita gaze das circassianas...

De um mezanino alto de grade em cruzes, furtivamente entrava bisbilhoteiro um raio de luz lunar, surpreso de tombar em cheio no collo da Virgem eburnea. Tremeu... Pensava elle encontrar o seio da noviça mais nova. Baixando um pouco do seu dormitorio horizonte, enfrentou o Deus Menino, que sorria ao ver a seus pés, contricta e illuminada, a noviça Clara.

Tremeu, ainda. Descendo mais, esbateu-se na parede branca e a claridade tenue reflectiu-se sobre a innocente noviça. Emocionada, inconscientemente, segue a mysteriosa luz. Chega-se áquelle mezanino carcere. Desce o olhar celestial e em baixo, na via do desconhecido, um ente que lhe falou á alma. E um frêmito esplendido passou em seu coração...

A lua descambava provocante pela escuridão das horas passadas.

Embevecida, transtornada, mirava Ricardo o seu amiguinho da meninice, o companheiro inseparavel de brinquedos e risos.

Esqueceu-se de tudo, da renuncia ao mundo, do amôr a Deus, da clausura conventual, naturalmente seguindo a alma e o coração, e dirigiu-se ao portal do convento. Mansamente, suspende a aldabra. O pesado portão range nos seus gonzos e encontram-se os dois apaixonados ao mesmo tempo. Quem dirigira essas duas almas ao mesmo pensamento, á mesma direcção, ao mesmo encontro? O Menino Deus da capellinha alva, dourada e florida? Foi, certamente. O Menino Deus, esse Jesus, tão doce, só quer a felicidade de todos.

De mãos dadas, unidos pelos ramos da innocencia, seguiram estrada em fóra... Caminhavam, caminhavam, embevecidos, enluarados, perfumados pelas brisas da noite...

Divisaram, sem o querer, uma egrejinha pobre, torre fóra, sinos pendentes a badalar, a badalar, entoando psalmos de amôr e felicidade.

Entram. Sacerdote de branco, moçoilas de branco, rapazes de branco, cantando hymnos a Jesus, que acabava de nascer. Aproximam-se do altar. Bençans ao padre pedem e o santo velhinho, pensando que eram bençans pelo dia, uniu-os sinceramente pelo poder divino. Estavam, portanto, sagrados pelo Menino Deus, que da capellinha os seguia. Caminharam. Caminharam. Uma casinha toda branca, coberta de trepadeiras azues, encontraram ao finalizar o luar. Estava terminada a primeira etapa!...

Natal! Natal!... Anno sobre anno. Agora, ella era a freirinha da felicidade terrena pela união matrimonial, que santifica, que purifica, que eleva a mulher ao seio de Deus. Ella sentia-se tão santa no lar como no convento das freiras brancas.

Natal! Natal! Não [illegible] mais nos sapatinhos [illegible] antigamente no lar [illegible] no, os lindos mimos [illegible] Papá-Noel, mas possuia [illegible] mais rico dos presentes [illegible] Em linda açafata [illegible] das e arminhos [illegible] a dádiva do Menino [illegible] Ajoelhada, encantada [illegible] tão precioso relica[illegible] cias, beijos e lagrimas [illegible] hiam sobre a cutis [illegible] do rechonchudo [illegible] E, ao sentir essas [illegible] vinas, elle estremecia [illegible] alegria que sentia [illegible] chorar... Que chorar [illegible] tranho era esse?

Cinco horas da manhã! Soava o bimbalhar [illegible] nos das matinas [illegible] mece e, sobresaltada [illegible] perta a bella noviça [illegible] vindo o tilintar das [illegible] nas que chamavam [illegible] vas ovelhas de Jesus [illegible] aprisco sagrado.

E mais fortes, mais [illegible] gicas, mais perturbadoras entravam pelos seus ouvidos as sonatas [illegible] madrugada... [illegible]

Que seria isso? [illegible] nho? Uma mentira? [illegible] falsa fé? Era...

Corre ao confessionario [illegible] Frei Luiz [illegible] dirige-se a passos [illegible] para a capellinha [illegible] vento... Ajoelha-se [illegible] ça a seus pés: "Frei [illegible] confesse-me, estou [illegible] cado. Sonhei que [illegible] casado... Que [illegible] anjinho como o Menino Deus do nosso altar [illegible] este mesmo Menino [illegible] sinára, me seguir [illegible] mão caminho"...

E, ingenuamente, [illegible] sonho confessou.

"Perdôo-te, menina [illegible] ta-te d'aqui e segue [illegible] fadario. Não é este [illegible] logar e sim no lar da [illegible] milia"...

"E esse lar não será [illegible] que vivo agora? [illegible] padre [illegible] fessor? O da [illegible] Jesus [illegible] trai das noivas [illegible] Estou perdoada [illegible] perdão já m'o [illegible] aqui no seio desta [illegible] santificada ficarei para [illegible] vida toda"...

....

E foi assim que a [illegible] da communhão [illegible] manhã gloriosa [illegible] os lábios da noviça [illegible] aquelles lábios [illegible] dos, que não conheceram [illegible] beijos, receberam a [illegible] hóstia, murmurando [illegible] felicidade de Ricardo [illegible] se casára na vespera...

S. ex. o sr. dr. Julio Prestes de Albuquerque, presidente de S. Paulo, e a quem se deve a iniciativa da segunda exposição de f r u tas recentemente inaugurada na capital daquelle Estado.

Dr. Fernando Costa, secretario da Agricultura do governo paulista, e organizador da exposição de frutas do Palacio das Industrias.

Grandeza e Progresso de S. Paulo

A actual administração paulista é um exemple magnifico de realizações praticas, concretisadas em obras de alto interesse collectivo, visando sempre o bem publico.

O presidente Julio Prestes tem sido, realmente, um realizador, um estadista constructor que vem, dia a dia, dotando S. Paulo de novos e fecundos melhoramentos.

Agora mesmo, a recente inauguração da 2ª exposição de fructas nacionaes e européas acclimata

Deante dos soberbos [illegible], o presidente do Estado e demais auxiliares do governo paulista posaram para a objectiva de FON-FON.

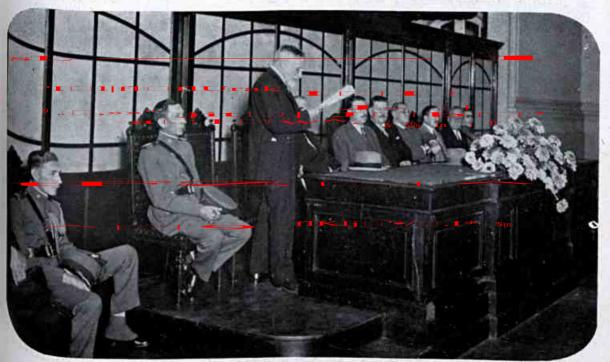
das no Brasil, é um attestado magnifico de quanto tem sido efficiente a acção do poder publico, alli, nos varios departamentos da actividade paulista. Esse notavel certamen acaba de ser inaugurado no majestoso Palacio das Industrias, que é, hoje, o indice maximo do trabalho e do progresso de São Paulo e onde se vêem representadas, em exposição permanente, todas as industrias, desde as relativas aos objectos de arte até as que exploram as possantes machinas de ferro e aço.

A iniciativa da nova exposição, foi brilhantemente levada a feito pelo illustre dr. Fernando Costa, secretario da Agricultura do governo paulista, e representa um grande estimulo á intensificação da polycultura, no Estado, que tem sido uma das preoccupações de seu eminente presidente

O presidente do Estado, em companhia do organizador da exposição, dr. Fernando Costa, e do deputado Gentil Tavares, dirigindo-se para o recinto da mesma.

O presidente Júlio Prestes, tendo á sua direita o professor Architiclino dos Santos, director do Museu Industrial e Agrícola, e, á esquerda, o dr. Fernando Costa, secretario da Agricultura, e dr. Prado Júnior, prefeito do Districto Federal, que estava em S. Paulo, examina os exemplares de plantas fructiferas.

E' uma bella e fecunda demonstração, de immediatos resultados e beneficios para todo o paiz, cujas possibilidades, no terreno da fruticultura, são as mais auspiciosas.

O exemplo paulista ahi está a assignalar, a documentar, com mais esse attestado de esforço e de operosidade, a obra de realizações praticas de seu patriotico e bem inspirado governo.

O dr. Amador Cunha Bueno, adeantado viticultor paulista, lendo a sua conferencia inaugural da exposição sobre a grande e futurosa cultura das uvas no Brasil. A mesa da sessão é presidida pelo presidente Julio Prestes.

Trepações

A esposa do medico ha de convir que assim tambem é demais.

Não dá uma folga ao pobre do rapaz, que anda pelos cabellos com tamanho tormento pelo telephone, e mais recadinhos enviados pelos *rapidos* da cidade.

A victima não póde trabalhar socegadamente e quando sahe da repartição para regressar á casa, já entra meio assustada no lar, com a impressão que o tecto lhe vae cahir sobre a cabeça.

Si *madame* fosse uma creatura intelligente, já devia ter comprehendido que o rapaz não corresponde ao seu affecto, razão pela qual fóge ás entrevistas nervosamente sollicitadas.

O furtivo encontro daquella tarde em um cinema, seguido da troca de umas palavras medrosas no final da sessão, não constituiu para o rapaz nenhuma promessa, nenhum compromisso, nenhuma jura de um amor solemne e eterno.

Foi um gesto sem consequencia para elle, que recuou, apavorado, quando recebeu o primeiro telephonema de *madame*, ainda não eram decorridas vinte e quatro horas.

O rapaz já sabe com quem lida e não quer complicações sérias na vida, como bem casado que é...

Madame não deve insistir nos telephonemas e mais os *rapidos*...

SI a galante senhorinha imaginasse o resultado da leviandade que praticou, certamente teria mandado ao diabo o passeio de baratinha.

Foi um momento de irreflexão, mas, ella não resistiu ao convite e acompanhou o rapaz, maravilhando-se com o espectaculo das nossas praias.

Porem, no melhor da festa, o outro, que lhe dedicava uma affeição sincera, viu e foi ás nuvens...

Ella quiz ainda concertar a situação; entretanto, perdeu o seu tempo e perdeu para sempre uma amizade rara nos tempos que correm.

Foi assim que a galante senhorinha, apenas por um gesto leviano, traçou talvez o seu futuro espeso por um passeio de baratinha...

Bateu azas e voou...

NO Rio ha casos verdadeiramente curiosos.

A moreninha, filha de paes pobres e que não possúe de seu outros attractivos além daquelles que a natureza lhe deu, de um dia para outro mudou radicalmente de vida e está *bancando* o *taxi*, vestidos caros, joias etc.

De modesta que era no vestir, chama hoje a attenção das amiguinhas, que róem as unhas de inveja, deante do espectaculo das suas *toilettes* deslumbrantes.

Curioso é que os paes da pequena não procuram syndicar de onde surgem os recursos para taes exhibições de luxo.

Que profissão rendosa teria arranjado a pequena para sahir da sua vida modesta?!

Transformação igual só nos passes de magicas...

MADAME é mestra na arte de bem viver...

Quem a vê na sua confortavel residencia de bairro *chic*, fazendo festinhas ao marido, sem a menor cerimonia, deante de respeitavel publico, não póde fugir ao raciocinio logico de que ali está um dos casaes felizes do Rio.

Acontece, porem, justamente o contrario na vida intima do casal.

Quando o marido, por qualquer circunstancia viaja para o interior, *madame* dá expansão aos caprichos do coração, creando fantasias que alimenta, tambem sem a menor cerimonia, deante dos olhos curiosos dos vizinhos.

Porque *madame* esquece o respeito que deve ao marido, e recebe na propria residencia umas visitas interessantes, que costumam ser demoradas, entrando pela madrugada a dentro...

Quando Vesper faz os primeiros ensaios, as visitas cahem fóra e volta o socego á casa.

Ás vezes, o visitante se parece nervoso e então arma-se barulho grosso em altas vozes, para gaudio da vizinhança.

Madame, que é joven e bonita, bem podia poupar tão grande vexame ao marido, idoso, pacato, e confiante na esposa que tem.

Carlos Alberto é um menino intelligente. Alumno da Escola Argentina, que esse futuro artista, que conta apenas 10 annos, ao ser inaugurado, recentemente, o novo edificio daquelle estabelecimento, offereceu ao dr. Washington Luis um engenhoso trabalho em modelagem sobre S. Paulo, representando o grande Estado com suas principaes cidades. Carlos Alberto é filho do nosso confrade de imprensa sr. Gaspar Guilherme Ferreira de Souza.

Aurea, Léa e Cyrene são tres galantes filhinhas do casal Tancredo Armelim Moreira.

(Photo De los Rios).

A Liga de Sports da Marinha promoveu, ha dias, nas aguas da bahia de Guanabara, uma regata á vela, que offereceu aspectos bem interessantes, e cujas provas foram disputadas entre marujos das guarnições dos navios de guerra.

DENTRO DA ARTE BRASILEIRA

MARIO AZEVEDO

MARIO AZEVEDO é o acompanhador mais popular do Brasil.

A sua facilidade em ler a musica *á primeira vista*, a sua adaptabilidade em seguir o modo, a maneira interpretativa dos solistas, dos c a n t o r e s, além da sua technica pianistica, fazem-no a figura mais procurada pelos recitalistas e concertistas que aqui ao Rio aportam e mesmo pelos que aqui residem.

Acho mesmo que Mario e Julieta Gomes de Menezes são os dois melhores acompanhadores nacionaes.

Agora o *professor* Mario Azevedo é de facto professor: tirou, com a premiação maxima, o curso de piano do Instituto.

A sua arte interpreta com clareza, comprehende com grande facilidade e se traduz com rythmo e bravura surprehendentes.

Nós temos uma grande pleiade de bons pianistas: Gnatalli, S o d r é, Fructuoso de Lima, Souza Lima, J. Octaviano; e outros que podiam ser maiores si melhor se dedicassem ao piano. Entre esses, Brutus Pedreira, que até hoje, apesar de suas bellas qualidades, não deu um concerto, Alvaro de Barros Figueiredo, um bello temperamento, mas que perde na Bohemia, assim como Ary Barroso, outro *perdulario de dotes*.

* * *

Mario Azevedo tambem se gasta muito em trabalhos que o esfalfam, apesar do lucro.

Faz-se ouvir no Radio e em concertos de beneficio, esses organizados pelas d a m a s caridosas. Agora, ha pouco, indo ao Espirito Santo, sua terra de nascimento, deu o seu primeiro concerto individual com enthusiasticos louvores.

O exito dessa estréa e o estimulo de sua optima classificação final no Instituto por certo prevalecerão em seu animo para que brilhe forte no concurso vindouro a premio de viagem, como complemento preciso á sua educação, formando-lhe e polindo-lhe a personalidade de artista, que a tem innegavelmente.

Tita Ruffo, quando por aqui passou na sua *tournée* de glorioso declinio e foi acompanhado pelo Mario no recital arranjado ás pressas no Palacio Theatro, pasmou pela facilidade de leitura do pianista; tanto que o convidou para seguil-o.

Dos nossos pianistas, quaes os que têm repertorio formado e que dão e podem dar dois, tres concertos com programmas diversos?

Acho que só o Octaviano.

E' claro que me não refiro ás pianistas, que essas capricham de verdade, e sempre as ha u-ma conta de meia duzia.

Pois si ha quem possa formar com rapidez um bello e grande repertorio, esse alguem é o Mario.

A sua memoria é phantastica.

Demais, com as outras qualidades que já apontei, deverá ser-lhe facil a sua ascensão como concertista, a unica verdadeiramente na altura dos ideaes de um virtuose, de um musicista.

O professorado: ou para quando se firmar grande vocação para o ensino em figuras de talhe elevado, ou quando começar nitido o declinio.

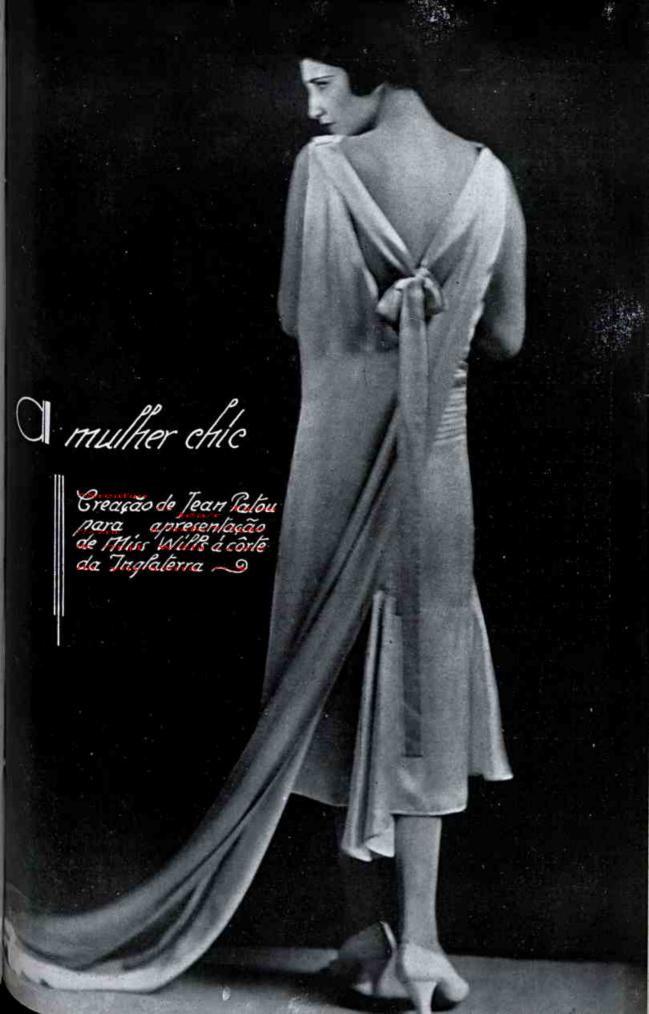
O Fontainha, por exemplo, seria, sem duvida alguma, o nosso Beethoven (falo como symbolo, não que Fontainha seja compositor, nem que o "grande surdo" tivesse tido alma como pianista) si não cortasse a sua carreira com o gosto pelo ensino.

Mario Azevedo, se tiver uma boa orientação, não muito longe firmar-se-á como um dos nossos melhores concertistas; assim fazem prever as possibilidades de sua arte como sentimento e como technica.

Hernani de Irajá

O PIANISTA MARIO AZEVEDO

a mulher chic

Creação de Jean Patou para apresentação de Miss Wills á côrte da Inglaterra

Os alumnos do professor Hernani Bastos realizaram, no Theatro Municipal de Nictheroy, no dia 16 de Janeiro findo, uma audição de piano, que alcançou grande successo.

SONHOS

De Horacio Mendes

Por um sonho de amor abominado,
Um outro sonho para mim nasceu,
E hoje bemdigo o sonho mal sonhado,
Do qual desperto no conchego teu.

Lançando as vistas para o meu passado,
Vejo que tudo desappareceu;
Pois que teu sonho, apenas começado,
Tem mais encantos do que tinha o meu.

Si a vida fôr assim como a julgamos,
Si andarmos, sempre, como agora andamos,
Juntos iremos para a ideal mansão.

E, si eu morrer em perennaes abrolhos,
Ficará minha imagem nos teus olhos,
Nos teus labios meus beijos ficarão.

O CALOR

O calor é um thema a explorar, como qualquer outro.

Com trinta e cinco gráos á sombra, dias seguidos, semanas a gente acaba por não ter idéas no cerebro, porem, o jornalista tem de escrever, mesmo quando não possúe idéas...

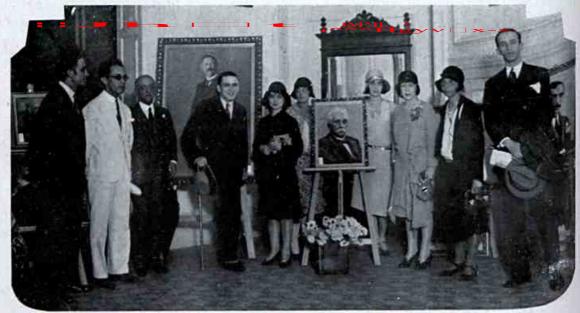
E' uma delicia, a vida do jornalista!...

O Rio é uma fornalha, e a cidade, núa, banha-se nas praias, as mulheres passam deante dos nossos olhos apenas com uma leve tunica de gaze sobre o corpo branco, e ha ainda quem julgue isto uma coisa detestavel!

Preferir o frio, que veste, que péde agasalhos, por que?!

O calor déspe até as almas, como um deus selvagem, para o espectaculo da natureza...

A farandula dos corpos [illegible]cteos sáe para a rua, [illegible]menta a cidade, ha uma espa[illegible] são brutal, quente, de desej[illegible] que se derrama para as areias fulvas das praias, que sóbe para o ninho sombrio das florestas verdes.

O calor é a vida.

A pintora L. Bais, entre varios artistas e intellectuaes, no dia da abertura da sua exposição nesta capital.

Extase dalma: união do homem com o absoluto.

* * *

O espirito, com a sua instabilidade e inquietação, combina jogos felizes para a imaginação.

* * *

A's vezes o amor treme inquieto deante da propria sombra... Ineffavel delicia!

* * *

A alma é uma superficie para a nossa visão — linha recta para o infinito...

* * *

A faculdade de perpetuar visões não é tão difficil como parece: todos os fantasmas voltam sob a fórma imprecisa de sonhos. Os homens são tão chimericos!

* * *

Quando contemplo a tua imagem, sinto a claridade azul do meu pensamento limpido como uma visão!

* * *

Deante do teu olhar, que a luz torna cinza e ouro, sonho com a obra-prima que jamais escreverei!

* * *

A exaltação espiritual vem da imaginação... Construimos um ser impossivel que o amor não alcança! Pobre imaginação!

* * *

Quando se procura o amor unico, tem-se a idéa precisa do infinito.

* * *

O homem tornou impossivel, complicando-se, a emoção pura!

* * *

Os mais raros e fugitivos estados de alma são como as particulas do radio desconhecido da volúpia!

* * *

Por que na vida se escolhe sempre o fruto amargo da desillusão?!

* * *

A imagem espiritual se reflecte em todos os circulos da visão. Olhos, espelho dalma!

* * *

Quando as mulheres passam, amores incertos de horas que se foram, pensamos naturalmente na unica que amamos. O amor é um dom total!

* * *

Na solidão desesperada do pensamento, quando o eu se mede absurdamente com o infinito, é que o homem pode comprehender o milagre da vida.

O milagre da vida, musica inconsciente das origens, explica por si mesmo o milagre da arte.

* * *

A arte é tambem uma exaltação.

* * *

Só a idéa de ser destróe a chimera da felicidade.

* * *

Pensa em tua dôr; ella vale a tua alegria!

* * *

A crueldade do amante é quasi sempre uma caricia absurda.

* * *

A' margem de um abysmo (pobre ser!), como é agradavel sorrir para as flôres que se abandonam e para as estrellas que se negam, ironicas e tristes.

* * *

A morte: divindade fatal.

* * *

A paizagem me fazia mal. Tinha a doçura do teu corpo sob a caricia do vento fresco. Os meus olhos embriagados de luz sentiam o teu corpo na ondulação das collinas e o teu perfume, que errava no vento fresco, era uma illusão triste. A paizagem me fazia mal!

* * *

Do erro humano não se pode concluir que a felicidade não exista!

* * *

A fatalidade das noites sem amor ainda não pesou sobre o teu coração ligeiro. Não conheces o soffrimento inquietante de estar só, com a vertigem do nada.

* * *

A alma tem caminhos incertos e sentimentos desconhecidos, que se entreabrem para certas creaturas curiosas e insatisfeitas.

* * *

Silenciosos, de mãos dadas, os amorosos passam, e me deixam surpreso de sentir o rythmo da vida regulado pelo coração.

* * *

Silencio e morte, contrastes da vida.

* * *

Vencido, uma maneira voluptuosa de ser triste.

O VAGALUME

De Maura de Senna Pereira

Repara, mamãe, que bellezinha eu achei entre as folhas da roseira. Eu estava, ali, entre os canteiros, brincando com os carneirinhos que o Velhinho do Natal me deu no dia dos annos de Jesus, quando vi esta bellezinha, a brilhar muito, entre as folhas daquella roseira que dá rosas da côr do teu vestido novo. Repara, mamãe. Eu estou vendo que é um bichinho, mas é parecido com um automovel... Vê como elle corre na palma da minha mãozinha e vae subindo, depois, numa chispada, pelo meu braço... E tem duas lampadas verdes para clarear o caminho.... Estás dizendo que são horas de tomar o café-com-leite e dormir? Mas repara primeiro, mamãe, que belleza o meu bichinho automovel! Ah! chama-se vagalume? E'? Que nome bonito! Pois, mamãe, eu gosto mais do meu vagalume do que de todos os carneirinhos que o Velhinho do Natal me deu no dia dos annos de Jesus...

* * *

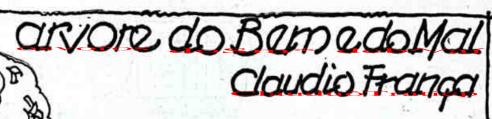
Quatro galantes filhinhas da exma. viuva d. Palmyra Alves da Costa, residente em Andrade Pinto, Estado do Rio.

Os radio-telegraphistas do Exercito que terminaram o seu curso em dezembro ultimo, no Centro de Instrucção de Transmissões, annexo á E. A. O., tendo ao centro o respectivo instructor.

Edyr, filha do sr. Raul Alves Filho e de d. Alzira Alves, de Rio Claro.

Daisy Louzada, filhinha do sr. Joaquim Louzada, de Paty do Alferes.

Altair, filha do cap. Manoel Rodrigues Ignacio, chefe politico de prestigio em Vargem Alegre, Estado do Rio.

Giselda, filhinha do sr. Attilio Grecco e de d. Daria Christofaro Grecco, de Brumadinho, Minas.

CINZAS DUMA ALMA

Como a cegonha do poeta, a minha alma curva-se sobre a angustia infinita de si mesma e contempla o deserto immenso de sua immensa solidão.

Fugida já lá vae na bruma dos annos a alegria sonora da mocidade. Por entre as folhas sêcas do outomno, luzem os primeiros fios de prata do inverno que vem proximo. E onde fôra uma ardente fogueira resta somente na tristeza dôce do crespusculo um montão de cinzas fumegantes.

Onde estaes alvas mãos capazes de recolher essas cinzas do enthusiasmo, da sinceridade, da fé, da esperança e do amor? Capazes de guardal-as preciosamente sob sete sêlos numa urna de alabastro, como a longa saudade duma existencia desapparecida. Capazes de semeal-as na terra núa, afim de fertilizal-a com o seu profundo sentimento, como desejava Charles Guérin, semeador de cinzas. Capazes de lançal-as ao vento para se transformarem num pollen maravilhoso a espalhar pelo mundo tudo quanto nesse cinzeiro se continha dos restos dum coração.

Onde estaes alvas, esguias mãos que deveis apanhal-as e que tanto cobri de beijos!

Meu olhar não é mais dos que fitam com desassombro a ladeira que tenha o corpo de subir.

Meu olhar é já dos que olham para traz na ladeira que se desce. E ao longe avistam o montão de cinzas fumegantes, perdido na desolada solidão. Cinzas da ternura da dôr, da revolta, do orgulho, da esperança e do amor. Cinzas das amarguras e das alegrias, das decepções e dos prazeres. Cinzas duma alma que soffreu e gosou. Cinzas...

Onde estaes alvas, esguias, inquietas mãos que deveis guardal-as e que eu tanto cobri de beijos?...

alto fallante

O festejado barytono De Perrotta, que acaba de realizar, com grande successo, um concerto de despedida no Instituto Nacional de Musica. De Perrotta vae fazer uma «tournée» pelas principaes cidades do paiz.

PROCREAR, fecundar a fauna humana, reproduzir a especie com a serenidade e a esclarecida consciencia de quem cumpre, alegremente, um dos mais gratos deveres da lei de Deus — é, por certo, neste momento de vida apertada em todo o mundo, um acto de verdadeiro heroismo, de abnegação e de amor á humanidade.

E' o que vem fazendo, ha mais de meio seculo, um excellente e magnanimo allemão, que, tendo casado apenas cinco vezes, já legou á Patria nada menos de 29 filhos.

Um heroe esse humilde teutão, a quem o presidente da Republica allemã, marechal Hindenburgo acaba de dar a honra de seu compadresco, levando á pia baptismal o 29.º rubicundo allemãozinho dessa prole que ainda promette ir mais longe.

* * *

Ora, o que ha porém de admiravel, de extraordinario mesmo em toda essa fecunda actividade paternal, não é o numero dos filhos, materia em que ninguem excede o sertanejo do nordeste, os bons matutos do meu Ceará, cujos rebentos não raro se contam por duzias e todos provindos da mesma mãe e do mesmo pai, está entendido.

* * *

O que admiro e invejo nesse extraordinario reproductor humano é a pachorra com que elle já tolerou cinco mulheres... legitimas, recebidas perante a lei de Deus e a dos homens, e com probabilidades de ainda augmentar a sexta, apesar de seus 70 e tantos annos!

* * *

Pois será crivel que em pleno seculo XX ainda haja homem com nervos tão solidos, capazes de lhe permittirem, normal e pacificamente, realizar cinco vezes o que constitúe o maior acto de loucura na vida contemporanea?

* * *

Não. Esse allemão, que vale por cem homens, ou é um grande heroe, ou um grande martyr, compenetrado de uma penosa obra de expiação que Deus lhe reservou, aqui na terra.

Se não é nem uma nem outra coisa, é um doido varrido.

* * *

Aliás, todos os heróes e todos os santos sempre tiveram alguma coisa de divinamente louco. E' esse pacifico fazedor de gente, pela paz abrahamica com que vem realizando sua missão procreadora e, mais ainda, pela abnegação e desprendimento com que já tolerou cinco mulheres, merece ser condecorado.

E' divinamente doido esse allemão das Arabias, cujo nome, infelizmente, esqueci...

MAX LINDER

Gastão Formenti, o artista tão conhecido e apreciado, seguirá nestes dias para São Paulo, sua terra natal, onde realizará uma exposição de pintura e dará um recital de canções regionaes. Como se vê, a proxima visita de Gastão Formenti á Paulicéa constituirá uma nota de arte que encherá de satisfação os admiradores do pintor-musicista.

CORAÇÃO DE MULHER...

Girandola de mil côres,
coração de mulher...
Gira, gira, gira, gira,
para a verdade e a mentira,
para todos os sectores,
para onde quer e não quer;
girandola de vaidades
e falsidades,
girandola de ironias
e fantasias,
de odios e amores...
Girandola de mil côres,
coração de mulher...

Porque será que os poetas e os philosophos, a philosophia e a literatura — todas as literaturas, todas as philosophias, — tanto se obstinam contra as mulheres, tanto se preoccupam das suas vaidades, volubilidades e leviandades?

Pois não é dos homens o vatum irritabilis genius? E não são perfeitamente ambisexuos os velhos e immortalissimos verbos trahir, enganar, seduzir?

Na vida moderna, em que o flirt é instituição incoercivel, quem paga maior tributo á malicia, — as mulheres ou os homens?

Sei que hoje quasi todas as mulheres flirtam. Mas, na mulher, o flirt é, em geral, pura coquetterie, torneio ingenuo de vaidade posta á prova, no proprio treino da vida, ensaio geral da inevitavel comedia que ellas imaginam de si mesmas, comsigo mesmas, sem mascara, sem camarim, sem vestiario...

No homem, não. O flirt vae bem mais longe. Vae do cock-tail nas casas chic, em ambientes livres, até os tête-à-tête em ambientes fechados e aphrodisiacos...

A mulher poderá flirtar, vacillar, fraquejar, mas, na hora de cahir, acha a corda salvadora numa das proprias fibras do seu coração — no seu pudor, no seu amor-proprio, no balanço da sua dignidade ou da dignidade dos seus. Só um conjuncto de circumstancias em conjura — a necessidade, o abandono, o vilipendio, a infelicidade irremediavel — poderá levar a mulher a uma traição completa.

O homem, sim: trae a cada instante, com e sem pretexto: não lhe passa aos olhos uma curva de perna ou um offego de collo, que elle não suspire ambicioso, cubiçoso, esquecido de haver deixado em casa um seio talvez mais sadio e sincero que est'outro que elle deseja...

Entretanto, a uma senhora que flirta, a uma mulher que engana, o diccionario applica nomes horriveis: — leviana, adultera, hysterica.

E ao homem que flirta e trae, diariamente, systematicamente? que anda nos bars suspeitos e nas "pensões" inconfessaveis? Ora, não ha mal nisso... E' a historia do prego e da parede. A parede fica esburacada. Mas o prego póde-se arrancar e pregar noutras...

Emquanto isso, os poetas e os philosophos, em todas as linguas e literaturas, continuarão a philosophar e trioletjar:

Girandola de mil côres,
coração de mulher,
gira em todos os sectores,
gira ao que quer e não quer,
gira á verdade e á mentira,
gira, gira...
Coração de mulher!

ZIM.

VIDA DOS CAMPOS

NOTICIAS DE TODA A PARTE

INFORMAÇÕES FORNECIDAS PELO DEPARTAMENTO DE PUBLICIDADE DA SOCIEDADE RURAL BRASILEIRA

BICHOS DE SEDA

E' com especial agrado que chamamos a attenção dos leitores da "Vida dos Campos" para uma criação que, além de agradavel passatempo nas horas de descanço, póde despertar grande interesse, pelos magnificos rendimentos que proporciona.

Referimo-nos á criação de bichos da seda.

Si o leitor dispõe de pequeno espaço no quintal de sua casa, plante uma, duas ou quantas amoreiras puder, tudo dentro de distribuição adequada. Quando as arvores estiverem produzindo folhas, peça-nos os ovos de bichos da seda (indique-nos o numero certo de arvores e lhe mandaremos a quantidade exacta de ovos), e bem assim instrucções para a criação, desde o nascimento até a venda do casulo.

Qual não será a satisfação de sua filha ou de seus meninos, vendo que o passatempo agradavel e attrahente se transformou em lindos vestidos ou em brinquedos encantadores! Os lucros de uma intelligente cultura de amoreiras dão para tudo.

E assim, todos os de sua casa, desde o chefe até a criada, podem obter vantagens com a criação de bichos da seda.

Ademais, irão concorrer para o bem da Patria, que verá diminuida a sua grande importação de sedas estrangeiras — não melhores que as nossas. — Dessa economia, advirá, ainda, applicação de nossas reservas em outras fontes de renda.

Vista parcial da Directoria de Industria Animal do Estado de São Paulo, onde se realizam, annualmente, as exposições de pecuaria. Vêem-se a archibancada e a pista para passagem dos productos expostos. Ao fundo, os campos e bosques de experiencia.

Não se esqueça, pois, o leitor, de obter algumas estacas de amoreiras. Plante-as e na occasião opportuna nós o auxiliaremos.

PAULO MENDES.

O ENSINO AGRICOLA NA INGLATERRA.

O Ministerio de Agricultura do Reino Unido, que muito se esforça por augmentar os conhecimentos dos agricultores britannicos para a melhor exploração do solo, acaba de publicar e distribuir por todo o territorio agrario, folhetos explicativos dos cursos que pódem fazer os interessados nos Institutos agricolas dos Condados.

Nos referidos Institutos trata-se de "dar a instrucção necessaria para que os agricultores aprendam principios scientificos que implicam vantagens incalculaveis para a solida pratica da agricultura", segundo explica um alto funccionario. Em todos elles contam com campos, jardins e installações para elaboração de leite, criação de aves, etc. Cada Instituto tem um limitado numero de logares para os alumnos de que residam dentro de zonas proximas.

O programma de ensinamento dos mesmos não é uniforme, porém comprehende, entre outras coisas: cultivo do solo em geral, criação de gado, alimentação dos animaes, utensilios e machinas, hygiene veterinaria, biologia e chimica, horticultura, leite, apicultura, contabilidade e meios para combater pestes e insectos.

COMO TIRAR AS PULGAS DOS GATOS

Chasse-Peche publica o processo que damos a conhecer, para livrar os gatos dos parasitas cutaneos que os infestam, uma vez que a applicação dos pós não dá resultados tão completos como se pretende.

Propõe, para obtel-os, que se prepare um pedaço

VIDA DOS CAMPOS

(Continuação)

. . .

de "huatá" de suficientes dimensões para envolver completamente o animal e este "huatá" colloca-se sobre um quadrado de panno de iguaes dimensões.

O gato é collocado no centro desse dispositivo e sobre o pello despeja-se certa quantidade de alcool camphorado.

Logo que haja sido effectuada essa operação, cobre-se o animal com os referidos pannos.

As pulgas, afugentadas pelo cheiro do alcool canforado, vão todas para a cabeça do animal, que fica descoberta, e d'onde se tiram com um pente metallico muito fino; cada vez que se passe, o pente é submergido em agua em ebulição. Porém, a maior parte dos parasitas fica no envoltorio. Quando se nota que as pulgas cessaram de refugiar-se na cabeça do animal, pode-se dizer que este está livre delles. Procede-se então á retirada dos envoltorios, que são lançados immediatamente ao fogo.

O cheiro da canfora se conserva durante algum tempo, ficando os animaes submettidos a um tratamento preventivo.

Do mesmo modo, aconselha a referida publicação, pode-se tratar de cães caseiros.

CONSERVAÇÃO DO LEITE NO VERÃO

A conservação do leite, esfriando-o a gelo, modo frequentemente usado nas leiterias, apresenta difficuldades nas fazendas. Nas nossas propriedades agricolas nem sempre se pode contar com esse producto.

> O Problema da alimentação na Europa está se tornando, dia a dia, mais serio. E os paizes do Velho Mundo voltam os seus olhos para nós. O Brasil, com os seus 8 milhões e tanto de kilometros quadrados, é um emporio inegualavel. Preparemo-nos, pois, para attender aos pedidos que nos irão fazer, abastecendo-nos.

O uso do bicarbonato é muito mais pratico. Dissolve-se uma gramma de bicarbonato de sodio em dez gramma de agua fervida, e esta dissolução liga-se a um litro de leite, bem misturados. O bicarbonato neutraliza o acido lactico quando este se vae formar e, dissolvendo a caseina evita a coagulação.

A conservação do leite por este processo é augmentada extraordinariamente.

E' preciso tambem notar que a conservação do leite está mais assegurada em recipientes de porcellana ou de "fayence", evitando-se sempre os vasos metallicos.

Aconselha-se tambem conservar o leite em recipientes de crystal vermelho para que não se coagule.

CONSELHOS

A agricultura é uma das funcções mais nobres do homem.

* * *

O homem agricultor participa da prosperidade do paiz e da felicidade collectiva com muito maior direito. E' elle que se occupa dos alimentos. Si não fôra a sua actividade diuturna, vigilante pereceriam as colheitas, dispersar-se-iam os grãos e o resto da humanidade teria que se haver com a fome. Merece, pois, a nossa estima.

* * *

Agora, ser agricultor é ser polycultor. Para se fazer jús ao titulo honroso não basta plantar café, ou milho, arroz ou alfafa. O homem que se dedica ao campo tem o dever moral, a obrigação imprescindivel de plantar de tudo. Não só café, por exemplo. Porém, café, milho e trigo. O resto da população descança nelle. O agricultor assume, por assim dizer, a obrigação de cuidar da alimentação de todos. Deve, pois, plantar de tudo. Nem que seja pouco de cada coisa.

* * *

O agricultor brasileiro não é polycultor por indole. E' sim monocultor. Quando planta café, é só de café que cuida. O mesmo quanto ao assucar, algodão. Por que? Porque diz que as demais culturas não compensam. Concordamos com elle.

De facto, café, assucar, e algodão dão immensamente mais do que qualquer outra cultura. Porém, isso explica o descaso em que deixam as outras culturas de imprescindivel necessidade, como feijão, milho e principalmente trigo? Absolutamente não. O dever patriotico deveria obrigal-os a cuidar tambem dellas. Não diremos que plantas sem toda a sua propriedade com milho ou feijão e principalmente trigo. Plantem, no emtanto, alguns alqueires que sejam. Os resultados serão bons para todos. Para quem planta e para quem compra.

> *FAZENDEIRO!*
>
> Um paiz sem trigo é um paiz pobre. Ha para cima de 33 especies de trigo. Uma dellas fatalmente vingará na sua propriedade. Por que não experimentar a sua cultura? O brasileiro é menos forte porque come pouco pão. Sejamos patriotas plantando trigo.

Piedosa Mentira

Conto de Marguerite Comert

(Traducção livre de "Astaroth")

O Conde e a Condessa de... — não; será melhor, em homenagem á sua mocidade, designal-os mais familiarmente por Alan e Yvonne — almoçavam em "tête-á-tête" no Chalet dos Cyclamens, e, embora este se encontrasse em plena solidão alpestre entre o bosque e a torrente, a mesa mostrava, em profusão, morangos, rosas, uvas, etc.

Quando se é rico encontra-se tudo em qualquer lugar.

Junto do terraço abrazado pelo sol, a sala de jantar, espaçosa, permanecia fresca com os seus "stores" de linho crême que tufavam, cheios pela brisa embalsamada pelo cheiro dos pinheiros e que trazia com ella o ruido das aguas do regato.

Yvonne procurava obter um cumprimento:

— Confessa que eu andei muito bem mandando substituir as cortinas por "stores".

— De certo; tu mereces felicitações, mesmo porque esses "stores" crêmes attenuam a luz sem prejudicar a claridade. E... depois, dize: Quaes são as modificações que tu ainda premeditas, minha querida?

— Oh! Um monte de cousas! Mudar o papel da sala de visitas, tornar a encerar o gabinete, recobrir as poltronas do quarto... Tu comprehendes, ha muito o que fazer antes que isso aqui fique tão bom como a nossa casa. Por que ris?

— Porque todo esse zelo me parece um pouco excessivo. Nós estamos aqui apenas para que eu me cure...

— Embora; nós aqui ficaremos até que te cures completamente. Será que o ar dos Alpes não te faz bem?

Elle estremeceu como alguem que, de repente, fosse chamado a contemplar o seu destino olvidado e disse, então, em um tom dubio, onde nenhuma esperança palpitava:

— Sim, com effeito; o ar dos Alpes me faz bem.

— Tu te sentes bem melhor, não é? — insistiu ella.

A voz surda, terna, respondeu:

— Muito melhor; tu vês? Eu vou repetir o ensopado... E tú, tu não me fazes companhia?

— Obrigada; não tenho mais fome.

— Já? Mas tu não fizeste mais do que tomar algumas colheradas de sopa, tocaste apenas nas frutas, que, aliás, estão soberbas... Então, minha querida, será que o ar dos Alpes não te faz bem?

Como resposta, ella olhou-o com as palpebras batendo sobre dois olhos cheios d'agua. Sem duvida era isso um effeito de alegria. Ella sentia-se tão contente ao ver voltar o appetite de seu marido, que perdia o seu.

Tocado no coração, elle esboçou um movimento para erguer-se da mesa e ir cobrir de beijos o terno e gracioso rosto estendido para elle ... Mas, achou que tal cousa não era mais acceitavel depois de cinco annos de casado e reprimiu o movimento.

Casados já ha cinco annos!

Com esse ar tão jovem e tão agarrados um do outro, se poderia crêr que estavam em viagem de nupcias, quando chegavam em qualquer lugar!

Como era agradavel!

E como Yvonne se ria, então, com o meu riso de creança amimada a quem a vida nada recusa!

Dir-se-ia que ella, agora, ria menos... Elle fez reparo nisso e inquiriu, inquieto:

— Achas longa demais a permanencia nesta região perdida?

— Longa demais? Aqui perto de ti e com todos esses affazeres?

— Tens razão, eu não julgava... E... a proposito, que projectos tens tú para esta tarde, minha bella fada?

— Ainda uma vez terei necessidade de ir a Annecy... Uma porção de compras a fazer, naturalmente.

— E si eu te acompanhasse?

— Não; isso não! Tu quererias dirigir o carro e isso é prohibido. Necessitas ainda de um longo mez de repouso absoluto.

Eu te peço que tenhas juizo.

Antes de partir, eu quero te ver sobre o teu divan, no "studio".

No salão que ella chamava de "studio", sobre uma "preguiçosa" que ella chamava divan, elle se estendeu com docilidade e fingiu abrir um dos livros que se achavam ao alcance da sua mão. Mas elle ouvia, escutava com attenção, esperava o "arranque" do motor do automovel e a pancada do portão fechando-se. E quando sentiu que sua esposa partiu, elle foi buscar uma pasta, escolheu um largo papel de carta e começou a dar noticias, noticias verdadeiras, a um velho amigo de infancia, confidente de toda a sua vida.

— "Nada de novo, nada de bom, meu velho camarada. A molestia segue a sua marcha rapida e implacavel. Dia a dia, ella me acaba, me estrangula, me suffoca. Eu não tinha illusões ao partir para aqui. Sabia que já era tarde demais e que clima algum me salvaria. Desejei, porém, esconder de Yvonne a dura verdade e sobretudo quiz que ella não me visse morrer na nossa querida villa de Neuilly, que foi o ninho da nossa curta felicidade. Aqui, ella se installa (pobresinha) com aquelle ardor e aquelle gosto requintado que tornam tudo agradavel e gracioso em torno della e... esse zelo traz qualquer cousa de agradavel para a nossa existencia. Fiz tudo quanto dependia de mim. Quando isso acabar, ella partirá, irá buscar o seu verdadeiro lar, onde estarão recordações, lembranças, que não serão absolutamente empanadas por imagens funebres.

Não podendo evitar que eu beba no calice da amargura, eu consegui, parece-me, reduzir um pouco o ultimo travo. Até agora (será que eu poderei aguentar?) ella não desconfia que eu vou morrer."

Nesse mesmo dia, em Annecy, no fundo de um café barulhento, uma mulher, que volta as costas aos jogadores de cartas, aos consumidores sequiosos de soda e de cerveja, escreve:

"Minha cara irmãzinha; acabo de chorar tanto, que mal vejo as poucas linhas que te escrevo, desesperada. Alan, o meu Alan adorado, se vae... Elle vae cada vez mais depressa; dia a dia, eu o vejo declinar. Não comprehendo como elle ainda póde manter-se de pé, como ainda não percebeu o que lhe acontecerá. E' doloroso, horrivel! Tenho medo de enlouquecer de tanto esforço que faço para me conter! Ainda ha pouco, eu parei o automovel em plena estrada para poder gritar, chorar, sem maldizer a minha desgraça sem ser ouvida.

Sob variados pretextos, eu arranjo diariamente essas fugas. O momento em que deixo cahir a minha mascara de confiança e de esperança para poder, depois, melhor afivellal-a ao rosto. E é preciso que eu a aguente até o fim, custe o que custar; assim é preciso.

Eu não quero que o meu Alan bem amado suspeite que vae morrer..."

Sabonete Araxá
A Grandeza das montanhas de Minas, demonstrou a superioridade do Sabonete ARAXÁ. a base é extrahida do seu seio Lama e Sal de Araxá.
Os Melhores para a pelle.

Nos Cinemas da Avenida

Cotações: OPTIMO — MUITO BOM — BOM — SOFFRIVEL — MÁO — E . . . DETESTAVEL

ANTE OS OLHOS DO MUNDO

Da Fox

Cinema ELDORADO — Drama policial desenvolvendo-se n'um ambiente de elegancia e luxo.

Foi uma excellente oportunidade para Mary Duncan, a formosa *estrella* da Fox mostrar aos seus apaixonados admiradores as suas qualidades de actriz. De resto o filme vale não só pela verdade e emoção do seu scenario, como principalmente pelo valor dos seus interpretes, onde ha nomes como os de Edmundo Lowe, Warnes Beneter. Para quem, mesmo n'estes tempos de canicula, gostar de emoções fortes, este drama da Fox é dos melhores trabalhos que hoje se lhes offerecem nos cartazes do Rio, tão cheios de filmes fracos.

Cotação — BOM

VEREDICTUM

Da Universal

Cinema PATHE' PALACE — Parece que se juntam: estamos na epoca dos dramas judiciaes. *Veredictum* da Universal, junto de *Ante os olhos do mundo*, da Fox. Este, da Universal, tem menos luxo, mas tem, em compensação, uma grande actriz.

O enredo de *Veredictum* é enredo á "sensation". Leva o espectador até ao final, na ansiedade de se conhecer o verdadeiro criminoso. E' este o processo com que sempre se architectaram estes melodramas, que n'outros tempos fizeram a ventura das plateias cinematographicas. A direcção do filme é boa, como boa é a technica. E', emfim, um filme de moldes correntes, mas, que honra a Universal, que, ultimamente, não tem andado em maré de sorte.

Cotação — BOM

O CADAVER VIVO

Da Ufa

Cinema RIALTO — Os defensores da lei do divorcio deviam escolher este filme como documentario eloquente em defesa da sua doutrina. E' a demonstração clara de que para um lar infeliz a lei do divorcio é a unica porta honesta. O filme tem uma encenação brilhante, caracteristica, cheia de movimento e de belleza. Com bailados e cantos de ciganas, perfeitamente syncronisados e de rara inspiração. A par d'isso tem a interpretação da grande Maria Jacobini, uma artista de nobre figura e de grande poder de emoção. Não diremos que o filme seja uma hora de alegria. Mas será, ao menos, uma hora de arte e de consolo artistico.

Cotação — BOM

TOMNY ATKINS

Da British

Cinema GLORIA — Este filme deve ter produzido nas plateias londrinas uma impressão estupenda: E' um filme inglez, é a mesma Inglaterra, com todos os seus encantos do seu home, as aspirações patrioticas da sua alma, com o seu entranhado amor á dignidade e á honra. E' desnecessario dizer que essa impressão, entre nós, fica por metade. Os processos de fazer filme na Inglaterra já estão muito afastados dos processos norte-americanos, a que o nosso publico se habituou. Em todo o caso, o filme agradou plenamente ao pouco publico que a elle concorreu, porque estes tempos ardentes não são de molde a causar excessivamente, emoções sentimentaes. E' possivel que a pellicula da British tenha desagradado ao almofadismo. A nós agradou-nos.

Cotação — BOM

O Que Nem Todos Sabem

O Departamento de Agricultura dos Estados Unidos publicou, recentemente, uma notavel memoria, na qual consigna o censo dos cavallos existentes no mundo.

Segundo a estatistica americana, o numero de cavallos é de [illegible] milhões e de 11 milhões o de eguas e mulas. A Europa possúe a maior quantidade desses animaes, e a enorme Africa a menor.

O paiz mais rico, desse ponto de vista, é a Russia, com 21.500.000 cavallos, seguindo-se-lhe a Allemanha, com quatro milhões. Em comparação, esses dois paizes têm, pela estatistica em questão, um numero muito escasso de eguas e mulas.

A Austria Hungria apparece depois, com 3.750.000 cavallos e [illegible] eguas e mulas. A França e a Italia vêm a seguir, a primeira com 2.800.000 cavallos e 600.000 eguas e mulas, e a segunda, com 720.000 cavallos e [illegible] eguas e mulas. Nos Estados Unidos ha 13.500.000 cavallos e dois milhões de eguas e mulas.

A citada memoria não consigna dados a respeito de outras nações, relativamente a Hespanha, especificando que sua riqueza nesse sentido é insignificante.

•

A famosa estatua da Liberdade, que se ergue á entrada de Nova York, foi construida com pedra britada, areia e cimento. Em sua confecção entraram quinhentas carretas de pedra e mais de vinte mil bolsas de areia.

•

Commemorou-se o anno passado o centenario do phosphoro.

Foi um rapaz de 15 annos, camponez do Jura, na França, que, em [illegible], preparou uns pequenos pedaços de madeira, em uma de cujas extremidades collocou enxofre e chlorato de potassio. Riscando essa ponta em uma parede [illegible] de phosphoro, produziu-se a chamma. Estava, assim, inventado o phosphoro de madeira, que a Allemanha foi o primeiro paiz a fabricar.

O jovem camponez que não poude explorar o seu invento, formou-se depois em medicina.

O supplicio da fome

♣ ♣

NÃO ha nada mais pungente do que a miseria. Victor Hugo, na sua obra culminante "Les Misérables", mostra-nos, em suas incriveis modalidades, uma serie interminavel de espectros tangidos pela vara sombria do Destino.

O rebotalho social apparece-nos, como uma chaga immensa, no dorso da Nação.

A mulher tomba, chafurdando na lama ignóbil, para não morrer de fome; e o homem, habitante estranho dos exgottos, toma a fórma espectral de vingador de legenda, e, esfomeado, reivindica para si, no delirio dos recursos sanguinarios, o direito sagrado de viver. Dostoiewski, esse gigante que mais de perto sentiu a dor dos opprimidos, arrepia-nos com os quadros commoventes de sua obra immensa. A fome, a penuria extrema, a ignorancia e a tara, e,como consequencias inevitaveis, o odio, o crime, e a loucura, tudo isso solapando as energias vitaes de um povo, aviltando-o!

Não ha recurso, dentro das possibilidades humanas, capaz de deter a marcha da miseria moral, quando a miséria physica assume proporções tamanhas. A fome não póde ter a philosophia radiante dos Pangloss bem nutridos. Por isso, ella tem o aspecto sombrio de quem maldiz o mundo inteiro e de quem carrega o peso secular de toda uma injustiça social. Ainda hontem se nos deparou um espectaculo, a que não estavamos habituados a assistir.

Um homem, cujos cabellos brancos contrastavam com a robustez de seu corpo, confessou-nos, com o mais candido dos sorrisos, que o pão que comprára já havia cinco dias, apesar de economia rigorosa, já tinha sido consumido. Velho, embora forte, casado com mulher doente, repellido summariamente por todos aos quaes pedia emprego, esse homem, que nem siquer tem a habilidade de esmolar, é bem um exemplo dos que, rejeitados pela sociedade e por ella opprimidos, appellam para o recurso extremo dos meios illicitos.

E' o odio natural do escravo pelo senhor. E' tambem o instincto de conservação.

Com a moéda que ganhára dias antes, comprou um pedaço de carne secca e, em casa, com o mesmo sorriso de predestinado, dirigiu-se á mulher enferma:

"O pão acabou porque você comeu muito; e cuidado agóra, com a carne".

Como se vê pelo episodio que acabamos de narrar, ha problemas tragicos de difficil solução.

Pedir, para quem tem espinha dura, é coisa fóra de cogitação; furtar, é horrivel.

O melhor, nesse caso, é seguir o gesto do insurrecto francez do século passado.

E' levar uma poltrona para o telhado de sua casa e ali, sentado commodamente, para melhor matar e melhor morrer, espingardear sem cerimonia a multidão abjecta que o repelle e o espezinha, até que caia chumbado na posição magnifica de quem descança com a barriga cheia...

DERMEVAL DE OLIVEIRA

Porque as "estrellas" do cinema nunca envelhecem

Não se verá nunca um defeito na cutis de uma *estrella* de cinema. Ha a considerar que o mais insignificante defeito, ao ser ampliado o rosto na tela seria tão notavel que elle constituiria uma ruina. Nem todas as mulheres sabem que ellas tambem podiam ter uma cutis digna de inveja de uma *estrella* do cinema. Toda a mulher possue, immediatamente abaixo de sua velha tez exterior, uma cutis sem macula alguma. Para que essa nova e formosa cutis appareça á superficie basta fazer com que se desprenda a cuticula gasta exterior, o que se obtem com applicações de Cera Mercolized effectuadas á noite antes de deitar-se. A Cera Mercolized se acha em qualquer pharmacia e custa muito menos que os custosos cremes para o rosto, sendo, em troca, mais efficaz do que estes.

Typos modernos — Unico recebedor

AO PINGUIM

RUA DO OUVIDOR, 121

Tel. Norte 2569

E' UM EXCELLENTE PREPARADO!

Attesto que o «ELIXIR DE NOGUEIRA» formula do Pharmaceutico Chimico João da Silva Silveira, é um excellente preparado, para combater as manifestações rheumaticas da syphilis.

Bahia, 4 de Dezembro de 1925.

Dr. Adroaldo Pires de Carvalho.

Director do Dispensario

GASPAR VIANNA

SELECTA

A MELHOR REVISTA DE CINEMA

Á venda nos pontos de jornaes

NÃO GOSTA DOS FRACOS

Diz o sabio medico francez Dr. Fournier: A syphilis não gosta dos fracos! Assim sendo, torna-se positivo, que os portadores de um tão terrivel mal terão de seguir dois tratamentos, sendo um anti-syphilitico e outro tonificante. E' claro que este duplo tratamento custará muito dinheiro, e que nem todos o poderão seguir. Tudo isto, porém, evitarão os que recorrerem ao

LUESOL

de SOUZA SOARES

que é um depurativo-tonico por excellencia.

A' VENDA NAS DROGARIAS E PHARMACIAS.

Não Se Desespere!

MENTHOLATUM

E' sem rival para inchações, cortes, pancadas, queimaduras, etc. Indispensavel num lar para um numero infinito de applicações.

— Quaes são os verbos reflexivos?
— Os que... os que reflectem.
— Cite-me um exemplo.
— O espelho...

— Papae, o senhor me deixa ir á rua ver o eclypse?
— Pódes ir. Mas não te aproximes muito.

Ella. — Ah, como lamento que meu primeiro marido haja morrido!
Elle. — Eu tambem!...

SUPPLICA

— Não se zangue, minha senhora, mas eu lhe agradeceria si me dissesse o que está passando em scena, porque minha mulher desconfiaria de mim si eu não lhe contasse, depois, o que vim ver...

— Ha dois dias que não como cousa alguma.
— Espere um pouco. Vou chamar meu marido.
— Não, não, minha senhora! Eu não sou anthropophago!

— Os senhores não precisam de um passageiro clandestino?...

— Acha o senhor, doutor, que os casados vivem mais tempo que os solteiros?
— Não, senhora. Mas acontece que o tempo lhes parece mais longo...

SIMEÃO (Minas) — Desde que me envie o exemplar d'*O Suave enleio*, farei a dedicatoria que me pede. O sr. poderá obtel-o na Livraria Alves, á rua do Ouvidor, 166. A edição não é minha. Quanto ao meu romance "Uma garçonne carioca" talvez agora só em março appareça.

"Terra de Sol" de Gustavo Barroso está na terceira edição. Acaba de apparecer nas monstras das livrarias.

WILLIAM (3) — As suas traducções estão vasadas em mau portuguez. E o merito de qualquer uma dellas é que, pelo menos, equivalha ao original.

JOSÉ LOUREIRO JUNIOR (Ribeirão Preto) — Recebi a sua carta sem sello e paguei a multa de 4$800 réis. Dentro, o sr. me mandava um conto deploravel, cuja publicação me pedia.

Pergunto-lhe eu: acaso o sr. acha delicado corresponder-se com alguem por esse processo?

Em todo o caso seu nome fica assignalado.

ONDA (S. Paulo) — Oh, muito agradecido por tudo quanto me diz de amavel.

Recebi os dez mil réis que me enviou, para a remessa do meu romance "Uma garçonne carioca". Mas olhe que se arriscou muito. Vamos que a sua carta se extraviasse no correio? V. Ex. ficaria suppondo que eu recebera o seu dinheiro e me apossara delle. Ainda si a sua missiva viésse sob registro...

Infelizmente o meu romance só apparecerá depois do carnaval. No emtanto, envio-lhe um exemplar d'*O Suave Enleio* e logo que a novella saia remetter-lhe-ei o exemplar que me pede.

Quando vier ao Rio, V. Ex. verá como é possivel realizar o que está no seu postal. Aqui tem um creado ás suas ordens, interessado em ser-lhe util.

Está de acordo?

Si antes disso eu for a S. Paulo dar-lhe-ei uma telephonema. Mas qual é o seu numero?

PIRAJÁ HENRIQUES (E. do Rio) — Mas, perdão! O sr. está enganado! Então acha que iriamos dar publicidade a uma collaboração licenciosa? Não se apercebe de que o *Fon-Fon*, — revista que diz admirador — é destinada a alta sociedade brasileira?

E' uma pena. O sr. não escreve mal. Mas põe a sua penna a lado da literatura malsã e corruptora dos escriptores que amam escandalos literarios.

De resto, o seu trabalho é um *pastiche* de um escriptor muito nosso conhecido. Por que não pro-

duz coisa sua, original e, sobretudo, digna dos olhos puros e dos espiritos elevados?

NAMI-KO (E. do Rio) — Aqui está a sua carta cor de esmeralda. Vamos vêr que me escreve V. Ex.:

"Yves, você está sendo perseguido pelas filhas do Oriente, mas, o culpado é simplesmente você... porque traçou em poucas linhas um retrato muito interessante de Nan-Ping; e, esse retrato causou inveja á Nami-Ko; que hoje vem lhe pedir, não um completo retrato graphologico, seria exigir muito, mas, os traços mais caracteristicos de sua personalidade. Nami-ko acredita sinceramente na graphologia; e, tem conseguido descobrir em algumas pessôas traços interessantissimos, originalissimos bem visiveis nos *originaes*; mas, o auto-retrato não conseguiu ainda fazer!?... Talvez a interesse menos, por reconhecer que — ninguem é juiz em causa propria — não sei; o facto é que Nami-ko aguarda ansiosa a sua resposta, Yves. Não se canse muito... Disponha de sua perspicacia e trace em largos traços o esboço pedido Dados alguns symptomas *importantes* facil será fazer o diagnostico do mal — (passageiro, incuravel, physico, psychico?) A mulher é uma enfermeira innata; e, saberá com prudencia e coragem pensar as chagas encontradas para que estas não se propaguem a outros entes queridos... A vida é bell'a em si, é amavel, generosa, nós, incautas assassinas, a ferimos descuidadas, a maltratamos tanto por imperdoavel negligencia!... Se nos conhecessemos melhor isso não aconteceria, não acha?

Antecipados agradecimentos de Nami-ko."

Ahi está! Tudo isso que V. Ex. me diz pode ser muito bonito, muito certo. Mas si conhece graphologia, deve saber que a assignatura é indispensavel a um estudo criterioso de letra.

De mais, ao pé desta secção ha uma nota, sob o titulo *Graphologia*, que presta essas informações. Si V. Ex. a tivesse lido não teria perdido o seu precioso tempo em me escrever, sem attender aquella observancia.

LUCK-BOY (Capital) — Veja, meu caro senhor, a carta que me dirige:

"Rio de Janeiro, 20-1-930 Illmo. Sr. Yves. Saudações. Não são os estudos graphologicos nem a literatura que me fazem escrever-lhe.

Desejava saber somente (se possivel fôr) se a organização da revista "O Fon-Fon" acha-se a seu cargo, ou a pessoa encarregada da organização da capa desta revista.

Se fizer a fineza de responder-me peço fazel-o dirigindo-se a "Lucky boy."

Desde já me assigno agradecido pelo que me adiantar a respeito.

O cr°. e admor."

Fóra de brincadeira: não entendi a sua missiva. Que deseja saber o sr.? Não haverá por ahi uma pessôa que lhe escreva uma carta, em termos claros e precisos?

K. TITA (Capital) — Ora viva! eu sabia que o correio me havia de trazer uma carta interessante neste cacete mez de janeiro, e essa carta havia de ser do sr.

Vejamos o que me escreve.

"Sr. Yves. Saudações. Diz o senhor no Saibam Todos... que para se obter um retrato de graphologia é necessario: 1° Escrever sobre papel liso, de linhas vinte linhas no minimo; O assumpto deve ser de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual.

Ora, ahi tem o senhor que responder a um retrato dum typo pretencioso como o é este leitor emprestado do Fon-Fon, digo de "passagens pessôa "Selecta", sabe gosta muito de "Careta", sabe perfeitamente que são revistas brasileiras, com isto quero simplesmente ver se comsigo um retrato de graphologia.

Agora Sr. Yves quero tambem offerecer-lhe um "conto" para ver se é assim que elles se fazem mas não vá descubrir os auctores senão lá vae pau.

Sem mais, aceite um abraço apertado deste seu admirador, que de antemão sabe o resultado de tudo isto: uma reprehensão, papel na cesta que já estará cheia de tantos e muito obrigado.

Rio de Janeiro, 19 de Janeiro d e1930.

NB: Resposta K. Tita."

Diz o sr. que lhe vou passar reprehensão, (com cedilha). Mas não acontecerá isso. O sr. não merece reprehensão, uma vez que nos delicia com a sua verve tenebre, a intenção do seu typo dilho e a sua orthographia pittoresca.

Eu até ia propôr que fosse concedido ao sr. um premio, pelo Departamento Nacional do Ensino, attendendo ao brilho do seu estylo e a elevação das suas idéas.

O CABELLO cuidadosamente penteado, indica refinamento e cultura; desgrenhado e revôlto, negligencia e desleixo. Porisso, é recommendavel o uso do Stacomb que domina o cabello mais rebelde, conservando-o penteado, brilhante, sedoso e saudavel. Use o Stacomb para trazer o cabello sempre bem alinhado.
Stacomb
Nas melhores perfumarias e pharmacias ou remette-se amostra mediante [illegible] em sellos postaes.
Wuner International Corporation
Rua Conde de Bomfim, 214
Rio de Janeiro

MARCOS SETUBAL (S. Paulo) — Muito bem. Gosto de vêr essa attitude decidida. O sr. mostra que é bem brasileiro. E bem orgulhoso do seu grande Estado. Não perde vasa para defender a sua gente e a sua terra natal.

Eis a carta que o sr. me endereça:

"Yves. Tomo como motivo desta minha carta, — que lhe pede um estudo graphologico — a resposta que você deu á minha conterranea "Onda", em o numero 2 do "Fon-Fon".

Você julga muito mal os paulistas, quando pensa que são incapaz seja a de acceitar mais um comensal á sua mesa! E' injusta esta sua apreciação, — meu caro! Se conhecesse melhor a Paulicéa, se a conhecesse de facto, e se fosse um observador imparcial — ao visital-a; — homem capaz de levantar cedo, como todos nós, na terra do trabalho, veria, por certo, que a lata do lixo da casa do mais humilde paulista tem sempre um palmo de comida que sobrou!

Neste particular o paulista é brasileiro! ...

Abraça-o o patricio Marcos Setubal."

O sr. tem razão, quando affirma que não conheço bem a Paulicéa. Na verdade, eu não a conheço, senão superficialmente, "en passant", como se diz em francez. Que quer? Tambem não tenho relações em S. Paulo. Nunca recebi um convite para frequentar a casa de um paulista, a não ser no interior, em algumas fazendas. Nesse particular manda a verdade que se diga: o paulista do interior é um cavalheiro distincto a toda prova. E' franco, leal, resoluto e mais expansivo do que outro qualquer. Estive na cidade de Avaré e voltei de lá encantado com o illustre dr. Bastos Cruz, prefeito local, dr. Cury director do Gymnasio Avaré, e mais outros não menos distinctos.

Como vê, faço justiça a S. Paulo, naquillo que conheço de perto.

A sua carta me veio esclarecer coisas que eu não sabia. E' possivel que venha a ter a prova material das mesmas — quando o sr. me convidar para jantar na sua residencia...

SPENCER (?) — Spencer! Que irrisão! Spencer, o sr., que nega ser o *exclusivismo uma modalidade do egoismo!*

Pode lavar as mãos á parede com a sua cultura philosophica!

Que é *egoismo*, philosophicamente falando, meu caro Spencer de terracota, isto Spencer fragil que não resiste a dois dedos de arguição?

E' um systema que *exclue* todo

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

não seja a *existencia do eu*. Isto é, qualquer facto real e certo que é, a *existencia do proprio eu*. E' claro que tudo que lhe pertença estará subordinado a um *espirito de exclusão*: idéas, sentimentos, actos, etc.

Que é um *exclusivista*? E' uma pessôa exclusiva por systema, de *parti pris*, que só admitte aquillo que se relacione com os seus proprios interesses.

Muito bem. Eu digo:

"O exclusivismo é uma fórma de egoismo. E eu só sou egoista quando se trata de e l e v a r os mesmos proprios sentimentos". O sr. refuta a minha interpretação. Acha que uma coisa nada tem com a outra, philosophicamente falando.

Francamente, o sr. não pode discutir com pessôa alguma, medianamente culta.

Outra: não tive a má fé de chamar a moça de parda. Disse que ella era *nimbo* usando da figura *metonymia* (mudança de nome) tem por fim, esse tropo, substituir o nome de uma coisa pelo de outra.

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

• • •

GRAPHOLOGIA — *Condições indispensaveis para se obter um estudo graphologico*: 1.ª — *Escrever sobre papel liso, de linho, vinte linhas, no minimo*; 2.ª — *O assumpto deve ser o de uma carta commum, traçada em posição normal e com a graphia habitual*; 3.ª — *A assignatura deve ser authentica, afim de que o estudo corresponda á verdade scientifica*; 4.ª — *Sem preencher esses requisitos, nenhum consulente será attendido.*

• • •

Toda e qualquer correspondencia designada a "Saibam todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos o coupon abaixo devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97 — Telephone

Central 4136

—

FON-FON — 1-2-929

***Data da consulta*..........**

***Nome do consulente*..........**

....

Não tive a preoccupação mesquinha que o sr. me empresta. Empreguei *nimbo* por *nuvem*, sem me reportar a detalhes secundarios. Do mesmo modo que se pode dizer: "Fulano é um leão" no sentido de valente, destemido, sem attentar em que o leão é um quadrupede e que o sophisma dos retardados poderá insinuar, no caso, aquella idéa apoucante.

O sr., por exemplo, é um leão da maledicencia. Mas certamente não ha de ser um quadrupede...

EDUARDO PINHO (S. Paulo) — Não sei onde encontrará o soneto a que se refere. Mas a sua carta vae aqui publicada. E' possivel que algum leitor me possa orientar nesse sentido. E nesse caso, eu e esse possivel leitor lhe seremos uteis.

Eis a sua carta:

Illmo. Sr. Yves, Redacção de "Fon-Fon" Rio de Janeiro. Saudações.

Tomo a liberdade de dirigir-me a V. Ex. na certeza de que V. S. é a unica pessôa no Brasil capaz de poder attender ao meu pedido.

Desejava muito obter o soneto "Indifferença", de Virginia Victorino. Este soneto não foi publicado nos tres livros desta poetisa: Namorados, Apaixonadamente e Renuncia; li-o ha annos no Almanack Bertrand, e nunca mais o vi em publicação alguma.

Lembrei-me que talvez o amigo conheça este soneto e lhe ficaria immensamente grato si o quizesse publicar para mim.

Antecipando os meus agradecimentos, sou de V. S. amigo e admirador, Eduardo Pinho.

MARIO DUARTE (S. Paulo) — Caro escriptor. Seja feita a sua vontade. Aqui está a sua collaboração intitulada *A quem chegar cravo*...

Vae publicada aqui porque na revista couché não ha espaço. E mesmo lá os mestres consideraram o seu trabalho uma "droga", que só no *Saibam todos* podia figurar...

O *Saibam todos!* Pobre secção! E' nella que figuram os mais poetas e escriptores como nós, não é, collega?

Mas não se incommode: si hoje collaboramos aqui, ha de vir a época em que collaboraremos no couché.

Vamos á sua fantasia... A sua letra é de menino de escola.

Mas quê? Reparo agora que... Não ha mortal que decifre aquelles garranchos que o sr. traçou no papel.

Mãos alvas e delicadas

Graças ao CREME HINDS

Precaução...

—Trabalhando tanto não sei como as tuas mãos não ficam asperas e callejadas...

—É que eu tenho o cuidado de usar o Creme Hinds assim que termino os meus afazeres.

Indispensavel

—Como consegues taes primores com agulha sem amarrotar a seda?

—É que antes de começar eu sempre uso o Creme Hinds que deixa meus dedos macios e delicados.

O uso diario do Creme Hinds
- Amacia
- Branqueia
- Protege
- limpa e
- cura a pelle

CREME HINDS

Elegante
Pratica
Economica

Camisa não sunga

TYPO SPORT

UMA SO' PEÇA — EXCLUSIVO DA

CASA VIEIRA NUNES

Patente: 14.129 — AV. RIO BRANCO, 142

Preços: brancas, 20$, 25$ e 30$ — Côres, 23$, 25$ e 28$000

em S. Paulo: CASA D'OESTE — Rua de São Bento, 76-C

SALOMÉ

Por MUCIO DE CASTRO SERRA

E' aquella mulherzinha que está alli, parada á esquina, dando tréla á senhora do pharmaceutico. Sim: aquella mesma, que tem na mão um pitinho de barro fumegante e encardido...

"Dona" Salomé...

Móra lá d'outra banda do rio Parahyba, quasi a uma legoa distante da cidade, numa casinha bonita, caiadinha de branco.

Que andará ella fazendo por aqui?... Sei lá... Si hoje fosse domingo, eu diria, sem receio de errar, que ella veio vender os seus franguinhos, e fazer o seu sortimento semanal no mercado. Mas hoje não é domingo: é uma sexta-feira muito vazia e preguiçosa, dia de molleza e calor...

Emfim... que temos nós a ver com o que faça ou deixe de fazer a "dona" Salomé, a estas horas matinaes — que ainda é cedo... dez horas?... quasi: nove e cincoenta... Mas, que temos nós com o que a "dona" Salomé venha fazer á cidade?... Nada! Não temos nada, absolutamente, a perder ou a ganhar por isto.

Isto é: a ganhar... nós sempre ganharemos alguma coisa, embora insignificante. Pois a vista de "dona" Salomé lembrou-me um facto pequenino da sua vida conjugal, que vou contar já, sem mais delongas, com todos os ff e rr...

Mas, antes, reparem um pouco como é engraçada a caboclinha: com que denguice inimitavel ella sabe levar aos labios o canudo do seu pitinho, — e o geito enfeitiçante que ella lhes dá para soltar a fumaça... olhem... parece mesmo que está engatilhando uma beijóca para alguma bocca mui querida!... Ah! diabinha de morena!... Não foi á tôa que o Gregorio gostou della, com o pitinho e tudo!

E... que estará ella fallando, tão alto que d'aqui se ouve?... Escutam?... Conta á dama da janella, com riquezas de minucias, a ultima doença que acommetteu o seu cãosinho "Joly". Que coisa mais prosaica!... Para ella, entretanto, o assumpto de eleição é este — não ha fugir: — cães e gatos... Gatos, principalmente. Depois do Gregorio, o seu amôr é todo da gataria... Ha em sua casa uma creação enorme desses bichanos cheios de pulgas e asthmas... E ella é louca por elles. Sempre o foi: antes de casar-se, depois que se casou, — sempre foi assim, e jura que assim ha de ser, até que a "magra" lhe venha cortar o pavio da vida... O que o berço dá, só a sepultura tira — e ella ha de morrer amando os seus bichanos.

E, no caso a que me refiro, entram gatos pelo meio; não poderia ser d'outro modo: quem diz "dona" Salomé, diz dos seus quindins pelos gatos. Tanto que estou tentado a escrever aqui: "A vida de "dona" Saolmé é um sacco de gatos..." — mas poderia parecer exaggero. Então, restrinjo: o facto que me está no bico da penna para ser narrado [illegible] que é um sacco de gatos...

E vamos a elle:

Depois de prolongado namoro, o Gregorio pediu a mão de "dona" Salomé e... casaram-se.

Isto já faz uns cinco annos — pouco mais ou menos.

Si agora a caboclinha é catita, imaginem a formosura, o encanto que ella não foi, quando vicava no esplendor dos seus vinte annos! Heim?... "Era de truz!" — como diria Machado de Assis. Era mesmo! E o Gregorio sabia amal-a. Seria bem capaz de dar a vida por ella — que um dedo, já deu: o dedo mindinho da sua canhóta que lhe foi talhado a navalha numa briga em que se bateu leoninamente por ella. Assim, vê-se logo que daria a vida, tambem...

A Salomé — para que "dona"?... Salomé [illegible] o bastante. A Salomé gostava do Gregorio profundamente — como ainda gosta. Mas era bonita demais para um homem só. Que culpa tinha ella?...

Por isto, como a maioria das mulheres não desdenhava de ser cortejada: antes, apreciava. Era-lhe grata, appetecida coisa, o fazer ciumes ao pobre Gregorio. E este ralava-se: era ciumento como o mouro de Shakespeare...

Antes de se casarem, nada de mais aconteceu pelos zelos do enamorado — a não ser o tal dedinho decepado, de que já fallei. Mas depois... hum!... depois de casados é que foi o barulho grosso: uns seis ou sete mezes depois.

Assim: por cartas anonymas e intriguinhas de Sertequim, o Gregorio veio a saber que a Salomé — a sua bem querida Salomé — andava assim-assim, meio cá meio lá, com um amigo da casa. Um peccado! Uma coisa feia!...

Gregorio, resabiado, começou a sondar o ambiente. Começou a sondar, e, um bello dia, pilhou a ambos

GRAÇAS A'S GOTTAS SALVADORAS DAS PARTURIENTES DO DR. VAN DER LAAN

Desapparecem os perigos dos partos difficeis e laboriosos.

A parturiente que fizer uso do alludido medicamento durante o ultimo mez da gravidez, terá um parto rapido e feliz. Innumeros attestados provam exhuberantemente a sua efficacia e muitos medicos o aconselham.

Deposito Geral ARAUJO FREITAS & C. — RIO DE JANEIRO

Vende-se aqui e em todas as pharmacias e drogarias

Pela sua inconfundivel perfeição, elegancia, durabilidade e bom gosto. FOI O UNICO que obteve a mais alta classificação na Exposição Internacional do Centenario da Independencia do Brasil em 1922:

Hors Concours.

A' venda em todas as bôas casas da Capital e dos Estados

FABRICA

FERREIRA SOUTO & C.

RUA FONSECA TELLES, 18 a 10.

RIO DE JANEIRO

VIN DÉSILES

RECONSTITUINTE
DEPURATIVO
REGULADOR
APPERITIVO
DIGESTIVO
TONICO

CONVEM A TODOS OS EN FRAQUECIDOS

SOCIETÉ DU VIN DÉSILES
PARIS - LEVALLOIS

A SCIENCIA ENALTECE AS QUALIDADES DA "ASTRÉA"

O preparado ASTRÉA é de perfeita indicação na hygiene feminina, empregado em lavagens vaginaes.

a) *Fernando Magalhães.*

O uso do preparado ASTRÉA recommenda-se por suas magnificas qualidades antisepticas e hygienicas.

a) *Augusto Brandão Filho.*

ASTRÉA é um preparado usado em lavagens vaginaes, que eu aconselho vivamente na hygiene da mulher.

a) *Oliveira Motta.*

ASTRÉA é um dos melhores preparados destinados á tolette das senhoras. Attestando a sua efficiencia subscrevo um acto de justiça.

a) *Fernando Voz.*

Caixa Postal 1.577 — S. Paulo

Salomé

(Conclusão)

conversando a sós lá na horta. No fundo da horta!...

Ah! quem poderá dizer do seu desespero, da sua colera, das ganas que lhe assaltaram de assassinar, de estraçalhar, de beber o sangue daquelle miseravel intruso?!...

Mas ainda achou forças para dominar-se: não estraçalhou, nem bebeu sangue. Nada. Limitou-se a apontar a estrada larga ao miseravel, num gesto altivo de desdém...

Tambem não reprehendeu á mulher: não lhe dirigiu palavra aspera, nem insulto. Contentou-se em fital-a um momento, com uma expressão ferina de desprezo e asco... E ella quedava-se muda, estarrecida de decepção e medo... Depois, entrou em casa, um tanto casmurro, taciturno, — é verdade. Mas não tocou mais no assumpto, até á noite. Foi como si coisa alguma houvesse acontecido.

A' noite, então, foram ambos para a cozinha esquentar um café. Queriam beber um moka antes de cahirem na cama. Talvez isso os apaziguasse... E lá foram os dois para a cozinha. Ambos silenciosos, ambos constrangidos, como si entre elles houvesse alguma morte de homem. Estiveram assim sentados um defronte o outro, durante um tempo longo, enervante...

Afinal, um leve rumor attrahiu a attenção do marido para um canto obscuro da cozinha. Gregorio firmou bem a vista. E viu: dois gatinhos recemnascidos que, dentro dum caixote de gazolina forrado de estopa — ninho de gatos, — faziam esforços desesperados para pular fóra. Ficavam empinadinhos sobre as patas trazeiras, arranhavam, arranhavam a borda do caixote com as deanteiras — os olhos phosphorescentes arregalados, faiscavam como carvões accesos, — demoravam um instante nessa postura e... bumba!... tombavam de novo no fundo do caixote...

Gregorio mirou-os algum tempo, calado. Calado e immovel. Salomé olhava-o de soslaio. O desconsolo punha-lhe uma sombra na physionomia. Seus olhos estavam mais tristes. Parecia ter chorado.

Subito Gregorio encarou-a:

— Salomé!...

— Que é?...

— Vamos baptizar os gatos?...

— Ué! que lembrança é essa agora?...

Gregorio reconcentrou-se. Mas Salomé acquiesceu:

— Si você está querendo, vamos!

— Então, vamos!

E dito e feito. Gregorio levantou-se e foi em direitura aos gatos. Segurou-os pelos "cangotes", e trouxe-os para junto da cara metade.

— Eu baptizo este amarellinho, e você, esse malhado — disse.

— Não! Não! O amarellinho, quem baptiza sou eu! — protestou Salomé, tomando o animalzinho das mãos do marido e pondo-o ao regaço. Você baptiza o malhado, si quizer...

— Está bem. Eu baptizo o malhado. Por que não?... Mulher ha de ser sempre assim: basta que o marido queira uma coisa, para ella contrarial-o na mesma horinha.

E deixou o gato amarello a Salomé. Passou as mãos pelo dorso do malhado, que ronronou com força — não sei si de gozo ou de raiva. Mas isso não importa. Passou as mãos pelo dorso do malhado, acariciando-o, depois baptizou-o, proferindo estas palavras cabalisticas, e dando-lhe de leve um piparote bem na ponta do focinho humido:

— Eu vi, mas fiz que não vi; baptizo-te, David!

Disse isso, e largou o gato no chão; este, mal se pilhou em liberdade, deu um pulo e fugiu miando... Miando e espirrando.

Chegára a vez do amarellinho. Salomé, com elle ao collo, prestára muita attenção no que dissára o Gregorio baptizando o malhado. Prestára attenção, e comprehendêra literalmente o significado daquellas palavras extravagantes, — satanica allusão á scena passada de manhã na horta...

Salomé era fina como lá de kakago... Olé, si era!... Sabia livrar-se nas occasiões precisas, por mais embaraçosas que as circumstancias parecessem. Isto ella sabia, e bem!... Por isso, emquanto olhava na cara do marido, fazendo um risinho cheio de meiguice e seducção, ia pensando uma phrase que, ao mesmo tempo que puzesse um nome no gatinho amarello, encerrasse uma desculpa e um arrependimento pelo seu leviano deslise. Achou-a afinal. E os seus olhos pestanudos brilharam de ansiedade, emquanto, pausadamente, ella dizia isto, erguendo o gatinho á altura do rosto, segurando-o com ambas as mãos sob as patas deanteiras:

— Eu fiz, mas agora já não faço! Baptizo-te "Bonifacio"!...

Ah! E' coisa que não se descreve, o contentamento do Gregorio ao ouvir tal coisa!... O homem dava risadas, com lagrimas nos olhos!... Seu coração perdoava! Perdoava, e queria ainda mais — muito mais — á sua faceira caboclinha!...

Levantou-se um tanto commovido, — bastante commovido, mesmo, — e foi sentar-se juntinho della, no mesmo banquinho rustico. Ella abandonou o gato no chão. E Gregorio, mudo, embevecido, segurou-lhe as mãos... e apertou-as nas suas... as cabeças de ambos inclinaram-se uma para outra... Um amôr!... Um idyllio romanesco! — verdadeira lua de mel!

Indo visital-os nessa noite, ainda os encontrei assim, desse mesmo geitinho, lá na cozinha. Nenhum dos dois percebeu a minha entrada: ficaram encantados, quando deram commigo alli, de pé, na frente delles...

O "Bonifacio", solto no chão, lambia-se todo...

E o "David"?...

Onde estaria o "David"?... Que fim teria levado o "David"?...

Não se sabe...

(Do "Bandolim de Pierrot", inédito).

A PRECE DOS SIMPLES

Sobre uma gravura representando um casal de jovens camponios que, de regresso da sua modesta lavoura, ao cahir da tarde, ouvem ao longe o "Angelus", param e rezam, olhos postos no chão...

Veem do trabalho os dois. A Tarde, num desmaio,
Vae á Noite deixando o espaço ermo e vazio.
Não mais sequer do sol um derradeiro raio
Doura o monte, a campina, as florestas, o rio...

Da capella da villa o sino tange... Maio
Canta um hymno de amor ás flores, num cicio
De acusmata divina... — Ouvi-o, interpretae-o,
Vós, que ás flores teceis o perpetuo elogio...

Os camponios, ao ouvil-o, entendem-no. E á labuta
Cessam... — "Ave-Maria!" — o sino o diz plangente,
Convidando-os ao lar, ao repouso da luta.

E os olhares baixando á terra germinal,
Mãos ao peito, elles dois, humildes, tão somente
Pedem: "Livrae-nos, Deus, de todo o humano mal!"

PROMETHEU

I

No mundo — verdadeiro ergástulo em que vive —
O homem se fez galé da illusão que o tortura.
Moderno Prometheu — elle o encarna e o revive
Tendo um abutre, tambem, a roer-lhe a fressura...

Uma hora de prazer que do Amor lhe derive,
São cem annos de dor, um seculo de agrura!
E elle sobe da vida o doloroso aclive
Para depois descer, sereno, á sepultura.

E' a liberdade, emfim, que no mundo lhe assiste
Porque possa fugir á tragica masmorra
Em que o pária viveu, emparedado e triste!

E ai se não lhe restasse esta ultima esperança:
— Quando mais nada houver que, na dor, o soccorra,
Por si, elle ainda tem um tumulo... E descansa!...

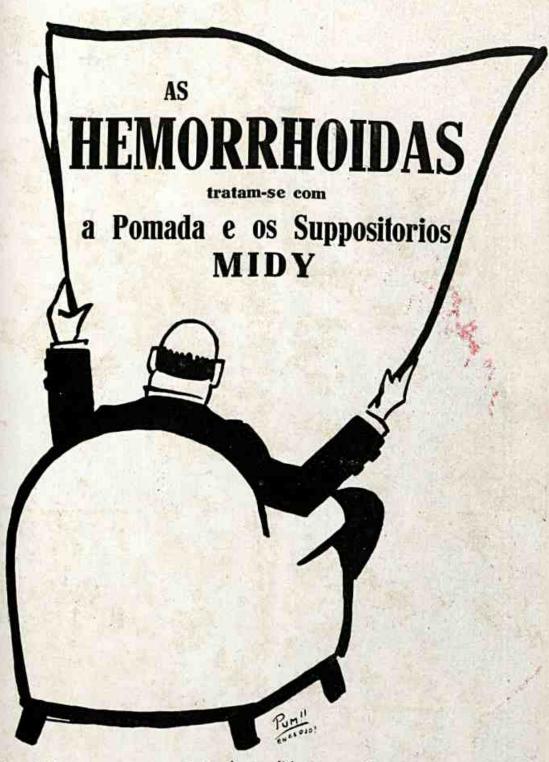
II

Não vale a pena, pois, desesperar-se em vida!
Paciencia no soffrer... Que a Fé não se esvaneça,
E a alma, eréta, nos siga á aspérrima subida,
E eréta, a nos seguir para o jazigo, desça.

Não fique cicatriz que recorde a ferida,
Para que todo o mal da materia pereça...
E a fulgir, como um sol na altura desmedida,
A crença ao nosso ser inspire e o fortaleça!

Na existencia terreal, de positivo, apenas
Os cilicios crueis, a illusão vulturina,
Todo um oceano voraz de lagrimas e penas!

Chega um dia... O homem cahe, como um heróe baleado!
E a alma de Prometheu, feita essencia divina,
Deixa o Cançaso hediondo e tôrvo do Peccado!

Isidro Nunes

As hemorrhoidas não são sómente terriveis pelos supplicios que occasionam nem pela desagradavel repercussão que teem sobre o temperamento das suas victimas : ellas são egualmente a origem de complicações de toda a especie, das quaes bastará simplesmente citar as menos graves taes como : as fendas, as fistulas, os abcessos, os phlegmões, que podem pela sua frequencia e conforme os casos, provocar accidentes mortaes.

LABORATORIOS MIDY FRÈRES, 4, Rue du Colonel Moll, PARIS

Agentes Geraes e exclusivos para todo o Brasil.

JULIEN & ROUSSEAU, 174, Rua General Camara — Caixa do Correio, 484, RIO DE JANEIRO

Kola-
Cardinette
Kola-
Cardinette
Fortificante
de Effeitos Rapidos